



Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Livia Sousa da Silva

**OS DISCURSOS DO JORNAL IMPRESSO O LIBERAL SOBRE
VIOLÊNCIA ESCOLAR EM BELÉM (2001-2010)**

Belém
2012



Universidade Federal do Pará
Instituto de Ciências da Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Livia Sousa da Silva

**OS DISCURSOS DO JORNAL IMPRESSO O LIBERAL SOBRE
VIOLÊNCIA ESCOLAR EM BELÉM (2001-2010)**

Texto de dissertação apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação, Universidade Federal do Pará.

Área de Concentração: Currículo e formação de professores

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Laura Maria Silva Araújo Alves.

Belém
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca Profª Elcy Rodrigues Lacerda / Instituto de Ciências da Educação / UFPA, Belém-PA

Silva, Livia Sousa da.

Os Discursos do jornal impresso O Liberal sobre violência escolar em Belém (2001-2010); orientadora, Profª. Drª. Laura Maria Silva Araújo Alves. – 2012.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2012.

1. Violência na escola – Belém (PA). 2. Jornalismo – Aspectos sociais – Belém (PA). 3. Significação (Psicologia). I. Título.

CDD - 21. ed.: 371.782098115

Livia Sousa da Silva

**OS DISCURSOS DO JORNAL IMPRESSO O LIBERAL SOBRE
VIOLÊNCIA ESCOLAR EM BELÉM (2001-2010)**

Texto de dissertação apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação, Universidade Federal do Pará. Área de Concentração: Currículo e formação de professores.

Banca Examinadora:

Laura Maria Silva Araújo Alves (Orientadora)
Dr.^a em Psicologia da Educação
Universidade Federal do Pará

Ivany Pinto Nascimento (Membro Interno)
Dr.^a em Psicologia da Educação
Universidade Federal do Pará

Denise de Souza Simões Rodrigues (Membro Externo)
Dr.^a em Sociologia
Universidade do Estado do Pará

Belém
2012
AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me concedeu a vida e as faculdades intelectivas necessárias ao êxito nos estudos.

Aos meus pais que aceitaram de bom grado a tarefa da minha criação e encaminhamento no bem, especialmente, à minha mãe. E, aos meus familiares que sempre torceram por meu sucesso.

Agradeço aos amigos que tenho, porque me amam por eu ser quem sou, e em especial ao meu companheiro Fernando.

Gratas lembranças de meus companheiros de curso e de meus professores que foram de suma importância nessa jornada.

Meus agradecimentos particulares ao Centro Cultural do Pará (CENTUR), instituição que possibilitou a execução da pesquisa; e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujos recursos financiadores possibilitaram a vivência da dedicação exclusiva e o sucesso desta empreitada acadêmica.

E o meu mais sincero agradecimento a quem me dedicou investimento, acolhendo-me como orientanda; à minha generosa orientadora, Prof.^a Dr.^a Laura Alves.

E, finalmente, porém não menos importante, agradeço a mim mesma por nunca desistir, apesar de tudo e de todos.

Sou uma constante reescrita.

É impossível não se dizer (no mínimo de letras)e,
ao mesmo tempo, em que não se pode tudo dizer
(no máximo de palavras).

Ronaldo Franco

É preciso dizer-lhe [...] que tua casa não é lugar
de ficar mas de ter de onde se ir.

RESUMO

O presente trabalho investiga os discursos da mídia impressa (jornal), acerca da violência escolar em Belém do Pará, no período de 2001 a 2010. Ante tal iniciativa, aponta-se como questão norteadora do estudo, saber: Qual o(s) significado(s) e sentido(s) de violência escolar produzidos nos discursos do jornal impresso “O Liberal” em Belém, no período de 2001-2010? Com o objetivo de: a) investigar quais os significados e sentidos produzidos pelo jornal impresso “O Liberal”, em Belém, no período de 2001-2010; (b) identificar qual a recorrência de matérias sobre violência escolar no jornal impresso “O Liberal” em Belém, no período de 2001-2010; (c) verificar que discursos são materializados no jornal impresso “O Liberal” em Belém, no período de 2001-2010, sobre a violência escolar, e por fim, (d) identificar a relação das imagens fotográficas com a construção discursiva do jornal impresso de “O Liberal”, em Belém, no período de 2001-2010, sobre violência escolar. E, uma vez partindo dos pressupostos da pesquisa documental, o *corpus* da pesquisa exploratória constitui-se de duzentos e sessenta (260) peças jornalísticas, levantadas junto à Biblioteca Pública Arthur Vianna (CENTUR). A partir desse *corpus* de 260 peças jornalísticas, consideramos vinte (20) peças jornalísticas, para compor o *corpus* de análise dessa dissertação, que se destaca por seu tratamento explícito e nomeado da violência escolar. A análise dar-se-á à luz da teoria/análise do discurso bakhtiniano; para a qual, todo discurso está impregnado de intenções ideológicas, o que dá significado e sentido às mensagens da mídia. O exame dos achados nos proporcionou concluir que, o número de publicações de peças com teor explícito na abordagem da violência escolar é muito pequeno em relação ao período estudado. Constatou-se também que o jornal “O Liberal” possui um posicionamento acerca da violência escolar que busca consolidar sempre que a aborda por meio da apropriação de falas testemunhais e do discurso científico. Verificou-se ainda que, a teia discursiva das matérias jornalísticas analisadas conjuga basicamente dez elementos quase sempre reiteráveis, sobre os quais compõe sentidos e apreciações que extrapolam significações dicionarizadas; em cuja trama, a imagem funciona como partícipe do movimento enunciativo que, da mesma forma evidencia a figura do aluno como principal ator das ocorrências violentas na escola e do fenômeno como caso de polícia e recursos de segurança. Neste sentido, espera-se poder contribuir para uma apreciação crítica da mídia em suas dimensões próprias de construção dos debates públicos; assim como para uma compreensão da violência escolar no âmbito da sua veiculação.

Palavras-Chave: Violência Escolar; Discurso; Sentido.

ABSTRACT

This study investigates the discourses of print media (newspaper), about school violence in Belem, in the period 2001 to 2010. Before this initiative, it points to the following guiding question of the study, namely: What (s) meaning (s) and direction (s) of school violence produced in the speeches of newspaper "The Liberal" in Bethlehem, in the period 2001 - 2010? With the objective of: a) to investigate the meanings and feelings produced by the newspaper "The Liberal" in Bethlehem, in the period 2001-2010, (b) identify the recurrence of stories about school violence in the newspaper "The Liberal" in Bethlehem, in the period 2001-2010, (c) verify that discourses are materialized in newspaper "The Liberal" in Bethlehem, in the period 2001-2010, about school violence, and finally, (d) identify the list of images with the discursive construction of the newspaper "The Liberal" in Bethlehem, in the period 2001-2010, on school violence. And since starting the assumptions of documentary research, the corpus of exploratory research consisted of two hundred sixty (260) news stories, raised by the Public Library Arthur Vianna (Centur). From this corpus of 260 news stories, we consider twenty (20) journalistic pieces, to form the corpus of analysis of this dissertation, which stands out for its explicit treatment and named school violence. The analysis will give the light of theory / Bakhtinian discourse analysis, for which, all discourse is imbued with ideological intentions, which gives meaning and direction to media messages. The examination of the findings provided us conclude that the number of publications of parts with explicit content on the approach of school violence is very small compared to the period studied. It was also found that the newspaper "The Liberal" has a position on school violence that seeks to consolidate when the approach through the appropriation of witness statements and scientific discourse. It was also found that the web of news stories analyzed discursive basically combines ten elements often, which makes up about assessments that go beyond the senses and meanings, whose plot, the image works as a participant of the movement of enunciation that, in the same way shows the figure of the student as the main actor of violent incidents in school and the phenomenon as a police and security features. In this sense, it is expected to contribute to a critical appreciation of the media in their own dimensions for construction of public debates, as well as an understanding of school violence in the context of its publication.

Keywords: School Violence; Speech; Sense.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Elementos consideráveis na identificação de uma situação de Violência Escolar	37
Quadro 2 – Peças submetidas à análise: editoriais e matérias com chamadas de capa	60
Gráfico 1 – Recorrência de matérias sobre violência escolar no jornal impresso O Liberal (2001-2010)	56
Gráfico 2 - Demonstração do nível de visibilidade da violência escolar no jornal impresso “O Liberal” (2001-2010) a partir das chamadas de capa e editoriais	56
Figura 1 – Matriz Analítico-Compreensiva do Corpus de Pesquisa	45
Imagem 1 – Chamada de capa O Liberal de 30 de outubro de 2001	63
Imagem 2 – Alunos atrás das grades: O Liberal de 30 de outubro/01	64
Imagem 3 – Chamada de Capa: O Liberal de 07 de abril de 2002	64
Imagem 4 – Alunos-Vítimas: O Liberal de 07 de abril/02	66
Imagem 5 – Aluno-Agressor: O Liberal de 07 de abril/02	66
Imagem 6 – Chamada de Capa: O Liberal 09 de abril de 2002	67
Imagem 7 – Chamada de capa “O Liberal” de 18/out./2003	68
Imagem 8 – Chamada de Capa O Liberal 28 de novembro de 03	69
Imagem 9 – A Pesquisadora: O Liberal 28 de nov. de 03	69
Imagem 10 – Chamada de capa O Liberal 09 de set/ 04	70
Imagem 11 – Chamada de capa O Liberal 16 de setembro de 2004	71
Imagem 12 – Alunos-Vítimas: O Liberal 16 de set/ 04	72
Imagem 13 – Histórico da violência nas escolas do Jurunas: O Liberal 16 de set/ 04	73
Imagem 14 – Denúncia da violência nas escolas: O Liberal 04 de fevereiro de 2005	74
Imagem 15 – Chamada de capa O Liberal 20 de dez/06	76
Imagem 16 – Alunos- Agressores: O Liberal 20 de dez/06	77
Imagem 17 – O Pesquisador: O Liberal 20 de dez/06	78
Imagem 18 – Chamada de capa O Liberal 23 de setembro de 2007	80
Imagem 19 - Adolescentes: O Liberal 23 de set/07	81
Imagem 20 – Os Pesquisadores: O Liberal 23 de set/07	82
Imagem 21 – Adolescentes II: O Liberal 23 de set/07	83
Imagem 22 – Chamada de Capa O Liberal 02 de set/08	85
Imagem 23 – Polícia vigiando a escola: O Liberal 02 de set/08	86
Imagem 24 – Ação Externa: O Liberal 02 de set/08	86
Imagem 26 – Ação Interna - Aluno: O Liberal 02 de set/08	87
Imagem 25 – Chamada de capa O Liberal 19 de dez/09	88
Imagem 27 – Chamada de capa O Liberal 07 de mai/10	89
Imagem 28 – Alunos: O Liberal 07 de mai/10	91
Imagem 29 – Medidas de Segurança: O Liberal 07 de mai/10	91
Imagem 30 – Portões de Ferro: O Liberal 07 de mai/10	92
Imagem 31 – Alunos e Cadeado: O Liberal 07 de mai/10	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Amostra dos achados no campo dos estudos sobre análise discursiva da mídia... 13	13
Tabela 2 – Amostra dos achados campo próprio dos estudos sobre Violência escolar..... 20	20
Tabela 3 – Apresentação geral dos achados jornalísticos..... 55	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
O CENÁRIO DAS PRODUÇÕES NO DOMÍNIO DA ANÁLISE DO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE VIOLÊNCIA ESCOLAR	12
1. A MUDIATIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR	25
1.1. A IRRUPÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NA MÍDIA.....	25
1.2. CONCEITUALIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA E VIOLÊNCIA ESCOLAR	31
1.2.1. Caracterização da violência escolar.....	33
1.2.2. Distinções importantes: violência x agressividade, conflito e indisciplina.....	38
2. APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS: ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO MIDIÁTICO EM BAKHTIN	42
2.1. TEORIA/ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO	42
2.1.1. Abordagem metodológica do discurso fotográfico	45
2.2. BASES METODOLÓGICAS OPERACIONAIS	47
2.2.1. Objetivos da pesquisa	47
2.2.2. Pesquisa com Documentos	48
2.2.3 A opção pelo jornal impresso e o período estipulado.....	49
2.2.4. Instrumentos de coleta de dados e manejo de documentos	52
2.2.5. Caracterização do <i>Corpus</i> de Pesquisa.....	54
2.2.6. Critérios de seleção do corpus de análise	58
2.2.7. Procedimento de Análise	61
3. O POSICIONAMENTO DISCURSIVO DO JORNAL “O LIBERAL” SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR	62
3.1. APRESENTAÇÃO DAS PEÇAS	62
3.1.1. Peça 1: Violência nas escolas	63
3.1.2. Pará é campeão da violência nas escolas.....	63
3.1.3. Peça 3: Gangues, armas e drogas se alastram na escola.....	64
3.1.4. Peça 4: Seduc faz ressalvas à pesquisa sobre insegurança	67
3.1.5. Peça 5: Escola leva planos de paz às ruas	68
3.1.6. Peça 6: Pará tem arma contra a violência	69
3.1.7. Peça 7: Polícia vai vigiar escola pública	70
3.1.8. Peça 8: Gangues impõem terror às escolas.....	71
3.1.9. Peça 9: Violência nas escolas espanta estudante	74
3.1.10. Peça 10: Violência nas escolas – especialistas apresentam soluções para o problema	75
3.1.11. Peça 11: Escola sitiada	75
3.1.12. Peça 12: Escola é território livre da violência em Belém.....	76
3.1.13. Peça 13: A educação acuada.....	79
3.1.14. Peça 14: Pesquisa desvenda violência nas escolas	80
3.1.15. Peça 15: A escola sob reflexos	84
3.1.16. Peça 16: Escolas vivem com medo da violência	85
3.1.17. Peça 17: Escolas sem autoridade	87
3.1.18. Peça 18: Violência tira alunos da escola	88
3.1.19. Peça 19: A indisciplina na escola	88

3.1.20. Peça 20: Violência tem portas abertas na escola	89
4. DISCUSSÕES ACERCA DAS PEÇAS JORNALÍSTICAS DE “O LIBERAL”	94
4.1. Contexto ideológico da violência escolar proposta no discurso do jornal impresso “O Liberal”	94
4.2. Correlação violência-pobreza-bairros nos discursos do jornal impresso “O Liberal”	97
4.3. Descrédito da escola pública nos discursos sobre a violência escolar	98
4.4. Os alunos como veículos da violência nas escolas nos discursos do jornal “O Liberal”	100
4.5. Visão tradicional do professor nos discursos do jornal “O Liberal”	103
4.6. Os pesquisadores como abalizadores do discurso do jornal impresso “O Liberal”	105
4.7. Alunos, professores e familiares como provas testemunhais nos discursos do jornal “O Liberal”	107
4.8. Papel do discurso imagético sobre violência escolar na trama discursiva do jornal impresso “O Liberal”	108
4.9. O descrédito com a SEDUC frente à violência nas escolas no discurso do jornal impresso “O Liberal”	110
4.10. Segurança e policiamento nos discursos sobre violência escolar do jornal impresso “O Liberal”	112
4.11. Família como uma das causas do problema da violência escolar nos discursos do jornal impresso “O Liberal”	115
4.12. Autorreferenciação do jornal impresso “O Liberal” como divulgador da violência escolar	117
CONCLUSÕES	121
REFERÊNCIAS	124
APÊNDICE A - Inventário dos achados Jornalísticos	143
APÊNDICE B – Apresentação resumida dos dados da pesquisa	175

INTRODUÇÃO

O fenômeno da violência escolar tem se constituído como preocupação de pesquisa e alimentando esforços de investigação e construção de conhecimento ao longo do meu percurso de formação acadêmica. Os estudos que realizei tiveram o intuito de poder, de alguma forma, estar a serviço de transformações no cenário do espaço escolar, que cada vez mais se tem mostrado permeado por situações de violência.

De certa maneira, os caminhos por mim percorridos anteriormente centraram atenções em questões pertinentes ao enfrentamento da violência no âmbito escolar, a partir da formação de professores e das iniciativas da própria escola. Na graduação em Pedagogia, por exemplo, empenhei-me na investigação sobre o nível de conhecimento dos graduandos em cursos de licenciatura na Universidade do Estado do Pará (UEPA), sobre o fenômeno *bullying*, cujas conclusões apontaram-no como expressão de violência escolar, com pouca visibilidade no âmbito acadêmico e negligenciado nas propostas de formação docente. Caracterizando, assim, uma realidade universitária insuficiente para subsidiar os futuros educadores, para o enfrentamento de situações presentes e cotidianas no bojo das relações e da dinâmica escolar, como a violência, especificamente o *bullying*.

Essa pesquisa de conclusão de curso propiciou uma maior visibilidade ao problema da violência escolar, especialmente da dinâmica intrínseca ao *bullying*; tarefa emergente, uma vez que suas consequências podem vir a se configurar em tragédias como homicídios em massa, atentados e suicídio. Além disso, evidenciou o papel da Universidade enquanto formadora de sujeitos reais, que terão de interagir e agir num espaço igualmente real e material, que infelizmente não os isenta de experienciar situações dessa ordem.

Tendo-se acumulado arcabouço teórico acerca da violência escolar e do *bullying* como um de seus matizes, buscou-se saber: qual postura a escola assume mediante as ocorrências de *bullying*, no sentido de proporcionar um espaço educacional privilegiador da garantia de direitos. Tal pesquisa foi desenvolvida em 2009/jan-mar./2010, em uma escola particular de Ananindeua e transformada em uma monografia – trabalho final de curso da especialização. Pela qual se concluiu, que esse espaço escolar, demonstrava inabilidade para identificar e lidar com as situações de *bullying*, não reconhecendo essas expressões de violência como sendo violadoras da formação identitária, da autoimagem e autoestima, comprometedora da vivência de direitos e da própria aprendizagem.

Pesquisa esta que vem contribuir para a problematização do papel desta escola nesse cenário, de modo que não venha a compactuar, seja pela vivência de práticas tradicionais que

humilham, castigam ou que negam a humanização da pessoa; seja pela omissão ou desinteresse em se informar e formar devidamente para prevenir e intervir nos possíveis casos de violência que venha a presenciar enquanto instituição.

Neste caminhar acadêmico, e como mestrandia em Educação, integrante do Grupo de Pesquisa Constituição do Sujeito, Cultura e Educação (ECOS), e em consonância aos interesses acadêmicos da linha a que me vinculo (Currículo e Formação de Professores), avanço nos estudos sobre violência escolar, mesmo que sob outras proporções, uma vez que aqui, buscamos a compreensão do fenômeno da violência na sua formação discursiva, que também não deixa de se relacionar com medidas de enfrentamento, já que os sentidos construídos pela mídia ao fenômeno têm incidido em iniciativas, inclusive do poder público.

Não obstante, neste limiar, justificamos o interesse em direção ao desvelamento da construção de sentido sobre o fenômeno da violência escolar, como reflexo do amadurecimento acadêmico-científico, o qual proporcionou uma percepção mais historicizada do fenômeno, que o pressupõe, antes de tudo, como discurso, que se mostra e se omite a depender dos sentidos a si empreendidos. Espectro negligenciado dessa discussão, como se pode notar a seguir.

O CENÁRIO DAS PRODUÇÕES NO DOMÍNIO DA ANÁLISE DO DISCURSO MUDIÁTICO SOBRE VIOLÊNCIA ESCOLAR

A noticiabilidade da violência escolar na mídia é um fenômeno razoavelmente recente que vem crescendo e tornando-se de domínio de toda a sociedade (ABRAMOVAY, 2002a; 2003; DEBARBIEUX E BLAYA, 2002; FUNK, 2002; NAVARRO, 2003; ORTEGA, 2002; PONTES, 2007; SPOSITO, 2001). Os poucos estudos realizados sobre violência escolar, sua divulgação lacônica e restrita, aliados às posturas negligentes de muitas escolas (ABRAMOVAY, 2003; DEBARBIEUX E BLAYA, 2002; SILVA L., 2010; FANTE; 2006) acabam por transferir à mídia, enquanto voz social, a responsabilidade pela divulgação das informações e casos sobre tal fenômeno. Esta última assume o papel de denunciadora e a partir das suas próprias condições de produção das notícias, participa da constituição da “violência escolar” enquanto problema social merecedor de atenção, estudo e intervenção (ABRAMOVAY, 2003; DEBARBIEUX E BLAYA, 2002; FUNK, 2002; ORTEGA. 2002; NAVARRO, 2003; LAURENS, 2006; LIMA, 2002a; 2002b; PIRES, 1985; SPOSITO, 2001).

Pensar sobre os sentidos que a mídia produz sobre a violência escolar, em Belém, é também considerar que, para além de uma concepção ingênua de mídia, apenas como agente social da informação, desinteressada e neutra, que apresenta os fatos tais como a realidade os

cria; faz-se importante proceder à análise desse discurso midiático porquanto ideológico, já que imbuído de interesses e valores que, ao propor as notícias como o faz, expressa, sobretudo, uma tomada de posição perante as questões sociais (BAKHTIN, 2009; CASTRO, 2002; LAURENS, 2006; LIMA, 2002a; 2002b; RODRIGUES, 1980; WOLF, 1999). Fato que configura em atitude cautelosa e justificável para uma melhor compreensão não só da violência escolar, mas, principalmente, do próprio funcionamento da mídia como articuladora de sentido e partícipe da construção da realidade social.

Ante tal tarefa, não poderíamos deixar de considerar iniciativas anteriores que se ocuparam deste mesmo objeto, suas proposições, formatos, análises e descobertas já efetuadas. De modo que estas possam permitir lançar novos olhares e outras demandas ainda não colocadas (ou pouco desenvolvidas) para o cenário dos estudos da análise do discurso midiático, subsidiando opções teórico-metodológicas e abordagens mais consistentes e congruentes à investigação que se deseja empreender.

Com a intenção de compor um cenário das produções no domínio da análise do discurso midiático, buscou-se o levantamento de trabalhos produzidos em programas de pós-graduação (teses e dissertações), por meio do banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); dos grupos de pesquisa que se ocupam dessa abordagem, no diretório dos grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); dos periódicos disponíveis no banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES); e das publicações da Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), em seus Grupos de Trabalho: Produção de Sentido e Estudos de Jornalismo. Além do levantamento realizado no campo de estudos diretamente voltados à violência escolar (nas mesmas bases de informações).

Tabela 1 – Amostra dos achados no campo dos estudos sobre análise discursiva da mídia.

Base de Dados	Nº de Trabalhos	
		46
BDTD	Teses	Dissertações
	10	36
Grupos de Pesquisa (GP's)	27	
Periódicos/ CAPES	14	
COMPÓS	13	
Total	100	

Fonte: Construção dos autores a partir dos achados nas bases de dados indicadas. 2010.

No que diz respeito à BDTD, que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes em aproximadamente cem instituições de ensino e pesquisa brasileira, foram encontrados quarenta e seis trabalhos sobre análise discursiva da mídia, entre dissertações (36) e teses (10). A maior concentração de trabalhos está na região Sudeste (17), acompanhada da região Centro-Oeste (12) e em números menos expressivos nas regiões Sul (9) e Nordeste (8). A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) lidera com onze trabalhos encontrados. De maneira geral as teses e dissertações que tratam da análise discursiva da mídia circunscrevem-se predominantemente na área da linguística (21), seguida da área da comunicação (14). Mas há extravasamento dessa preocupação para outras áreas, embora de maneira mais tímida – ciências sociais (3), educação (3), saúde coletiva (2), relações internacionais (1), ciências da saúde (1) e gerontologia (1).

No diretório dos grupos de pesquisa do CNPq, encontramos quarenta e nove grupos de pesquisa (GP) que abordavam a temática que aqui interessa; mas em razão das dificuldades de acesso às produções, uma vez que muitos desses grupos não indicam endereço de *home page* própria, ou mesmo nos sítios de suas universidades, não as disponibilizam; trabalhamos com achados de apenas cinco grupos, e com alguns artigos de líderes de GP, os quais somam vinte e sete produções ao todo.

Levando em consideração o ano de formação desses GPs, podemos afirmar que as iniciativas nesse campo da análise do discurso midiático são bastante recentes, no Brasil, datando do início da década de 1990 e com apenas quatro composições de GPs nesse período. A Universidade Federal de Alagoas (UFAL) inaugura as discussões nesse campo, no país, com a formação do primeiro GP, em 1990, o que só voltaria a acontecer, em 1995, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). De 2000 a 2005, a média é de até três formações de GPs engajados em tal tipo de pesquisa e análise. No ano de 2006, esse número eleva-se, consideravelmente, chegando a sete os GPs formados nesse ano, marca que só se alcança, novamente, em 2010. Entre 2006 e 2011, a média é de, aproximadamente, cinco GPs constituídos com linhas de pesquisa nessa área.

De modo análogo ao que se percebe na análise das produções de teses e dissertações, em relação aos GPs, a maior concentração de produções está localizada também na Região Sudeste (16 GPs). Mas há, aqui, um diferencial, que é a quase equiparação à Região Nordeste, com quinze grupos de pesquisa. A Universidade Federal da Bahia aparece com destaque, por reunir o maior número de GPs numa mesma instituição (4). O Sul do país agrega dez GPs, um número também bastante significativo, acompanhado do Centro-Oeste, com sete grupos. A

Região Norte apresenta apenas um GP ocupado de tal temática, na Universidade do Tocantins (UNITINS).

A respeito das áreas de concentração sob as quais os GP's se formam, também não há muitas alterações, a linguística desponta como área que subsidia a formação de trinta e dois desses GP'S, seguida da comunicação (13) e por iniciativas menores de áreas como a Educação (1), Ciência Política (3), História (1) e da Educação Física (1).

Quanto ao banco de dados de periódicos da Capes, evidenciamos quatorze achados. Destes, sete são advindos da Região Sudeste, quatro da Região Centro-Oeste, um, do Nordeste, e um, da Região Sul. Com base nisso, notamos que, apesar de a Região Sudeste aparecer, de certa forma, como expoente nos estudos sobre a análise discursiva da mídia (ADM), o número de trabalhos publicados encontrados foi muito baixo. De certo, está se ponderando que muitas dessas publicações não foram consideradas por tratarem da análise discursiva da publicidade e de outras mídias que não a impressa, cujas condições de produção são muito diversas entre si.

Mesmo considerando o *corpus* privilegiado – a busca de estudos sobre ADM impressa e eminentemente jornalística, o número de achados referentes à Região Sudeste em periódicos foi pequeno. Daí, podemos abstrair pelo menos duas circunstâncias: a de que os trabalhos dessa Região, e mesmo das demais, concentram-se mais na ADM publicitária e em outras mídias que não a impressa; e/ou que a sua publicação se dê, na maior parte, em periódicos que não estejam vinculados ao banco de dados da Capes. A principal área produtora de estudos no campo da ADM impressa, nessa base de dados, foi a das Ciências da Saúde¹, com cinco trabalhos; Letras, em seguida, com quatro, e, em menor frequência, Administração (1), Bioética e Direitos Humanos (1), História (1) e Psicologia (1).

Além das bases de dados já mencionadas acima, também se campearam trabalhos na COMPÓS. Por meio desta, alçaram-se treze achados congruentes aos interesses dessa pesquisa, entre os dois GTs – *Produção de Sentido* e *Estudos de Jornalismo*. Dos treze trabalhos, seis são oriundos de universidades da Região Sudeste, três da Sul, dois da Nordeste e um da Região Centro-Oeste. Como se trata de um evento específico da área da Comunicação² é compreensível que o número maior de trabalhos viesse de esforços nessa área (10), mas ainda encontramos um trabalho da área de Letras e outro da Sociologia.

¹ Consideramos como Ciências da Saúde os que se intitularam dessa forma, mas também os trabalhos que se apresentaram como Saúde Coletiva e Saúde Pública.

² Não vamos considerar os achados do Compós na análise de âmbito geral (área de fomento), por este ser específico de uma área, o que pode vir a distorcer os resultados se tomados todos na compreensão desse cenário no Brasil.

De maneira geral, dentre os cem trabalhos encontrados, nas bases do diretório de grupos de pesquisa, periódicos (Capes), BDTD e do Compós; quarenta e três são oriundos da região Sudeste, vinte e três da região Sul, dezenove da região Centro-Oeste, quatorze da região Nordeste e nenhum da região Norte. O que nos leva a concluir que a região Sudeste desponta em produção no campo da ADM, muito embora haja proximidade entre as outras regiões, exceto a região Norte que demonstra uma inexistência de trabalhos disponíveis nestas bases de dados, o que pode realmente representar uma preocupante baixa produtividade ou apenas um reflexo da escolha dos espaços de busca.

Destacam-se as PUC³ e a UNB como as instituições representantes do maior número de trabalhos, vinte e um e onze, respectivamente. As áreas de Letras (45) e de Comunicação (29) são as que mais se dedicam à ADM, muito embora, como já percebido na análise individual de cada base de dados, tal temática venha sendo objeto de outras áreas, como a de Ciências da Saúde (8) e, em proporções bem menores, a de Educação (4).

O recorte temporal compreendido pelos achados está entre 1997 e 2011, demonstrando uma crescente no interesse pelo desenvolvimento de trabalhos no campo da ADM, isto porque, entre 1997 e 2004, a média é de dois a três trabalhos por ano; em 2005 alcança-se a marca de oito trabalhos apenas nesse ano, e chega a vinte e quatro, em 2010, de maneira que, entre 2005 e 2011, a média se aproxima de doze trabalhos publicados por ano.

No que diz respeito aos objetos e problemas levantados por essas produções, observou-se que existe certa relação de proximidade entre eles, o que permite agrupá-los sob um mesmo fim. Nesse sentido, é possível destacar um grande número de trabalhos que investigam a forma como a mídia representa certos fatos sociais, o que se observa em Ghilardi (2010) e Swain (2001) sobre as relações de gênero; em Wandscheer (2008) sobre o crime organizado; Rodrigues e Nascimento (2010), sobre o sistema de cotas para negros; Lyra (2010) focalizando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); Morgado (2010), a educação; Caetano P. (2007), as relações raciais; Grigoletto (2005) estudando a divulgação científica; Assolini (2009), a sexualidade; Zanon (2009), o funk carioca; Leal (2005), as privatizações; Pereira, Macedo e Heins (2009), a Amazônia; Vieira e Pereira (2010), também a Amazônia; Oliveira *et al.* (2010), pondo em foco a área da saúde; Tomita e Padula (2002), um acidente radioativo; e Njaine e Minayo (2002), rebeliões de jovens infratores.

³ Consideramos as PUCs de São Paulo, Campinas, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

Outros estudiosos apontam como a mídia representa certos sujeitos: os homens (gênero masculino), tema encontrado em Ghilardi-Lucena (2009) e Ghilardi (2005); as mulheres na política, em Gomes (2007), Morais (2008), e em Barbara e Gomes (2010); as mulheres como profissionais de um modo geral, em Assumpção (2008); o corpo feminino, em Andrade (2002); jovens infratores, em Pedrosa (2008); pessoas com deficiência, em Silva M. C (2007); e se ocupando da representação de índios, negros e meninos de rua, localizamos Martins (2005). A preocupação, nesses trabalhos, é apenas da descrição de tais representações, o que, às vezes, é acompanhada de questionamentos sobre se é justa ou não, porém não problematizam o porquê da mídia o fazer como faz.

No que diz respeito a Machado R. (2007), Ferreira R. (2009), Ribeiro *et al.* (1998) e Tamanini-Adames (2010), podemos dizer que, para além da preocupação do “como” a mídia representa fatos e/ou sujeitos, eles também questionam seu conteúdo ideológico. Há, ainda, Ferreira J. (2010) e Frazão (2010) que se detêm da problematização quanto à participação dos cidadãos na construção discursiva da mídia, na representação de situações sofridas por eles, ou seja, do acesso que as pessoas têm à mídia para se expressar e expor seus pontos de vista. E o trabalho de Machado M. (2001), sobre a análise do discurso enquanto metodologia por excelência da análise do discurso midiático.

Alguns estudos como o de Imbroisi (2009), Costa (2009), Medeiros (2010), Gomes (2010) e Silva L. M (2001) vêm tratando das condições de produção do discurso midiático; e os de Oliveira A. (2006), Silva S. (2007), Agüero (2008), Da Costa (2009), Corrêa *et al.* (2007), Mendes (2010), Dornelles (2002), Brusius (2002), Bernardes (2009), Gregolin (2007) e Tamanini-Adames (2010), tratam da relação entre as produções de sentido da mídia e a construção de identidades/subjetividades. Há, ainda, os estudos de Barros (2010), Oliveira E. (2010), Benites (2009), Lameiras (2006), Rangel (2003), Maksud (2008), Barbosa (2008), Brito e Pasetti (2007), Fabrício (2005), Santos (2010), Kuwae (2006), e Henn (2005), que questionam se as representações feitas pela mídia existem, de fato, enquanto objeto material, ou são apenas construções discursivas da própria mídia.

Outro expressivo número de trabalhos dedicou-se a situar quais as estratégias discursivas utilizadas pela mídia para representar fatos e sujeitos, como é o caso de Silva L. S. (2008), Trindade (2007), Brito (2007), Silva M. (2008), Silveira e Pasetti (2007), Silva M. C. F (2011), Dalmonte (2010), Matheus (2009), Lima F. (2010), Campos (2010), Souza J. (2008), Assis (2010), Silva A. (2010), Bruggemann (2010), Cruz (2010), Ferreira L. (2007), Franciscato (2000), Amaral (2005), Peruzzolo (2001), Gonçalves e Melo (2010), Bueno

(2008), Bonfin (2003), Camargo (2008), Ramalho (2005), Gregolin (2004), Guimarães (2006), Serra (2004), Serra e Santos (2003), Traquina (2000) e Caetano K. (2005).

Não encontramos nenhum trabalho que problematizasse a presença da violência escolar na mídia. Há estudos que buscam compreender as representações da violência na mídia, mas de uma violência que ou é genérica, como nos trabalhos de Dias (2008), Lisboa (2007) e Candiani (2007), ou é específica, como os de Garbin (2009), que problematiza a representação do assédio moral na mídia; os de Souza A. (2009) sobre a representação da violência com idosos; de Silva L. K. (2008) sobre o abuso sexual infanto-juvenil; os desenvolvidos por Souza L. (2009) sobre a cobertura de um caso específico sobre violência com criança; e por Ferraz (2000), que trata da representação da violência nas favelas do Rio de Janeiro.

No que concerne às metodologias e respectivas teorias utilizadas, há quarenta e quatro trabalhos que indicam a *Análise do Discurso* baseada nos mais variados autores, como opção teórico-metodológica⁴. O principal destaque é para a análise do discurso em Foucault, indicada em oito destes trabalhos e para a análise do discurso em Pêcheux (6) e em Fairclough (5). Outros nomes são Bakhtin (2), Maingueneau (2), Charaudeau (2), Teun Van Dijk (1), Ducrot (1); e ainda outros que desenvolvem análise conjugando teorias de mais de um autor: Foucault e Bakhtin (2), Spink e Medrado (2), Pêcheux e Floch (1), Bakhtin, Deleuze e Maingueneau (1), Orlandi e Maingueneau (1), Maingueneau e Foucault (1), Foucault, Pêcheux e Freda Idursky (1), Foucault, Bakhtin e Pêcheux (1), Bourdieu, Foucault e Charaudeau (1), Barros e Horlandes (1), e Fairclough e Charaudeau (1).

Há, ainda, pesquisas que anunciam a *Análise Crítica do Discurso* (5), cujas teorias de base ancoram-se em Fairclough (2), Van Dijk (1), Foucault (1), Teoria Feminista e Estudos Culturais (1). Outros que apontam a *Análise Crítica e Sistêmico-Funcional* (1), sob a teoria de Fairclough. Oito trabalhos desenvolvem suas análises por meio da *Análise do Discurso Francesa*, com a utilização de autores como Pêcheux (2), Foucault (1), Charaudeau e Orlandi (1), Maingueneau e Floch (1), e, curiosamente, um trabalho que considera juntamente com Foucault, Pêcheux, Maingueneau, Certeau e Orlandi, a teoria do filósofo russo Bakhtin. Merecem destaque outros dois trabalhos que anunciam a utilização da *Análise do Discurso Franco-Brasileira*.

⁴ Não identificamos a opção teórica em 18 trabalhos.

Um considerável número de trabalhos que consideram a análise do discurso e outros métodos, como: – a *Análise do Discurso e Análise do Conteúdo* (2), havendo um que aponta Bardin e outro que, além da de Bardin, também utiliza a teoria de Fairclough; – *Análise do Discurso e Linguístico-Cognitiva* (1), por Maingueneau; Charaudeau e Locof; e Turner; – *Análise do Discurso e Semiótica* (2), incluindo História Cultural; Barthes e Benveniste (1); e Fairclough; Bourdieu; Wacquant e Cress; e Van Dijk (1); – *Análise estrutural do discurso, Análise Sócio-Crítica e Hermenêutica* (1), com a Teoria Social de B. Jhon Thompson; – *Análise Dialógica do Discurso, Análise Crítica do Discurso e Análise Linguística Sistêmico-Funcional* (1), por Fairclough e Bakhtin.

Existe também, três estudos que se dedicam somente à *Análise de Conteúdo*, a saber, Bardin (1), teoria do Jornalismo para a paz (1) e Abordagem Sociológica (1). E outros, somente à Análise Semiótica (8), que aparece descrita como: – *Análise Semiótica* (3), por Semprini e Floch (1); Landowski (1); e Bystrina (1); – *Análise Semiótica Discursiva* (4), trazendo Greimas (2); Lituano, Greimas e Algida (1); – e *Análise Semiótica Cultural* (1), com estudos de Bystrina.

E, por último, alguns trabalhos que utilizam outros métodos: – *Análise Texto-Verbal* (1), por Fabiane Moreira; Maingueneau; e Ivan Lima; – *Interpretação Técnico-Científica* (1), valendo-se da Teoria da Interpretação de Paul Ricoeur; – *Análise Lexical* (1), com a Teoria das Representações Sociais de Moscovici; – *Gramática Sistêmico-Funcional* (GSF) (3), trazendo Halliday; – *Método Etnográfico* (1), por Da Matta; – *SPSS (Statistics Package for the Social Sciences)* tratando desse *software* de análise estatística. Além desses, nove trabalhos de *Revisão Bibliográfica*.

Sobre o recorte temporal, há trinta e quatro estudos que analisam apenas um ano de produção midiática sobre o objeto ao qual se dedicam; destes, um, apenas, faz levantamento na década de 1970; um, sobre a década de 1980; três, sobre a década de 1990; e vinte e nove trabalhos que levantam informações nos anos referentes às décadas de 2000 e 2010. O que nos leva a perceber que os trabalhos sobre análise do discurso midiático, privilegiam a compreensão dos discursos da contemporaneidade. Os períodos mais extensos de análise são de três trabalhos de dissertação: um que investiga o *corpus* compreendido entre 1968-2005, um período de trinta e sete anos; outro, de 1968 a 2007 (39 anos); e o mais vasto, que considera um período de 40 anos. Os demais oscilam entre meses de um ano específico, dois anos, três anos, cinco anos, uma década, e anos intercalados em décadas diferentes.

De modo geral, é possível perceber três compreensões sobre a produção de sentido da mídia, formadas a partir das conclusões dos estudos levantados: uma seria a dos trabalhos que

tomam a representação da mídia como reflexo do real e se limitam a descrevê-la, apenas para realçar certos pontos de vista sobre determinado objeto; outra, a que percebe a mídia como aparelho ideológico que se utiliza das mais diversas estratégias discursivas para manter uma ordem hegemônica, e sob interesses de classe; e a última, que entende a mídia como partícipe dos jogos discursivos, de produção de sentido e, conseqüentemente, de poder, que constrói sentido a partir de seu lugar próprio, de condições/estratégias que lhe são intrínsecas, as quais, imbuídas de interesses e valores, situam-se para além da informação imparcial; influenciando as pessoas na sua forma de compreender o mundo e de se constituir enquanto sujeito, porém não o determinando.

Do campo próprio dos estudos sobre violência escolar, os achados do levantamento empreendido permitiram a síntese apresentada na tabela a seguir.

Tabela 2 – Amostra dos achados campo próprio dos estudos sobre Violência escolar

Base de Dados	Nº de Trabalhos	
BDTD	33	
	Teses	Dissertações
	2	31
Grupos de Pesquisa	33	
Periódicos	49	
Busca Livre	9	
Livros/Capítulos	6	
Total	130	

Fonte: construção dos autores a partir dos achados nas bases de dados indicadas. 2010.

Faz-se relevante ressaltar que, dentre cento e trinta (130) trabalhos encontrados, apenas o trabalho de Laurens (2006) discute a relação entre o contexto de violência na realidade das escolas e a representação dessa violência na mídia. Trata-se de uma revisão bibliográfica, à revelia de análise documental e/ou empírica do espaço escolar. Tal autor o tece, sobretudo, baseado em articulação de fontes bibliográficas e, apesar de apontar alguns fatos que se tornaram notícias na mídia, não faz qualquer menção à pesquisa realizada, ou fontes.

O que, da mesma forma, é realizado por Debarbieux (2002) no livro “Violência nas escolas: dez abordagens europeias”, numa subseção do primeiro capítulo – O perigo da mídia – onde questiona a construção de uma falsa ideia de insegurança, proposta pela mídia, o que segundo esse autor, abre precedente para que o discurso da violência seja utilizado para o conservadorismo e a repressão. Ele adverte que as pesquisas, assim como a mídia, não

deveriam tratar tal temática apenas como mais uma simples qualificação alternativa de novos episódios, sob uma ótica de curto prazo, mas evidenciá-la enquanto construto histórico-social que, como tal, não surge de repente.

A partir disto, foi possível perceber que os maiores esforços de pesquisa sobre violência escolar estão concentrados na compreensão do fenômeno e da sua dinâmica no contexto escolar (37,5%). Seguem-se trabalhos que se detêm na investigação de ações interventivas e preventivas desenvolvidas pelas escolas (19%); e outros, que tratam das representações construídas por escolares acerca da violência escolar (14%) e do papel dos pais e educadores mediante o fenômeno da violência (11%). Em menor número, aparecem, também, estudos que vêm tratando dos possíveis determinantes da violência escolar (6,5%); das relações entre as manifestações de violência na escola e questões de gênero (5%); da questão da violência escolar em relação à saúde (1%), tratada por um estudo; e outros que percorreram das políticas públicas de intervenção à violência nas escolas (4%).

Dentre as áreas do conhecimento que se ocupam da violência escolar, destacam-se a Educação, as Ciências Sociais e a Psicologia, como áreas que demonstram uma expressividade maior em relação ao desenvolvimento de trabalhos com essa abordagem; apesar de outras também aparecerem nesse contexto, ainda que com menor impacto, tais como o Serviço Social e a Teologia, por exemplo. A partir desse panorama, é possível evidenciar que o debate a respeito da violência escolar é uma questão que não tem se limitado apenas à Educação, apesar da predominância dos estudos nessa área. Entretanto, outros profissionais também têm se dedicado a pensar esse fenômeno, que é complexo em si mesmo, exigindo ações articuladas e transdisciplinares no seu trato.

Mas apesar desse amplo esforço de produção de conhecimento na área, no que diz respeito às apreensões acerca das representações que a mídia tece sobre a violência escolar; estas têm se destacado como estudos apenas de áreas outras que não a Educação, embora as notícias a respeito da violência escolar serem recorrentes na mídia, o que deveria estar impulsionando curiosidades epistemológicas de compreensão do seu papel como difusora (também) dessa temática, de modo que pudesse ser objeto de reflexão na agenda das escolas e por pesquisadores da Educação.

Outro destaque pertinente está para a quase inexistente atuação de pesquisadores da Região Norte nesse contexto de investigação. Pois, apesar da violência perpassar contextos midiáticos diversos e indistintamente, os focos das pesquisas mostram-se concentrados nas Regiões Sul e Sudeste, o que é intrigante, uma vez que somente essas Regiões têm merecido destaque enquanto produtoras e lócus de pesquisa. Há a emergência de trabalhos que discutam

as singularidades culturais e educacionais amazônidas em suas manifestações midiáticas, de maneira a se fazerem conhecer não só os processos de construção da opinião pública sobre certos fenômenos sociais, como a violência escolar, mas também para inseri-la de forma mais contundente no contexto maior das iniciativas de produção de conhecimento.

Os esforços empreendidos no levantamento de tais trabalhos de pesquisa foram de imprescindível importância para a compreensão do campo de pesquisa sobre violência escolar na mídia; ou melhor, do quanto esta temática não tem estado nas agendas de pesquisa. Muito embora a mídia esteja continuamente construindo uma imagem sociocultural da escola, ao publicizar a violência escolar em suas manchetes, as pesquisas continuam alheias à problematização de tais significações empreendidas pela mídia, acerca das escolas brasileiras e seus contextos.

Destacamos, dessa forma, o quanto o campo que se detém na pesquisa sobre a violência escolar é insipiente de estudos que possam traduzi-la para que haja compreensão de suas dimensões histórico-culturais, principalmente, em relação à forma pela qual a mídia tem construído significados sociais acerca desse tema, influenciando, muitas vezes, a forma pela qual as pessoas estabelecem suas condutas perante os eventos de natureza violenta e para a qual o arcabouço documental estaria em privilégio. Pois a grande maioria dos trabalhos tem se ocupado da dinâmica do fenômeno na escola, sem a compreensão de como os sujeitos escolares e, de maneira ampla, os sujeitos sociais significam o fenômeno, o que implica diretamente a forma como esses se comportam perante tais situações.

Assim, dentre um significativo conjunto de questões, ainda não investigadas, que afetam os processos educativos e, em especial, a escola na sociedade contemporânea. A partir desse espectro de abordagens e concepções de todo um campo de estudos sobre a produção de sentido e da análise do discurso midiático, é que reiteramos a pertinência de um estudo que considere a mídia como partícipe da construção de certa imagem da violência escolar na cidade de Belém e como vetor privilegiado dessas informações. Neste sentido, levando em consideração que há um grande esforço para a compreensão do fenômeno da violência escolar, talvez seja tempo de considerar seus significados no âmbito da sua veiculação.

Em virtude disto, apontamos como objeto de estudo os discursos do jornal impresso “O Liberal”, no Estado do Pará, sobre casos de violência escolar no âmbito da cidade de Belém; de modo a se fazer saber: qual o(s) significado(s) e sentido(s) de violência escolar produzidos nos discursos do jornal impresso “O Liberal” em Belém, no período de 2001-2010? Cujos objetivos ocupam-se em: a) investigar quais os significados e sentidos produzidos pelo jornal impresso “O Liberal” em Belém, no período de 2001-2010; (b)

identificar qual a recorrência de matérias sobre violência escolar no jornal impresso “O Liberal” em Belém, no período de 2001-2010; (c) verificar qual o discurso materializado no jornal impresso “O Liberal” em Belém, no período de 2001-2010, sobre a violência escolar, e por fim, (d) identificar a relação das imagens fotográficas com a construção discursiva do jornal impresso “O Liberal” em Belém, no período de 2001-2010, sobre violência escolar.

Ante tal tarefa, e privilegiando o arcabouço documental da mídia impressa (jornais) – seus discursos e suas respectivas significações construídas sobre as situações de violência nas escolas de tal cidade – elegemos a análise do discurso, a partir do pensamento bakhtiniano, como arcabouço teórico-metodológico, principalmente, por se tratar do estudo da enunciação por excelência, meio pelo qual é possível pensar o discurso demarcado histórico culturalmente, já que apresenta uma perspectiva de linguagem que considera sua historicidade, os sujeitos e o social, percebendo-a para além de elementos sistemáticos e invariáveis. Ou seja, a linguagem é concebida como variável e criativa.

A análise que se empreenderá neste trabalho será de um *corpus* de vinte (20) peças jornalísticas, entre matérias e editoriais, advindas do acervo de jornais da Biblioteca Pública Arthur Vianna, no Centro Cultural do Pará (CENTUR). São matérias que mais concederam visibilidade ao fenômeno da violência escolar e, no caso dos editoriais, por serem o espaço discursivo de posicionamento do jornal, assumidamente pela mídia. Muito embora, a recorrência de matérias no período levantado tenha sido muito superior a este número considerado para a análise discursiva, o que será explicado melhor no decorrer do trabalho.

De forma geral, este estudo orchestra-se em basicamente três capítulos. O capítulo 1, que trata de questões mais conceituais, com o intuito de subsidiar um escopo teórico de revisão da literatura que seja capaz de articular discussões acerca dessa visibilidade dada a violência escolar na mídia; assim como situar a compreensão de violência escolar que sustenta as iniciativas dessa investigação.

O Capítulo 2 detém-se na abordagem teórico-metodológica empreendida, apontando a teoria dialógica de análise discursiva, proposta por Bakhtin, sob a qual emergem as categorias analíticas de significado e sentido, utilizadas no enfrentamento da produção midiática do jornal impresso “O Liberal” em Belém, no período de 2001-2010; e a apresentação amiúde dos procedimentos de levantamento, tratamento e análise dos dados.

E, por último, o Capítulo 3, que é destinado à exposição dos discursos do jornal impresso “O Liberal” em Belém, no período de 2001-2010 – dos elementos reiteráveis desse movimento enunciativo, os quais sustentam a trama discursivo-ideológica desse jornal – e o consequente levante de seus significado (s) e sentido (s), dos quais, se sobrelevam algumas

discussões mediante o que o jornal impresso “O Liberal” veicula como violência escolar, destacando assim, seu próprio posicionamento acerca do fenômeno. Por fim, lançamos nossas conclusões em virtude dos achados e, ainda algumas considerações finais que porventura venham a contribuir com pesquisas vindouras e iniciativas de divulgação científica na mídia, ou da utilização desta, como espaço de reivindicação e debate das questões sociais.

1. A MUDIATIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Acreditamos que para introduzir a violência escolar enquanto problema social midiaticizado faz-se importante primeiramente refletir acerca dessa sua visibilidade na mídia, na busca de esclarecimentos que possam vir a contribuir para a compreensão das questões que a fazem emergir do cotidiano à pauta dos jornais. Embora não se tenha encontrado estudos que discutam a midiaticização da violência escolar em específico, lançamos mão de conhecimentos da ordem do agendamento e das motivações de noticiabilidade na mídia e outros próprios do campo da violência escolar, para propor alguns caminhos reflexivos.

Ainda nos propomos a elucidar conceitualmente o fenômeno da violência escolar, ao situarmos o embasamento teórico-conceitual sustentáculo de nossas incursões nesse campo, uma vez que se trata de uma demanda premente ao desenvolvimento deste trabalho – decisivo na construção do estudo como um todo; reconhecendo-a como construto sócio-histórico, de natureza política e abrangente de toda ação que resulte em danos a outrem, sejam estes físicos, morais e ou psicológicos.

Não obstante, expõem-se a frente, algumas reflexões que possam suscitar alguma compreensão acerca desse esforço da mídia na publicização da violência escolar.

1.1. A IRRUPÇÃO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NA MÍDIA

Tendo-se por base que os discursos midiáticos possuem hoje certa legitimidade, no tocante à denúncia e promoção de debates amplos sobre problemas sociais, é que se o questiona enquanto voz social privilegiada na manifestação de pontos de vista sobre a violência escolar, ao nível de participar mesmo de sua construção enquanto objeto de estudo e ou questão social digna de atenção e intervenção.

Muitos estudos (ABRAMOVAY, 2003; DEBARBIEUX E BLAYA, 2002; SILVA, 2010; FANTE; 2006) têm apontado a fragilidade do campo das pesquisas em violência escolar, e de certa desresponsabilização por parte das escolas. Em contrapartida, insurge uma ampla cobertura da mídia sobre essa questão, o que a configura também como uma voz social envolvida e produtora de sentido desse fenômeno, fato pouco considerado, como já explicitado nas linhas introdutórias. Alguns autores, no estudo da violência escolar, fazem remissões aos *media* e arriscam algumas pressuposições que relacionam a mídia aos cenários constitutivos da violência enquanto problema social merecedor de atenção e intervenção e até mesmo enquanto objeto de estudo validado.

Questões problematizadas por Debarbieux e Blaya (2002) tomam a construção do objeto-violência vinculada à opinião pública e manipulada pela mídia e pelos poderes políticos. Os autores indicam que é possível que, na maioria dos países europeus, o tema da violência escolar tenha alcançado proeminência, principalmente, por meio de campanhas extravagantes da imprensa escrita e televisiva. “Novos episódios impactantes – e raros – foram enfatizados para descrever a erupção da barbárie infantil, confusamente misturados a um discurso sobre a decadência educacional” (DEBARBIEUX e BLAYA, 2002, p. 19); transformando o assunto numa inesgotável fonte de matérias.

Da mesma forma, Abramovay (2003) e Sposito (2001) também reconhecem a participação da mídia em trazer o debate da violência escolar para a apreciação pública, impondo-lhe destaque, e como espaço mais acessível, neste momento, para fazer ecoar as denúncias das situações, consideradas por Sposito (2001) como as que mais afetam as escolas.

Outros autores (FUNK, 2002; ORTEGA, 2002; NAVARRO, 2003) vêm suscitando o papel exercido pela mídia na divulgação da violência escolar, considerada como responsável por chamar a atenção da própria ciência e do poder público, que em muito só intensificaram o interesse no assunto e buscaram soluções para o problema mediante as inferências dos meios de comunicação. Sposito (2001) sugere as construções midiáticas como propulsoras da “violência escolar” enquanto objeto de atenção pública pelos contornos que lhe foi traçando, ao conferir-lhe importância, notoriedade e sentidos.

Que a mídia tem sobrelevado a discussão sobre a violência escolar e o explorado exacerbadamente nos últimos tempos é um fato, e até mesmo inquestionável. Mas, sabemos que o processo de agendamento utilizado pela mídia atende a interesses próprios na projeção de um assunto em detrimento de outros com a mesma relevância; interesses que estão pautados na própria proeminência do veículo que a determina e em nome da construção de uma concepção forte o suficiente para garantir vantagem nas disputas de sentido e na correlação de forças, sejam políticas, econômicas ou mesmo como voz social autorizada, legitimada, reconhecida e inquestionável. Neste sentido, incorre-se na problematização dos fatores e/ou circunstâncias que possivelmente tenham contribuído para que o fenômeno da violência escolar se tornasse assunto agendável, noticiável, e porque não dizer vendável.

Segundo Lima (2010a; 2010b) e Wolf (1996), caberia ao jornal o papel de selecionar os fatos sociais de acordo com o que classificam como atual. Uma operação que não impõe uma maneira de ser e agir para o leitor, mas que de certa forma, direciona-o sobre o que pensar. Agendar, neste caso, funciona como um ato de seleção, o que implica na exclusão ou inclusão de temas, publicizando ou não, considerando uns e desconsiderando outros;

transformando fatos sociais até então rotineiros e “desconhecidos” em notícia. Por meio dessa ação é que o público sabe ou ignora, presta atenção, realça ou negligencia elementos do cenário como um todo.

O agenda-*setting* é um dos caminhos de compreensão que torna possível entender de maneira mais precisa as condições sob as quais um fato qualquer se transforma em um fato noticiável; defendendo que, em decorrência da ação dos jornais e de outros meios, realça-se ou negligencia-se certos “cenários públicos”, de tal maneira, a voltar à atenção do público para as informações que estes meios se propõem a pautar. Disto se reitera a tendência das pessoas incorporarem conhecimentos de acordo com o que os *media* incluem ou excluem de seu conteúdo e/ou de suas agendas, assegura Wolf (1996).

Wolf (1996) vem apontando, por meio da ideia do agendamento, as circunstâncias e elementos partícipes da constituição de um tema noticiável. Esse processo de tematização possuiria dimensões para além da quantificação da informação e/ou do tipo de conhecimento que leva a tematização de um acontecimento; considerando-se, sobretudo, o caráter público do tema e sua relevância social. Por isso, “nem todos os temas ou acontecimentos são suscetíveis de tematização; são-no apenas aqueles que revelam uma importância político-social” (WOLF, 1996, p.71).

Gradim (2000) a seu turno, afirma que a escolha de um fato jornalisticamente relevante pressupõe critérios que considerem a proximidade, a relevância, a polêmica, a estranheza ou importância do acontecimento. A proximidade diz respeito à relação que a notícia mantém com a área de influência do jornal, assim como a importância das pessoas envolvidas que também se configura como potencialmente noticiável. A polêmica, igualmente, é considerada como foco de atração dos leitores, por isso muito explorada.

Ganha destaque também, o estranho, o surpreendente e tudo que foge à “normalidade”, como a emoção subjacente a grandes feitos, demonstrações de coragem e de ousadia; sexo e corrupção são outros elementos que exercem atração e, por isso, tomados como notícias em potencial. Outro ponto considerável para a delimitação da importância de uma notícia, diz respeito ao fato de suas consequências repercutirem a curto, médio ou longo prazo, nos esclarece Gradim (2000).

Outrossim, não se pode deixar de considerar que a natureza econômica e empresarial que sustenta a indústria jornalística, não deixa de interferir no processo de seleção das notícias e do que é noticiável, como nos adverte Rodrigues (1980). Neste âmbito, outros aspectos também são relevantes, como o potencial de que casos de violência, sobretudo, no ambiente escolar, possuem para atrair leitores, ou seja, para a comercialização dos jornais.

Rocha (2008) confirma que tal visibilidade dada à violência nos meios de comunicação, relaciona-se com a capacidade que os atos violentos têm de parecer, ao mesmo tempo, comuns e inusitados – porque são sinistros, exóticos, cruéis, chocantes, bárbaros ou espetaculares – e por isto, atraentes e merecedores de notoriedade na mídia, porque são capazes de se tornar um produto de consumo, pois ao chamarem a atenção, as notícias violentas vendem.

Sob as proposições de Charlot e Émin (apud ABRAMOVAY *et. al.*, 2002c), a violência escolar ganha notoriedade midiática, por ser destruturante de representações sociais que têm valor fundador, como a ideia de infância – associada à inocência – e de escola – compreendida como refúgio de paz.

Assim, Rodrigues (1980) e Ciavatta e Alves (2008) que tratam da “espetacularização da cultura” e que traz à tona o sentido de que tudo é consumido como um espetáculo; vêm discutindo essa aparente fuga à normalidade, e a contraposição a uma imagem de sociedade idealizada e da própria criança e do escolar de maneira geral, o que segundo estes, atribuem ao fenômeno da violência escolar esse caráter atrativo da divulgação, porque insurge do que se considera arbitrário, absurdo. Laurens (2006), por sua vez, considera a violência como atraente para a mídia, porque é manifestadamente comunicativa.

A respeito dessa questão – de o tema da violência escolar ganhar o debate público na sociedade brasileira – Gonçalves e Sposito (2002) ponderam que, consideremos o processo de democratização que insurge no país, pois este não só concorre para a sensibilização de vários atores sociais na luta pela realização de direitos de cidadania, o que pode ter contribuído para a emergência das discussões acerca da violência cometida em diversos âmbitos sociais; como também para a disseminação de várias formas de criminalidade, delinquência e prática de justiça extralegal, paradoxalmente, ao próprio advento democrático.

Isto porque, os índices de homicídio, suicídio e acidentes de trânsito aumentaram entre 1980 e 1997 – período pós-ditadura militar, no qual se coloca uma nova constituição (1988), caracterizando a transição para a democracia – somando 70% das causas de morte entre jovens (sexo masculino) na faixa etária dos 15 aos 24 anos, nas capitais brasileiras. Naquele mesmo período, também haveria crescido o acesso a armas de fogo e a presença do narcotráfico (OLIVEIRA, 1999; ORTEGA & DEL REY, 2002).

Desta forma, ascende à discussão sobre as esferas de ampliação democrática na sociedade brasileira, como propulsoras para que muitas questões sociais tivessem maior potencial para visibilizar-se; o que incide também na utilização da mídia como instrumento de protesto e denúncia. Oliveira (1999) considera que a própria formação do Brasil, pelas vias do

seu histórico fazer “política policial”, suas relações escravocratas, servis, de ditaduras; contribuiu para o silenciamento da “parcela dos que não parcela” (*op. cit.* 1999, p.60), da negação do dissenso, notadamente marcante, o que abrange quase toda a história de formação desse povo e desse Estado-nação.

Silva (2006) trata dessa reorganização da sociedade brasileira, na qual instituições sociais aparelham-se na luta em favor da democracia, o que desponta pela efervescência dos movimentos sociais e de produção cultural, articulada com o esforço de auto-organização dos "excluídos" do regime militar, que atuam sobremaneira na transição desse governo para o civil, no início dos anos de 1980. Fato que oferece espaço de participação social ampliada e de uma tendência a debates e reflexões até então suplantados.

Pereira (2006) destaca ainda neste sentido, a promulgação da Constituição de 1988, conhecida também por Constituição Cidadã, por estabelecer garantia de direitos individuais, políticos e universalização dos direitos sociais como saúde e educação (para todos). O que segundo esta autora, reivindicou a década de 1980, avanços no campo da educação, por terem proporcionado amplos estudos, já que os trabalhos de pesquisa nos três anos que antecederam a Assembleia Nacional Constituinte, foram fecundos na produção e análise da educação nos textos constitucionais; além da organização de entidades representativas e de lutas reivindicativas.

O próprio campo de estudos sobre violência escolar, no Brasil, data da década de 1980, como assevera Abramovay *et al.* (2002b; 2003); isto, justamente, em decorrência do que Ortega e Del Rey (2002) chamam de “o paradoxo brasileiro”: o surgimento de armas nas escolas, inclusive arma de fogo, da disseminação do uso de drogas e a expansão do fenômeno das gangues, e do narcotráfico. Para Oliveira (1999), isto reflete o advento do neoliberalismo que, pelo sacrifício do social por uma estabilização monetária, teria concorrido para o agravamento desse quadro de criminalidade e violência, mesmo em épocas democráticas e libertas das práticas ditatoriais experimentadas nos governos militares.

Neste contexto, não só se agravam situações de violência no espaço urbano, como os processos de abertura democrática vêm em direção da ampliação de espaços de fala e reivindicação, o que de alguma forma acredita-se ter favorecido a emergência da violência escolar na mídia, como problema social reconhecido; já que, segundo Pires (1985), as pessoas passam a buscar a imprensa como meio de denúncia, pelo aumento do sentimento de insegurança da população brasileira e da prevalência da impunidade, que se alimenta do descrédito frente à polícia e ao sistema judiciário e penal; com a esperança de que esta possa vir a fazer pressão sobre a quem é de direito responder pelos problemas sociais.

Em conclusão, as esferas de democratização, em favorecimento do refinamento da compreensão da violência escolar e de sua visibilização, assim como o status comunicativo e apelativo que o fenômeno carrega mediante a idealização de uma sociedade, de uma escola e de cidadãos – o que o situa no campo do extraordinário – seriam dimensões consideráveis para um esboço explicativo e para a recorrência da violência escolar no agendamento midiático; apenas algumas proposições que, em conjunto, podem vir a contribuir para a reflexão sobre como a violência escolar tem se configurado como matéria explorada pela mídia.

Laurens (2006), por fim, vem considerar o quanto a mídia é suscetível de incorrer na “desinformação”, já que envolta por interesses próprios e sob um trabalho de investimento de sentido, participando de certos sensacionalismos e exaltações sociais que fazem a unanimidade na opinião. Castro (2002), da mesma forma, resgata a necessidade e importância de se estabelecer um debate mais crítico sobre a cultura da violência e da própria mídia. O que se configura, para estes autores, como mais uma razão para ficar vigilante a respeito do discurso sobre a violência escolar e a expressão que esta encontra na mídia.

O que vem ressaltar o quanto a interferência da mídia apresenta-se decisiva na edificação do objeto violência escolar, por meio dos sentidos que lhe atribui e sobre os quais se precisa estar atento, visto que se trata de uma voz social que outorga para si a legitimidade da socialização da informação e de sua veracidade. Pois, ao imprimir um sentido à violência escolar defende uma opinião perante o público, com a intenção de convencer a partir de tais posicionamentos, e influenciar tomadas de decisões e posturas perante os problemas sociais que atribui notoriedade.

E como acreditamos que a violência escolar tenha se construído historicamente pela evolução de concepções e significados assumidos em diferentes épocas, o que Abramovay *et al.* (2004) também defende, ideia que nos faz pensar acerca das transformações conceituais que perpassam a abordagem do fenômeno, cujas definições, segundo tal autora, passam a incluir eventos que antes eram entendidos como práticas sociais costumeiras, ampliando possibilidades de demarcações conceituais. Mesmo frente a convicções diversas sobre este tema, buscamos delimitações conceituais que aqui se coadunam com nossas próprias, e doravante, alicerce constituinte das asserções deste estudo.

1.2. CONCEITUALIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA E VIOLÊNCIA ESCOLAR

No tocante a esse norteamto conceitual, Abramovay *et al.*(2002a) acredita que não haja um significado único de violência ou pelo menos um que seja consensual. Desta forma, a violência assumiria características variáveis em função do estabelecimento escolar, do status de quem fala (professores, diretores, alunos...), da idade e, provavelmente, do sexo. Neste sentido, então, trata-se, segundo tal autora, de uma conceitualização *ad hoc*⁵, ou seja, a mais apropriada ao lugar, ao tempo e aos atores que a examinam.

Sendo assim, definir violência de acordo com Abramovay *et al.*(2002a) torna-se uma tarefa bem difícil, uma vez que conceitos de violência têm sido propostos para falar de muitas práticas, hábitos e disciplinas, de tal modo que todo comportamento social poderia ser visto como violento, inclusive o baseado nas práticas educativas.

A partir de tais premissas, situamos nossa concepção de violência, suscitando Arendt (1985), que a trata como um fenômeno histórico negligenciado na sua compreensão, como um fenômeno marginal, porque tomado por longo tempo como fato corriqueiro, acontecimentos fortuitos – “ninguém questiona ou examina aquilo que é óbvio para todos” (Arendt, 1985, p.5). Para esta autora, a violência tem desempenhado amplo papel mediante as atividades humanas, principalmente, relacionado às questões de governança, o que faz Arendt (*ibid.*) apreciá-la intrincada nos domínios da política.

Arendt (*ibid.*) contribui ainda, ao propor claras distinções entre a violência, o poder, a força e a autoridade. Segundo tal autora, força, poder, autoridade e violência referem-se a diferentes qualidades, cujo emprego mais correto as abordaria para indicar os meios pelos quais o “governo” se manifesta numa sociedade; e assevera que, a confusão em tomá-las por sinônimas se explica pelo fato de terem a mesma função, mas nunca o mesmo princípio; de forma que, o mais coerente seria entendê-las pelas suas distinções e especificidades. É desta forma que Arendt (*ibid.*) vai construindo sua concepção de violência, como fenômeno em si, histórico e político; por uma constituição própria que o define e o diferencia; que lhe assiste na sua identidade de fenômeno social, nem marginal, nem casual e/ou aleatório, mas histórico.

Ante tais diferenciações propostas, Arendt (1985, p. 18) considera que,

o “poder” corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se

⁵*Ad hoc*: Para isto, para um determinado ato. Investido em função provisória, para um fim especial (Dicionário de Latim: <http://www.multcarpo.com.br/latim.htm>).

mantiver unido. Quando dizemos que alguém está “no poder” estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde se originara o poder (*potestas in populo*, sem um povo ou um grupo não há poder), desaparece, “o seu poder” também desaparece. Na linguagem comum, quando falamos de um “homem poderoso” ou de uma “personalidade poderosa”, estamos já usando a palavra “poder” metaforicamente; aquilo a que nos referimos sem metáforas é o “vigor”.

Para Arendt (1985), o poder é concedido e mantido por uma coletividade; aquele que governa, que determina, que opera, só o faz por estar investido do aceite e concordância de um grupo que o sustenta. “Governo algum, exclusivamente baseado nos instrumentos da violência, existiu jamais. Mesmo o governante totalitário, cujo principal instrumento de dominação é a tortura, precisa de uma base de poder” (1985, *op. cit.* p.21). O homem poderoso (sozinho) seria tão somente um homem vigoroso “uma entidade individual [...] uma qualidade inerente a um objeto ou pessoa e que pertence ao seu caráter” (1985, *op. cit.* p.19).

À “força”, Arendt (*ibid.*) atribui o sentido de “energia liberada através de movimentos físicos ou sociais”, que se relaciona a atos violentos, contudo estes não podem ser tomados simplesmente um pelo outro. A “autoridade”, por sua vez, traz como característica, segundo Arendt (*ibid.*), “o reconhecimento sem discussões por aqueles que são solicitados a obedecer; nem a coerção, nem a persuasão são necessárias. Para que se possa conservar a autoridade é necessário o respeito pela pessoa ou pelo cargo” (1985, *op. cit.* p.19).

A violência, para Arendt (1985), é de natureza instrumental e arbitrária; relacionando-se ao poder por ser seu oposto, “o poder e a violência, embora sejam fenômenos distintos, geralmente apresentam-se juntos (1985, *op. cit.* p.22)”. Segundo esta mesma autora, “existe a tentação de se pensar no poder em termos de mando e obediência, e, portanto igualar o poder à violência” (1985, *op. cit.* p.20), mas ao contrário, o poder precisa de legitimidade; assim, somente onde o poder esteja em vias de ser perdido é que a violência poderá despontar.

Arendt (1985), contudo, assevera que, “a violência não pode originar-se de seu oposto, que é o poder, e que para compreendê-la pelo que é, temos que proceder ao exame de suas raízes e sua natureza” (1985, *op. cit.* p.24). Pois, muito embora haja grande esforço em explicar a origem da violência, por condições biológicas, instintivas e irracionais, e mesmo como originária do ódio. Segundo Arendt (*ibid.*), há que se considerar a violência como um construto social, pois nem a violência ou o ódio tratam da ausência de racionalidade, “o oposto de ‘emocional’ não é ‘racional’ [...] mas sim a incapacidade de se sentir ‘sensibilizado’” (1985, *op. cit.* p.27).

A violência, assim, nasce da extinção do poder, pois, segundo Arendt (1985), onde há poder não há violência e vice-versa. Isto quer dizer que, quando a base de legitimação que constitui o poder, se esvai, aí então se apela para a violência; da mesma forma que,

Onde houver razão para suspeitar que as condições poderiam ser mudadas e não o são, onde o nosso senso de justiça for ofendido [...] a violência – atuando sem argumentos ou discussões e sem atentar para as consequências – é a única maneira de se equilibrar a balança da justiça de maneira certa. [...] A violência não promove causas, nem a história nem a revolução, nem o progresso, nem a reação, mas pode servir para dramatizar reclamações trazendo-as à atenção do público. (1985, *op. cit.* p. 26).

Obliterar a ação do poder, esta é segundo Arendt (1985), a explicação para a existência e formas de violência. Não obstante, a violência constitui-se enquanto fenômeno pelas teias e contextos sociais, históricos e da condição humana (não do homem biologizado, mas situado historicamente, o homem político). Pois para tal autora,

Nem a violência, ou o poder, são fenômenos naturais, isto é, manifestações de um processo vital; pertencem eles ao setor político das atividades humanas cuja qualidade essencialmente humana é garantida pela faculdade do homem de agir, a habilidade de iniciar algo de novo. [...] A violência é um recurso enormemente tentador quando se enfrenta acontecimentos ou condições ultrajantes, em razão de sua proximidade e rapidez. (1985, *op. cit.* p. 35).

Arendt (1985), finalmente, alerta que, mesmo compreendendo-se a violência nesses meandros, não a defende como prática natural, inevitável ao homem e como único instrumento de combate às injustiças e de luta por fontes autênticas de poder, pois entende a prática da violência como ação capaz de transformar o mundo, mas, provavelmente em um mundo mais violento.

Tomando-se as considerações de Arendt (*ibid.*) a nível conceitual de violência, é possível pensá-la sob os mesmos preceitos, no âmbito de sua discussão na contextura escolar; já que se trata igualmente de um espaço político-social, e por isso não isento de disputas de poder e da utilização da violência como instrumento, como ferramenta. Muito embora, neste espaço, tal dinâmica possua especificidades próprias de ocorrência em virtude de suas idiosincrasias, que se discutem abaixo.

1.2.1. Caracterização da violência escolar

De acordo com Abramovay *et al.* (2002c), toda escola situa-se em um espaço social e territorial cujas características afetam a sua rotina, as suas relações internas e as interações dos membros da comunidade escolar com o ambiente social externo. E a violência é um dos problemas que perpassa esse espaço da escola; que é social, territorial e relacional.

Abramovay *et al.* (2004), então, reitera a ampliação da definição de violência escolar de maneira que, as violências cometidas no âmbito escolar possam ser compreendidas e explicadas, a partir de uma abrangência de fenômenos mais amplos e diversificados, como por exemplo, certas ações procedentes da quebra do diálogo (intimidações, injúrias, delitos contra objetos e propriedades etc.) como destaca Charlot (apud, ABRAMOVAY *et al.*, 2002c).

Chauí (2000) corrobora para com esta discussão, dimensionando o pensamento ético acerca da violência como construto histórico, sublinhando-o como caráter fundante das relações que a sociedade cria entre o certo e o errado, o bem e o mal, o aceitável e o repreensível, o justo e o injusto, por que é esta dinâmica construída sócio-historicamente que determina o que será considerado como violência ou não.

Quando uma cultura e uma sociedade definem o que entendem por mal, crime e vício circunscrevem aquilo que julgam violência contra um indivíduo ou contra o grupo. Simultaneamente, erguem os valores positivos – o bem e a virtude – como barreiras éticas contra a violência (CHAUI, 2000, p.433).

Desta forma, seriam os valores éticos constituídos por uma cultura numa dada sociedade que garantem o controle e limites para a manifestação dos atos violentos, ressaltando-se desta forma a importância e pertinência da construção de tais valores, e também chamar atenção sobre quais valores ético-sociais se tem privilegiado em nossa sociedade.

Abramovay *et al.* (2004) também reitera a ampliação da definição de violência escolar que, a partir de novas concepções, deixa de estar relacionada apenas com a criminalidade e a ação policial, passando a ser alvo de preocupações ligadas à miséria e ao desamparo político, uma vez que acarreta novas formas de organização social relacionadas com a exclusão social e institucional e com a presença de atores em situação de “não integração” na sociedade.

A percepção da complexidade da violência é acompanhada pela necessidade de diferenciar suas diversas formas de manifestação. Abramovay *et al.* (2002c; 2004) defende a pertinência de se recorrer a aspectos tanto relativos ao interior quanto ao exterior das escolas para se explicar e melhor compreender o fenômeno da violência nas escolas. No que diz respeito aos aspectos externos (variáveis exógenas) seria preciso se considerar questões de gênero (masculinidade/feminilidade); relações raciais (racismo, xenofobia); situações familiares (características sociais das famílias); influência dos meios de comunicação (rádio, TV, revistas, jornais etc.); espaço social das escolas (o bairro, a sociedade).

Abramovay *et al.* (2002c) ressalta, ainda, enquanto aspectos externos à escola que favoreceriam dinâmicas de violência em âmbito escolar, as formas de segurança no trânsito:

faixas de travessia de pedestres, condições das ruas, guardas de trânsito etc., uma vez que a precariedade da sinalização e insegurança no trânsito seriam responsáveis por um número significativo de atropelamentos dos membros da comunidade escolar. Como também, as condições de controle da entrada e saída dos alunos e a disposição e qualidade das instalações físicas, que torna mais ou menos vulnerável o acesso ao interior das escolas. Outro destaque está para o acesso a bebidas alcoólicas, sobretudo em estabelecimentos comerciais no entorno da escola, que favorecem situação de risco para os alunos que frequentam esses locais, muitas vezes desviando do seu trajeto e, assim, faltando às aulas.

De acordo com Abramovay *et al.*(2002c), numa pesquisa realizada em treze capitais brasileiras, as cercanias da escola, isto é, seu entorno (rua em frente, entorno, ponto de ônibus e caminho até este) são apontadas como o espaço onde mais ocorrem violências. Mas, pontua que a ênfase apenas em fatores externos à escola, como explicação da vivência violenta nas escolas, não é suficiente para dar conta de sua compreensão, que serviria tão somente para amenizar a responsabilidade do sistema escolar, tanto diante do próprio fenômeno quanto do seu combate.

No que se relaciona à violência no entorno da escola, Pontes (2007) abaliza também, a violência ao meio ambiente, que trata da poluição sonora e sua interferência nas atividades escolares e o destino e tratamento dado ao lixo que muitas vezes se acumula em frente às escolas e nos seus arredores. Também a discriminação como forma de violência entre escolares e “outros tipos de violência” considerados por Pontes (2007) em virtude de sua abrangência e influência na rotina escolar, como o uso de drogas e o tráfico, o porte de armas, a formação e a ação de gangues e a violência no trânsito.

Já entre os aspectos internos (chamados de variáveis endógenas), dever-se-ia considerar: a idade e a série ou nível de escolaridade dos estudantes; as regras e a disciplina dos projetos pedagógicos das escolas, assim como o impacto do sistema de punições; o comportamento dos professores em relação aos alunos e à prática educacional em geral.

Especificamente a respeito do ambiente escolar, Abramovay *et al.*(2002c) destaca a estrutura física das escolas como elemento que afeta esse ambiente. Isto porque, em geral, as escolas estão separadas do entorno por muros, cercas e grades. Quanto à dinâmica interna da escola, reporta-se às regras aplicadas ao cotidiano, sobretudo, aos alunos, como as relacionadas à observância do horário das aulas, ao uso do uniforme, etc.; o que na maioria das escolas se estabelecem sem o consenso entre os diversos atores que convivem na comunidade escolar; ou seja, que quase sempre se instituem verticalmente, e cuja observância

não se faz exigir a todos, visto que professores e certos alunos às vezes são autorizados a não cumpri-las.

Abramovay *et al.*(2002c) evidencia, assim, a escola como possível local de exclusão social. Ou seja, que pode discriminar e estigmatizar, marginalizando o indivíduo formal ou informalmente, nos seus direitos de cidadania e no seu acesso às oportunidades de estudo, profissionalização, trabalho, cultura, lazer, entre outros bens e serviços do acervo de uma civilização. E considera que ações racistas ou outras de natureza excludente, que neguem direitos de cidadania, como a igualdade perante a lei e as instituições públicas, a proteção do Estado e seu acesso às oportunidades diversas, quais sejam, de estudo, profissionalização, trabalho, cultura, lazer, entre outros bens e serviços do acervo de uma civilização; também são da ordem da violência escolar.

Para Abramovay *et al.* (2002c), diversos atos destacam a escola como *locus* de violência simbólica, como pressionar a partir do poder de conferir notas, ignorar os alunos com seus problemas, tratá-los mal, recorrer a agressões verbais e expô-los ao ridículo quando não compreendem algum conteúdo. Os professores também sofrem quando são agredidos em seu trabalho e em sua identidade profissional, pelo desinteresse e indiferença, criando um ambiente de tensão cotidiana.

De forma similar, análises e pesquisas recentes produzidas pela UNESCO (ABRAMOVAY *et al.*1999; BARREIRA 1999; MINAYO *et al.*1999 e CASTRO *et al.*2001) vêm utilizando as definições de violência direta, indireta e simbólica para identificar diferentes expressões do fenômeno.

A violência direta se refere aos atos físicos que resultam em prejuízo deliberado à integridade da vida humana. Essa categoria envolve todas as modalidades de homicídios (assassinatos, chacinas, genocídio, crimes de guerra, suicídios, acidentes de trânsito e massacres de civis). A violência indireta envolve todos os tipos de ação coercitiva ou agressiva que implique prejuízo psicológico ou emocional. Por fim, a violência simbólica abrange relações de poder interpessoais ou institucionais que cerceiam a livre ação, pensamento e consciência dos indivíduos.

Abramovay *et al.*(2002c) apresenta uma classificação da violência escolar em três categorias: a violência contra a pessoa, que pode ser expressa verbal ou fisicamente e que pode tomar a forma de ameaças, brigas, violência sexual, coerção mediante o uso de armas; a violência contra a propriedade, que se traduz em furtos, roubos e assaltos; e a violência contra o patrimônio, que resulta em vandalismo e depredação das instalações escolares.

Ainda neste sentido, para Fante (2005), a violência pode ser classificada quanto ao grau: violência simples ou pontual – um ou mais agressores atacam esporadicamente uma vítima, por motivo de desentendimento, um conflito; e violência complexa ou frequente – ataque habitual a uma mesma vítima, sem que haja um motivo para isso. Quanto à forma: violência direta – àquela contra a pessoa, ou seja, interpessoal – ou violência indireta – contra utensílios, bens ou patrimônios; violência implícita ou velada ou violência explícita.

Sua classificação ainda abrange a violência quanto ao tipo – violência física e sexual, violência verbal, violência psicológica ou violência fatal; quanto ao nível – originada ou sofrida por discente, docente, funcionários, pais, instituição; e quanto às suas dimensões – violência no interior da escola, violência no entorno da escola e violência da escola (institucional e simbólica; disciplinarização dos corpos e das mentes, métodos de ensino, relação da comunidade escolar e desesperança quanto ao papel da escola).

No quadro abaixo, vê-se os elementos que uma vez combinados contribuem para a classificação de um fato enquanto violência escolar, segundo as assertivas acima.

Quadro 1 – Elementos consideráveis na identificação de uma situação de Violência Escolar

Quanto as variáveis	Quanto	Quanto à natureza dos danos
Endógenas	Violência Institucional: que pressupõe a violência da escola de forma simbólica. Violência Escolar Endógena: que pressupõe situações	Danos à integridade física; Danos à integridade psicológica; Danos à propriedade; Danos à integridade patrimonial Danos ao direito à educação (acesso, permanência, vivência e ensino) Danos à integridade social Ações Combinadas
Exógenas	Violência Escolar Exógena	

Fonte: quadro composto a partir da compreensão dos estudos de Abramovay *et al.* (2002a; 2002c; 2003; 2004); Arendt (1985); Charlot (2005); Chauí (2000); Pontes (2007); Sposito (2001); e Werthein (2003).

Assim, a violência escolar tem sido concebida como um fenômeno multifacetado, que não somente atinge a integridade física, mas também a integridade psíquica, emocional e simbólica de indivíduos ou grupos, nas diversas esferas sociais, seja no espaço público, seja no espaço privado. Que pode tanto revelar situações provenientes do espaço escolar interno como do seu entorno, assim como expressão da ação violenta “da escola”, que se mobiliza por mecanismos institucionais/simbólicos.

Acreditamos, ainda, que é pertinente num esforço final, no campo das reflexões sobre a violência escolar enquanto fenômeno, pontuar algumas distinções de outros conceitos

doravante muito utilizados como sinônimos; os quais podem estar relacionados ao quadro de violência, sem, contudo, confundir-se com esta. O que torna indispensável à conceituação não só da violência em si, proposta nos primeiros esforços; como também uma exposição mais detida a respeito da agressividade humana, conflito e indisciplina.

1.2.2. Distinções importantes: violência x agressividade, conflito e indisciplina

A agressividade é um termo, assim como a violência, com diferentes sentidos, podendo ser empregado para caracterizar diversas situações. Fante (2005) pondera que a agressão se determina por “comportamentos repetitivos e persistentes, que, na confrontação com a vítima, viola seus direitos”; e a agressividade pode assumir tanto o caráter de expressão da violência como de expressão de coragem. Dado o esforço competitivo de alguém num jogo, dir-se-ia dele competitivo ou agressivo, por exemplo.

No que Abramovay *et al.*(2004) corrobora, chamando a atenção para as limitações entre agressividade e violência, uma vez que nem todo ato agressivo tem como objetivo a destruição do outro, o que é imperativo para configuração da violência em si.

Ao existir muitos pontos de vista referentes à tentativa de explicar a agressividade, alicerçados em teorias que muitas vezes diferem entre si, Bandura (apud FANTE, 2005) defende a ideia de que a agressividade constitui-se enquanto aprendizagem social, pondo-se a cargo da conquista de certos objetivos. E assevera que:

quando estimulada a agressividade por mecanismos de imitação, modelo e reforço, ela passa a formar parte da autorregulação interna dos padrões de conduta por meio de processos de valoração moral e antecipação dos efeitos e, portanto, como um caráter aprendido. Fante (*op. cit.* 2005, p.163)

Para além das diferenciações postas acima, outra confusão comum a ser evitada, segundo Pontes (2007), está entre os conceitos de violência e conflito. De acordo com este autor, as situações de conflito entre as pessoas são quase sempre tomadas como manifestações de violência, o que nega o conflito como componente favorável e construtivo para essas mesmas relações.

Pontes (2007) e Charlot (2005) apontam ainda, dois ângulos de percepção sobre o conflito, um que toma o conflito como patológico, como doença do corpo social; o outro que define o conflito como formas normais e necessárias de interação social, que podem contribuir para a mudança. Tais autores se posicionam no sentido de entenderem toda violência como manifestação de um conflito, mas que nem todo conflito deságua em violência.

Para Bobbio e Cose (apud PONTES, *ibid.*), o conflito é apenas uma forma de interação entre indivíduos, grupos, organizações e coletividades, que implica choque para o acesso e distribuição de recursos escassos. Ou apenas um debate de valores, como também, podendo ocorrer pela busca de status, poder. O que coloca o conflito como mais uma forma de interação social intragrupos ou intergrupos permanentes e necessários à vida social.

Segundo Sposito (1981), nega-se assim, as relações sociais que se instalam pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito; bem como a possibilidade da criação de espaços públicos que permitam reconhecimento das diferenças, pela emergência de conflitos e de práticas de negociação para a sua resolução, com a atenuação das desigualdades e o exercício da tolerância.

Corroborando com essa ideia, Bonafé-Schmitt (apud ABRAMOVAY *et al.*, 2004) afirma que o conflito contribuiria, de certa maneira, como mecanismo de regulação social, para inventar novas normas e regras da vida em comum. Neste tipo de abordagem, as manifestações de conflito não são apenas observadas pelo seu lado desagregador, mas como possibilidades de construção de consensos, ao dar visibilidade às tensões que regem as relações sociais. Na opinião desse autor, o desafio seria encontrar formas de promover um mecanismo que permita uma "regulação consensuada", na qual seria necessário ensinar e aprender a manejar os conflitos.

Processo esse que seria um desafio para professores e gestores educacionais que, segundo Pinto e Fonseca (2009), não sabem como proceder para impedir ou minimizar conflitos presentes desde a educação infantil até o nível superior; seja nas instituições de ensino público ou privado. Conflitos estes, manifestos tanto nas relações entre alunos como nas relações dos alunos com os professores; situações que precisam ser resolvidas em sala de aula e/ou na escola de um modo geral. Nesta questão, até se tem avançado, pela compreensão de que a escola precisa ser um espaço conflitual, que é o que permite discutir questões como autoridade/disciplina/liberdade em detrimento de uma regulação ou condicionamento de indivíduos.

Os conflitos aparecem, muitas vezes, ligados às situações de “indisciplina” ou pela busca de uma “disciplina” – tema que vem ocupando um espaço cada vez maior no cotidiano escolar – por isso é que se faz indispensável refletirmos a respeito dos fatores que compõem sua origem e que caracterizam sua complexidade.

Pinto e Fonseca (2009) colaboram neste sentido, afirmando que a disciplina e a indisciplina estiveram, desde os meados do século XIX, associadas com a institucionalização da escola, pela implantação da racionalidade moderna e com a emergência dos modos de

produção industrial, passando-se a valorizar o respeito a horários, hierarquias e regras. Contudo, nos dias de hoje, o que se idealizava como escola e como aluno já não mais se sustenta. Pinto e Fonseca (2009) nos remetem ao fato de que outrora, casos de indisciplina, quando existam, eram pontuais, questão de comportamento individual. Hoje, esta discussão passa a ser entendida como social e, portanto, muito mais complexa. Sendo assim, a escola não pode mais (se é que pode algum dia) dar conta da “disciplina” da mesma forma como antes o fazia.

Em uma pesquisa realizada por Abramovay *et al.* (2002c) em 13 Unidades da Federação e no Distrito Federal, nas quais alguns membros do corpo pedagógico afirmam que o maior problema da escola é a indisciplina – falta de respeito, falta de responsabilidade, falta de educação, “pois os alunos vêm de casa totalmente deseducados” (ABRAMOVAY, 2003, p. 38). Os professores, apesar de não apontarem diretamente os responsáveis por essa situação, dizem que a indisciplina é causada pela falta de limites. Em contrapartida, alguns pais entrevistados julgam que a indisciplina, no espaço escolar, resulta do fato de que a escola é enfadonha que os professores não se preparam, não estão interessados em dar aula, querem mais é se livrar das aulas e que os programas estariam ultrapassados.

Por muito tempo o sentido de escola, e sua importância foram justificados pela conquista de um espaço no mercado de trabalho. Promessa que, segundo Schilling (2008) foi quebrada, principalmente em virtude do contexto sócio-político-econômico das últimas décadas cujo predomínio do capital financeiro e a crise do trabalho assalariado acabaram por suscitar um profundo questionamento e esvaziamento de sentido até então atribuídos a essa instituição.

Desse modo, a autora supracitada compreende a indisciplina enquanto reflexo desse esvaziamento de sentido da instituição escola; não tendo mais a centralidade do ensinar e aprender, acaba por não assumir, desta forma, a realização do direito humano à educação (condição para a realização de outros direitos humanos) parecendo-se mais com prisões, “e, nas prisões, há rebeliões” (SCHILLING, 2008, p.6).

Por estas razões é que Sposito (1981) propõe como aspecto a ser investigado no âmbito da instituição escolar, como são construídas as significações que caracterizam ou distinguem as condutas como – violentas ou indisciplinadas – por parte dos indivíduos que compõem o ambiente escolar (professores, alunos, funcionários, pais etc.). Pois,

[...] os atos anteriormente classificados como produtos usuais de transgressões de alunos às regras disciplinares, até então tolerados por educadores como inerentes ao seu desenvolvimento, podem hoje ser sumariamente identificados como violentos. Ao contrário, condutas

violentas, envolvendo agressões físicas, podem ser consideradas pelos atores envolvidos como episódios rotineiros ou meras transgressões às normas do convívio escolar. (*op. cit.*, 1981, p.3)

Em suma, a indisciplina está intimamente relacionada à quebra de regras, de normas de conduta estabelecidas pela escola, que nem sempre são discutidas e democratizadas, perpetuando-se ainda sob os moldes das relações fabris de regulação de horários, posturas, uniformização, etc. Assim, o indisciplinado não é necessariamente violento, uma vez que esteja apenas questionando e negando a se render a estruturas organizacionais pré-estabelecidas, e sem apreciação coletiva, por exemplo.

Conclui-se, neste interim, que as intenções de compreensão do fenômeno da violência escolar e da apresentação das proposições teóricas que sustentam nossas convicções acerca desse fenômeno vieram contribuir para a emergência do *corpus* dessa pesquisa, assim como da reflexão da pertinência de abordagem desse fenômeno na mídia, por toda sua carga apelativa à atenção pública. Desta forma, prosseguimos no capítulo que segue, com pormenores do levantamento desse *corpus* de pesquisa e sua análise, pela exposição dos componentes teórico-metodológicos eleitos para este fim.

2. APORTES TEÓRICO-METODOLÓGICOS: ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO MIDIÁTICO EM BAKHTIN

O trabalho metodológico, analítico e interpretativo com textos/discursos se dá [...] ultrapassando a necessária análise dessa “materialidade linguística”, reconhecer o gênero a que pertencem os textos e os gêneros que nele se articulam, descobrir a tradição das atividades em que esses discursos se inserem e, a partir desse diálogo com o objeto de análise, chegar ao inusitado de sua forma de ser discursivamente, à sua maneira de participar ativamente de esferas de produção, circulação e recepção, encontrando sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos (BRAIT, 2010, p. 13,14).

No intuito de abordar os processos comunicacionais e compreender suas funções sociais a partir do significado e sentido que o fenômeno da violência escolar assume na composição discursiva do jornal impresso “O Liberal” é que demarcamos a seguir, as diretrizes do pensamento bakhtiniano enquanto fundamentação teórico-analítica, as quais tratam da linguagem e discurso e seu papel na construção da realidade social. Indicamos ainda as principais categorias articuladas no enfrentamento do objeto em estudo, os procedimentos metodológicos de cunho mais operacionais como a opção pela fonte de pesquisa e período, assim como da coleta de dados. Da mesma forma, procedemos à delimitação do processo de análise.

2.1. TEORIA/ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO

Pela compreensão de que o pensamento bakhtiniano tenha produzido uma teoria/análise do discurso, que se articula pela tentativa de enfrentamento dialógico da linguagem, ao considerar a dissociabilidade entre língua, linguagens, história e sujeito; é que se considera este, o meio de compreensão e análise mais apropriado para o tratamento dos discursos jornalísticos, uma vez entendendo a linguagem como mediadora entre os sujeitos e a realidade e dos sujeitos entre si, Bakhtin configura a comunicação enquanto produtora de sentido em que a realidade sempre se representa a partir de um lugar valorativo por meio de signos⁶, os quais coincidem com o domínio do ideológico.

⁶ Objetos materiais do mundo que, recebem função no conjunto da vida social, advindos de um grupo organizado; e que passam a significar além de suas próprias particularidades materiais.

Desta forma, a teoria/análise dialógica do discurso bakhtiniano, subsidia o ressaltado dos sentidos produzidos pelas matérias de jornal sobre violência escolar, ao considerar que tais sentidos são tecidos nas relações que se estabelecem entre os discursos veiculados nessa mídia e a propósito do universo sógnico sob o qual se manifesta. E, também por se considerar enquanto uma das metas do trabalho de Bakhtin, o “desenvolvimento de técnicas mais refinadas para analisar em períodos históricos diferentes a mistura específica de ideologias e linguagens em que foram elaboradas”, o que constituía uma reflexão no plano teórico de uma preocupação mais prática, como suscita Clarck e Holquist (2008, p. 178).

De outra maneira, não se poderia enveredar por tais caminhos, uma vez que o jornal impresso, enquanto gênero discursivo, tem sua produção calcada em fundamentos e interesses próprios, articula vários meios para apresentar seu posicionamento perante os fatos sociais; arranjos discursivos como a utilização da fotografia e do discurso citado (científico/autorizado) na composição de seus pontos de vista, artifícios que só a dialogicidade poderia abranger.

Destacam-se as contribuições bakhtinianas como arcabouço teórico-metodológico de análise e interpretação dos dados dessa pesquisa, por se partilhar da sua compreensão de linguagem enquanto elemento básico capaz de entender o homem e as relações que este estabelece na construção da realidade; por estar além de um instrumental voltado apenas para a transmissão da informação, mas por seu sempre manifesto conteúdo ideológico (ALVES, 2006).

Bakhtin toma o discurso como um fenômeno social que nasce a partir do diálogo, e que pressupõe a inscrição valorativa do sujeito e da posição desse sujeito frente a outros discursos; logo, não se pode deixar de considerar o discurso na sua constituição como dialógico, histórico e, sobretudo ideológico.

A ideologia na teoria bakhtiniana é entendida como “todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social [...] que se expressa por meio da palavra” (VOLOSHINOV apud BRAIT, 2008, p. 169). Aqui se destaca o quão distante da compreensão de ideologia como falsa consciência ou simplesmente como expressão de uma ideia está a teoria bakhtiniana. Brait (2008) afirma que o estudo da ideologia inter-relaciona-se com a linguagem na medida em que se entende que

objetos materiais do mundo recebem funções no conjunto da vida social, advindos de um grupo organizado no decorrer de suas relações sociais e passam a significar além de suas próprias particularidades materiais [...] Temos aqui o que Bakhtin chamaria de signo. O conjunto de signos de um determinado grupo social forma um universo de signos [...] que representam

a realidade a partir de um lugar valorativo. Logo, todo signo é signo ideológico (BRAIT, 2008, p. 170).

Neste sentido, ideologia para Bakhtin seria a expressão de uma tomada de posição determinada; a representação do mundo expressa por palavras na inter-relação de sujeitos – emissor e receptor.

Assim, Bakhtin (2009) destaca o discurso como sendo a linguagem em movimento vivo, e por isso sempre imbuída de uma significação. A significação, segundo este autor, desdobra-se entre um significado comum, partilhado por todos os sujeitos de uma comunidade; que é sempre reiterável, pois se assume como tal quase sempre de maneira mais constante. Mas, também, por um sentido, que é proporcional ao contexto enunciativo que o produz, assumindo contornos sempre novos e em consonância com um dado universo discursivo, que se concretizam por meio dos gêneros discursivos⁷. Desse modo, um discurso é sempre composto de um significado e de um sentido, que traduzem um posicionamento perante a vida, porque são expressos pela linguagem que é sempre ideológica.

Para Bakhtin (2009, p.132-134):

é impossível traçar uma fronteira mecânica absoluta entre a significação e o tema. Não há tema sem significação, e vice-versa. [...] Por outro lado, o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia seu elo com o que precede e o que segue, ou seja, ele perderia, em suma, o seu sentido. A maneira mais correta de formular a inter-relação do tema e da significação é a seguinte: o tema constitui o estágio superior real da capacidade linguística de significar. De fato, apenas o tema significa de maneira determinada. A significação é o estágio inferior da capacidade de significar. A significação não quer dizer nada em si mesma, ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto. A investigação da significação de um ou outro elemento linguístico pode, segundo a definição que demos, orientar-se para duas direções: para o estágio superior, o tema; nesse caso, tratar-se-ia da investigação da significação contextual de uma dada palavra nas condições de uma enunciação concreta. Ou então ela pode tender para o estágio inferior, o da significação: nesse caso, será a investigação da significação da palavra no sistema da língua, ou em outros termos a investigação da palavra dicionarizada.

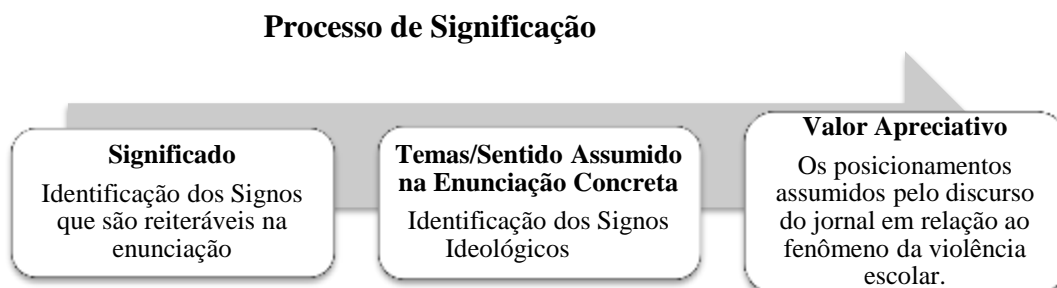
Brait (2008) e Flores (2009) corroboram com essa ideia ao entenderem que a significação está para o potencial de significar dos signos, dos sentidos que eles podem assumir: o significado está para o signo, para as unidades linguísticas; enquanto o tema está para o signo ideológico, para o todo, para o sentido sempre novo da enunciação.

⁷ Formas discursivas reconhecidas de uma coletividade que, em diferentes ocorrências apresentam certa semelhança, permitindo o compartilhamento de conhecimentos nas interações verbais (FLORES et. al., 2009).

A fala, entretanto, viva não possui apenas um tema e uma significação, de acordo com Bakhtin (ibidem) também possui um “acento de valor”; isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação, que consistem em julgamentos de valor, uma orientação apreciativa, já que segundo este autor, a própria mudança de significação, é sempre, no final, uma reavaliação, o que resulta sempre numa “luta incessante dos acentos em cada área semântica da existência” (BAKHTIN, 2009, p. 139).

Disto depreende-se que o discurso enquanto linguagem em movimento se constitui por um processo de significação. Este processo implica a existência de um significado (signos) e de um tema (signos ideológicos) – o sentido assumido na enunciação concreta e pela maneira como conflui a significação é possível apontar uma apreciação social, um posicionamento acerca de uma questão social, como a violência escolar. Por isto, indica-se a seguinte matriz de análise dessa pesquisa:

Figura 1 – Matriz Analítico-Compreensiva do Corpus de Pesquisa



Fonte: Produção própria dos autores, baseada nos estudos de Alves (2006); Brait (2008) e Bakhtin (2009).

2.1.1. Abordagem metodológica do discurso fotográfico

Ao considerar as matérias jornalísticas enquanto discursos verbo-visuais, intencionamos um refinamento da compreensão da participação da fotografia nesse movimento enunciativo a partir das concepções bakhtinianas – sob a compreensão de discurso que o compõe e categorias analíticas próprias, outrora abordadas – possibilitando, assim, o enfrentamento da fotografia no objeto com maior clareza. Muito embora se saiba que, a imagem (e nem mesmo o gênero jornalístico) não tenha sido objeto de análise de Bakhtin, e por isto não se expresse em seus escritos uma metodologia e/ou tratamento da fotografia;

ainda assim, reitera-se a coerência dessas categorias como instrumento de análise do que se considera um discurso imagético.

Para tanto, o resgate da compreensão da imagem como discurso e das singularidades de incursão de pesquisa nesse lócus foram alçadas sob estudos outros, que neste interim, contribuem a título de formar uma concepção de fotografia/imagem passível de análise discursiva, uma vez que é entendida como discurso, imbuída de ideologia e, conseqüentemente, de significado e sentido.

Barthes (1990) é um dos estudiosos da imagem que reitera a fotografia jornalística enquanto mensagem, participe de um movimento enunciativo e artefato de construção do real que concorre com outras mensagens – as textuais – mas que ainda assim guarda uma autonomia de sentido, remetendo-se a uma mensagem independente.

Burke (2004) corrobora a ideia de Barthes (1990) de que as imagens são criadas para comunicar uma mensagem própria, contudo, chama a atenção para o fato de que, apesar do potencial de testemunho da realidade e de indício da verdade que a fotografia encerra, é preciso estar consciente de suas fragilidades – não se pode atribuir um “olhar inocente”, porque registram um “ponto de vista”, ou mesmo visões estereotipadas, daquilo que já está convencionalizado visualmente.

Da mesma forma, Kossoy (2000; 2001) entende a fotografia como um instrumento de veiculação de ideias e formação da opinião pública, que se compõe para além de um plano meramente iconográfico, mas, sobretudo, ideológico-discursivo, que não pode ser compreendido descolado da trama histórica que a contextualiza torna uma realidade própria. Assim, as fotografias não podem ser aceitas de imediato como espelhos fiéis dos fatos, pois “elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas [...] tal como foram (estética-ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência [...]” (KOSSOY, 2000, p.26). Deve-se, portanto, considerar a história por trás da imagem, recuperar particularidades do momento histórico retratado; neste caso, não tanto para compreender a atitude dos personagens estáticos, mas sim na intenção de desvelar a atuação de registro segundo uma determinada intenção.

Leite (2001) entende, igualmente, que a fotografia traduz-se enquanto documento histórico e que, portanto, comunica significações; mas que, contudo, deve-se atentar para que o documento fotográfico não seja utilizado nas pesquisas educacionais, com limites na ilustração da análise verbal e ou “usada como mostruário ou vitrine do texto” (LEITE, 2001, p. 26). Assim, a fotografia, enquanto texto visual, manipula e atribui significado em relação

ao contexto histórico no qual está inserido e conforme as programações sociais de comportamento e de significados culturalmente aceitos como válidos.

Para Mauad (2008), é preciso conceber a fotografia como resultado de um processo de construção de sentido; pois que “a fotografia assim concebida revela-nos por meio do estudo da produção da imagem uma pista para chegar ao que não está aparente ao primeiro olhar, mas que concede sentido social à foto” (MAUAD, 2008, p. 27-28). Ou seja, sendo a fotografia uma mensagem, um signo e enquanto produção humana, não deixa, portanto, de comunicar códigos convencionalizados socialmente. E que, sendo a imagem um signo, construído sócio culturalmente, a fotografia estaria mais para uma representação simbólica, manipulada por sujeitos históricos e contextuais, de universos culturais que lhe direcionam o olhar e concorrem para a produção de um determinado discurso imagético.

Partindo de tais premissas, e ao compreender a imagem também como texto ideológico, é que se administrarão os mesmos princípios de análise, pelo levantamento dos signos constituintes, a percepção dos elementos reiteráveis, seus sentidos na contextura discursiva, o teor de apreciação empreendido, e assim trazer a tona o papel da imagem na composição do posicionamento do jornal impresso “O Liberal” acerca da violência escolar.

2.2. BASES METODOLÓGICAS OPERACIONAIS

Acolhendo as reflexões de Brandão (2003, p. 34) “de que a ciência parte de escolhas [...] fundadas em um persistente desejo de decifração”; e na defesa de uma compreensão de metodologia como caminho, como uma escolha que sempre parte de um lugar social e de um valor político; é que se caracterizam nossas intenções enquanto uma pesquisa de natureza básica, por objetivar-se a construção de conhecimento, sem que este a rigor tenha em si aplicação prática prevista; o que a diferencia de uma pesquisa de natureza aplicada, segundo (SILVA C., 2004). Ela trás em si certa abordagem qualitativa, uma vez que se preocupa, de acordo com Pádua (2007), com o significado dos fenômenos, neste caso, do fenômeno da violência escolar. Muito embora esteja limitada aos acertos de uma pesquisa documental.

2.2.1. Objetivos da pesquisa

Tendo-se como finalidade a investigação dos significados e sentidos acerca da violência escolar produzidos nos discursos das matérias do jornal impresso “O Liberal”, aponta-se como objetivo geral deste estudo:

- Investigar quais os significados e sentidos produzidos pelo jornal impresso “O Liberal”, em Belém, no período de 2001-2010.

Pelo qual, erigem-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar qual a recorrência de matérias sobre violência escolar no jornal impresso “O Liberal”, em Belém, no período de 2001-2010;
- b) Verificar qual o discurso materializado no jornal impresso “O Liberal”, em Belém, no período de 2001-2010, sobre a violência escolar;
- c) Identificar a relação das imagens fotográficas com a construção discursiva do jornal impresso “O Liberal”, em Belém, no período de 2001-2010, sobre violência escolar.

2.2.2. Pesquisa com Documentos

Ante a iniciativa de análise do discurso midiático e sob a concepção de pesquisa documental enquanto utilização de documentos objetivando extrair dele informações – pela investigação, exame e o uso de técnicas apropriadas para seu manuseio e análise – proposto por Sá-Silva *et al.* (2009); é que se justifica o trabalho com documentos nesta pesquisa, tanto pela natureza do objeto como pela riqueza de informações que deles se pode extrair e resgatar, possibilitando a ampliação de compreensões acerca do fenômeno da violência e da própria produção midiática. O que Cellard (2008, p.295) reitera:

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente.

Desta forma, reafirma-se tal empreendimento como uma pesquisa documental, porque se tem o documento como objeto de investigação, como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com os interesses dessa pesquisa, o que segundo Figueiredo (2007), deixa claro as especificidades que distinguem a pesquisa documental de outros formatos de investigação.

Oliveira M. (2007) corrobora chamando atenção para o fato de que “na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA M., 2007, p.70). Isto caracteriza o jornal impresso enquanto fonte primária de investigação, pelo esforço

em lhe resgatar as informações diretamente nas peças jornalísticas produzidas no período em questão e, também, porque não se tomou conhecimento até este momento, nem mesmo em virtude do amplo levantamento de produções na área da análise discursiva da mídia, de nenhuma iniciativa que outrora houvesse utilizado este *corpus* e construído conhecimento científico sobre o mesmo. Por isto, a rigor, entende-se este trabalho com os jornais impressos “O Liberal” como uma pesquisa documental, cujo *corpus* erigiu-se de fontes primárias de informação.

Outrossim, também se faz importante ressaltar que, diferentemente de uma compreensão de valorização do documento como garantia de objetividade, marca indelével dos historiadores positivistas, que exclui a noção de intencionalidade contida nessas fontes – com *status* científico; e sob uma concepção de história que confunde o real com o documento e o transforma em conhecimento histórico, como elucida Vieira, Peixoto e Khoury (1995). Opta-se neste trabalho por um conceito de documento que toma o acontecer histórico a partir dos homens, do qual se depreende que “o documento histórico se produz com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem” (VIEIRA, PEIXOTO e KHOURY *et al.*, 1995, 14-15).

2.2.3. A opção pelo jornal impresso e o período estipulado

Segundo Bakhtin (1997, p.179), “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso”. Assim,

uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico (BAKHTIN, 1997, p.284).

De acordo com Bakhtin (2009), o discurso jornalístico impresso poder-se-ia ser considerado como um gênero discursivo, por conter um “repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica”, caracterizando-se como uma “forma de discurso social” (p.42). E, embora tal discurso, em geral, não evidencie uma prática dialógica, parecendo ao contrário, um enunciado vertical, uma voz única que se autodenomina capaz de narrar os fatos do mundo, a partir do momento que este se dirige a um interlocutor tentando abrir espaço para

uma reação e permitindo a continuação de um debate, ele desta forma se estabelece enquanto perspectiva dialógica.

O jornal impresso caracteriza-se neste cenário, enquanto um gênero discursivo que, por ser uma fala social em uso e com repertórios próprios, vai estar em diálogo com as palavras dos sujeitos. E, desta forma, expor um sentido e um valor apreciativo sobre a violência escolar, colocando sua significação em movimento, deformando-a, transformando-a, e fazendo reavaliações sucessivas sobre esta. Aceder a sua análise é propor maiores pontos de contato com suas variantes e, dessa forma, proceder ao seu manejo de forma mais ágil, a ponto de municiar melhores condições de atuação nessa arena de significação. Wolf (1996) assegura serem os jornais impressos, os principais promotores de agendas para o público, selecionando grandes temas sobre os quais há que se concentrar a atenção das pessoas e mobilizá-las para a tomada de decisões.

A opção por utilizar o jornal impresso “O Liberal” como fonte de informação na constituição do *corpus* da pesquisa, deu-se por este se constituir enquanto veículo privilegiado de notícias sobre o tema, de sua ampla circulação e de seu fácil acesso e manipulação. E, sobretudo, por possuir uma longa história de participação nesse campo discursivo-jornalístico na cidade de Belém – desde 1946. É integrado às Organizações Rômulo Maiorana (ORM), que atualmente é um dos maiores grupos de comunicação do Brasil. Considerado um dos veículos mais lidos do Estado, de periodicidade diária e de circulação em todo o Pará, além de outras cidades brasileiras como Acre, Amapá, Amazonas e Maranhão, Brasília, incluindo Rio-São Paulo, segundo Luft (2005).

Luft (2005) considera que as relações políticas sempre nortearam a imprensa paraense, isto porque, segundo este autor, desde o século XIX os jornais paraenses são criados para sustentar grupos políticos, o que não é diferente na concepção de “O Liberal”.

O jornal “O Liberal” foi criado em 1946 a serviço do Partido Liberal, como era chamado o Partido Social Democrático (PSD). Entre seus fundadores, Luft (2005) aponta figuras proeminentes do cenário político paraense como Magalhães Barata, um dos precursores do movimento populista no Estado, conhecido como Baratismo.

Segundo o Catálogo de Jornais Paraoaras⁸ e a Grande enciclopédia da Amazônia, ambos da Biblioteca Pública do Pará, o jornal “O Liberal”, teve seu primeiro número publicado em 15 de novembro de 1946, e funcionava como um órgão de propaganda dos

⁸ Reunião de um material bibliográfico sobre o conhecimento da história da atividade da imprensa escrita paraense. Trabalho da equipe de microfilmagem da Biblioteca Pública, com o objetivo de divulgar os jornais do Estado do Pará de 1821 a 1985.

membros do PSD. Era de tiragem diária e vespertina, com o propósito de fazer frente ao jornal "Folha do Norte", que se opunha a Manoel Barata.

O jornal impresso "O Liberal", segundo Luft (2005), teria sido alvo de perseguições na década de 1950, por conta de seu caráter ideológico assumido, tendo seu editor assassinado e seu prédio incendiado, o que lhe obrigou a ser rodado na gráfica de O Estado do Pará. Este catálogo de jornais já citado explica que foi em 20 de maio de 1950 que, por conta de lutas políticas entre partidários de Barata e os opositoristas, um dos redatores foi assassinado dentro da própria redação do jornal, que também teve suas oficinas quebradas e incendiadas em 1953. A este episódio, a Grande enciclopédia da Amazônia, relaciona um fato curioso, de que tivera sido feita uma campanha para angariar fundos para a recuperação das máquinas incendiadas, sendo assim, cada simpatizante de Magalhães Barata teria contribuído com pelo menos um cruzeiro.

No ano de 1965 foi comprado por Ocyr Proença, que apoiava Alacid Nunes, mudando por completo sua linha de ação política. Somente em 1º de maio de 1966 passa a ser matutino e de propriedade de Rômulo Maiorana, que o moderniza, com impressão em duas cores, aumentando o número de páginas e lhe impõe independência político-partidária, segundo tal catálogo e Luft (2005), sua nova direção lhe apregoa uma postura mais empresarial, o que teria proporcionado um expressivo crescimento em apenas uma década, o que lhe conferiu a circulação diária em todos os municípios do Estado e até mesmo em outras capitais brasileiras. Em 1971, de acordo com o catálogo, o jornal "O Liberal" passa a exibir o subtítulo: "Jornal da Amazônia", com a maior circulação em toda a região, passando a ser impresso em *off-set*⁹ desde 1972.

Hoje, as Organizações Rômulo Maiorana (ORM) agregam os jornais O Liberal e o Amazônia Jornal, duas emissoras de TV – TV Liberal afiliada a Rede Globo, e ORM (sistema de TV a cabo); a rádios Liberal AM e FM; e o provedor de acesso à internet *Libnet*. E, ainda, a Fundação Rômulo Maiorana (1998) que apoia eventos culturais como o "Arte Pará". O que confere ao grupo, segundo Luft (2005), o status de maior grupo de comunicação da região Norte.

Luft (2005) ressalta que até os anos de 1980, sob o controle direto de Rômulo Maiorana, a linha editorial do Jornal impresso "O Liberal" assumia uma postura menos

⁹ A impressão *offset* está baseada na litografia (gravação em pedra) e é um processo de impressão que consiste em repulsão entre água e gordura (tinta gordurosa). O nome *offset*, do inglês "fora do lugar", vem do fato da impressão ser indireta, ou seja, a tinta passa por um cilindro intermediário (blanqueta) antes de atingir a superfície do papel. Este método tornou-se o principal na impressão de grandes tiragens (a partir de 1.000) (SANTOS, 2007).

comprometida politicamente, o que adquire outros contornos após a sua morte em 1986, quando a posse do grupo e passada para sua esposa e seu filho.

O período eleito para esta pesquisa (2001-2010), justifica-se pela contemporaneidade atribuída ao problema da violência escolar, não como fenômeno novo, mas como novidade para o conhecimento público, o que reiteram Funk (2002), Pontes (2007) e Ortega (2002), os quais consideram que só recentemente o assunto tem ganho visibilidade enquanto entidade social, inclusive na América Latina como aponta Wertheim (2003).

Isto posto, aponta-se algumas particularidades pertinentes ao trabalho com os jornais, tomados aqui por documentos, as quais podem vir a ser úteis em empreitadas futuras de outros pesquisadores, como uma opção de caminho pelo qual se pode pautar o manuseio das fontes e o levante das informações pretendidas.

2.2.4. Instrumentos de coleta de dados e manejo de documentos

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, reitera-se o levantamento das matérias jornalísticas impressas do ano de 2001-2010, no arquivo de jornais da Biblioteca Pública Arthur Vianna, no Centro Cultural Tancredo Neves (CENTUR); cuja seleção obedeceu ao critério de identificação de conteúdo que tratasse de violência escolar, sob as condições de conceituação tratadas anteriormente¹⁰. Sem deixar de considerar as especificidades do trabalho com documentos – nesse caso o jornal impresso – expõe-se ainda que timidamente algumas das interfaces dessa abordagem, sustentadas pela própria experiência de pesquisa.

Destaca-se, primeiramente, a questão do manuseio das peças, pois mesmo tratando de fontes de um período recente, os jornais da biblioteca pública são disponibilizados para a leitura diária e o acesso irrestrito, de forma que muitas peças, por esses e outros motivos – de acondicionamento, temperatura e etc. – já se encontram em estado de deterioração, o que torna o manuseio com luvas e a fotografia imprescindíveis para sua captação e conservação.

Outro ponto a ser observado diz respeito à necessidade de tomar familiaridade com a formatação sob a qual o jornal é erguido, como os cadernos constituintes, a disposição da matéria nas páginas, o que permite uma maior objetividade e otimização no processo de busca dos discursos referentes. De outra forma, tendo-se como objetivo determinar o momento de aparecimento do fenômeno nas matérias do jornal, torna-se mais produtivo apreciá-las em ordem retrospectiva, e não em ordem cronológica, sob a pena de desperdício de tempo e

¹⁰ Ver capítulo 1.

envolvimento num montante de fontes muito vasto e que não possa corresponder às expectativas.

A qualidade das fotos também é muito importante, por isto, considerar a resolução da máquina fotográfica e outros recursos como foco e *flash* pode fazer a diferença no momento de posterior leitura das peças. No caso desta captação, foi utilizada uma máquina com resolução de 10.1 *mega pixels*, que continha um recurso próprio de captação da imagem em relação ao ambiente que fosse realizada a foto, o que permitiu a fotografia de texto com adapte de foco automático e sem flash, com a nitidez para a apreciação confortável do material no próprio visualizador de foto do *Windows7*.

Tanto quanto a qualidade das fotos, o conteúdo desta também precisa ser pensado com atenção; primeiramente, o registro da data de publicação, do veículo se for utilizado jornais diferentes, do caderno no qual consta a matéria, na constituição de informações preliminares da peça em estudo, o que também facilita o reconhecimento posterior do arquivo, no momento de organização das informações encontradas. A partir de então parte-se para a peça especificamente, assim uma imagem panorâmica da peça como um todo pode vir ser útil principalmente para a percepção da hierarquização das notícias e o consequente nível de importância e visibilidade dada à mesma.

Posteriormente, deve-se fazer o enquadramento da notícia em si que, o que depois vai orientar quanto à consecução do texto e do posicionamento da imagem – que possa vir estar associada ao texto escrito do jornal – assim como servir de componente na produção textual do pesquisador, na sua análise. Somente após isto, registrar o texto do jornal por blocos, já que cada um compreende uma mensagem completa; e da imagem também em separado, para um melhor manuseio no momento de análise e mesmo de edição que possam vir a ser úteis. A sequência de registro não é tão relevante, mas pode vir a facilitar uma dinâmica que não permita o esquecimento de um desses elementos propostos para levantamento, na captação das informações.

A organização das fotografias em pastas por data de acontecimento e anos respectivos é uma boa opção para um acesso rápido e preciso às informações, principalmente se o montante de imagens for bastante amplo, como no caso desse estudo que, dentre o número já bastante significativo de peças encontradas, conta com mais um número de imagens respectivas a cada peça; por isto um sistema eficiente de arquivamento vale a pena ser considerado.

Também se optou pela construção de um inventário das matérias, dado seu elevado número, de maneira a tornar visível certos elementos importantes à análise. Deste inventário é

possível constatar a data de publicação da matéria, e percorrê-lo por ano de ocorrência, assim como aos títulos referentes; da mesma forma também se apresenta o contexto de violência expressivo na matéria – de acordo com a classificação acima exposta – o bairro e a escola que porventura apareçam citadas nas notícias – no intuito de perceber relação entre a divulgação da violência escolar e a justificativa de sua existência a partir das condições dos bairros e/ou escolas nas quais aconteçam; e, por fim, empreende-se uma descrição em linhas gerais do que se tem exposto nas matérias do jornal¹¹.

São apenas algumas intervenções apreendidas no processo de interlocução com esse tipo de *corpus* – jornais impressos – que se supõe virem a ser úteis noutros empreendimentos de pesquisa com documentos e que uma vez aqui socializados possam vir a complementar-se e refinar-se enquanto método de abordagem e captação de informações em estudos similares.

2.2.5. Caracterização do *Corpus* de Pesquisa

O referente estudo pautou-se nos estudos de Abramovay *et al.* (2002a; 2002b; 2002c; 2003; 2004), Arendt (1985), Artinopoulou (2002), Charlot (2005), Chauí (2000), Funk (2002), Pontes (2007) e Sposito (1998; 2001); os quais apresentam uma concepção de violência escolar ampliada, que leva em consideração as mais variadas formas de manifestação violenta em três grupos, quais sejam: Violência *Institucional*, Violência Escolar *Endógena* e Violência Escolar *Exógena*, como exposto no Quadro 1 – Elementos consideráveis na identificação de uma situação de Violência Escolar.

No decorrer da organização do *corpus* foi possível destacar, em virtude da abordagem dada pelo jornal ao fenômeno, que certas peças não tratavam de casos específicos e/ou os usava apenas a título de compor uma abordagem sobre o tema da violência escolar (conceituação, elementos constitutivos da dinâmica de acontecimento, causas, consequências e ressalte de ações de enfrentamento).

Há que se considerar, entretanto, que tal agrupamento pressupõe a concepção de violência escolar assumida pela pesquisa, mas não necessariamente a concepção do fenômeno apontada pelo jornal. Disto resulta que, muitas das peças consideradas como representantes da violência escolar, não o são assim apresentadas pelo veículo. Um grande número de matérias trata do fenômeno sem explicitá-lo como tal; noutras, ainda, noticiam-se casos que outrora o jornal aponta como sendo situação de violência escolar, mas nas quais se restringe a noticiar o

¹¹ Vide Apêndice.

acontecido sem relacioná-lo enquanto conjuntura característica desse fenômeno – o que por vezes se dá pelo aproveitamento de casos ocorridos para alavancar o debate sobre violência escolar. E somente um número bem menor de peças propõe a questão da violência escolar de forma evidente, o que se observa no quadro a seguir.

Tabela 3 – Apresentação geral dos achados jornalísticos

	Nº Total de Peças	Institucional	Endógena	Exógena	Abordagem de Conteúdo
Consideradas a partir do conceito abrangente de V.E	192	77	37	65	13
Apontadas diretamente	68	Inexistência de dado numérico.	4	8	57
Total	260	77	41	73	70
Capas	19	0	3	2	14
Editoriais	9	0	0	0	9

Fonte: dados obtidos a partir da apreciação das matérias jornalísticas do arquivo de jornais da Biblioteca Pública Arthur Vianna (CENTUR), 2001-2010.

Tomando as informações do quadro acima, é possível perceber que a grande maioria das peças jornalísticas que apresentam discursos sobre violência escolar, mas não o são assim consideradas pelo jornal impresso “O Liberal”. Estas apontam, principalmente, contextos de violência institucional (VI), (77/192). Tais situações aparecem quase sempre como problemas da educação no estado do Pará, sem que haja menção destas como conjunturas de violência escolar.

Neste mesmo contexto, com relação à Violência Escolar Exógena (65), o jornal dedica atenção aos casos de violência no trânsito sofrida por escolares (alunos), violência sexual exercida por externos sobre partícipes do ambiente escolar (alunos) e ações de traficantes para cooptação de estudantes para o trabalho no tráfico e/ou para o uso de entorpecentes. Há outras trinta e sete (37) que tratam de casos de Violência Escolar Endógena, que seriam as situações de agressão entre escolares. Todas estas se referem apenas a ocorrências de danos à integridade física; são casos de espancamento, esfaqueamento e abuso sexual.

Têm-se, ainda, outras treze (13) peças, em que situações tomadas por violência escolar por este estudo – mas não por este jornal – são tratadas pelo jornal impresso “O Liberal”

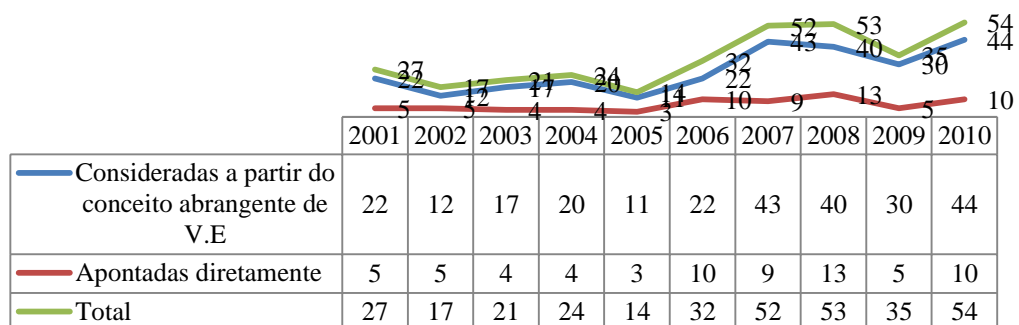
enquanto assunto em debate e no que tange o seu enfrentamento, ainda que não noticie nenhum caso ocorrido, o que está se chamando de “abordagem de conteúdo”.

Destacam-se apenas sessenta e oito peças (68) abordando a violência escolar de maneira assumida. Dentre estas, cinquenta e sete (57) peças que são representativas da abordagem de conteúdo; oito (8) que são representativas de casos de Violência Escolar Exógena; quatro (4) que tratam de situações de Violência Escolar Endógena; e nenhuma cuja abordagem considere a Violência Institucional enquanto violência escolar.

2.2.5.1. Recorrência da Abordagem da Violência Escolar pelo Jornal Impresso O Liberal no período de 2001 a 2010

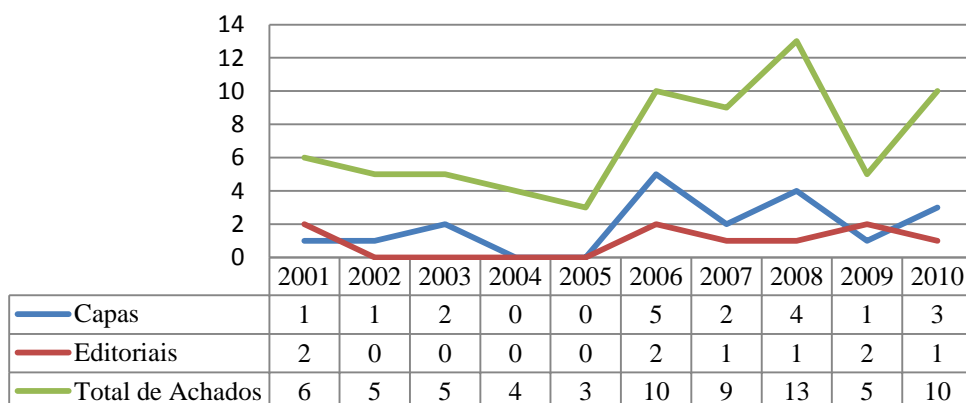
Dentre as peças representativas da violência escolar, faz-se importante notar a relação ocorrência/ano.

Gráfico 1 – Recorrência de matérias sobre violência escolar no jornal impresso O Liberal (2001-2010)



Fonte: construído pelos autores a partir do inventário das matérias do jornal impresso O Liberal (2001-2010) sobre violência escolar.

Gráfico 2 - Demonstração do nível de visibilidade a violência escolar no jornal impresso “O Liberal” (2001-2010) a partir das chamadas de capa e editoriais



Fonte: construído pelos autores a partir do inventário das matérias do jornal O Liberal (2001-2010) sobre violência escolar.

O ano de 2001, já demonstra certa preocupação da mídia acerca da violência escolar, pois, dentre os vinte e dois (22) registros encontrados¹², cinco (5) destacam-se por abordar explicitamente o fenômeno, dos quais, três (3) que se subdividem entre editoriais (2) e capa (1) o que nos é indicativo da notoriedade dada aos casos violentos na escola, que já despontam no início desta década.

Em 2002, temos dezessete (17) achados, dos quais doze (12) foram considerados como abordagem da violência escolar a partir do conceito eleito, muito embora apenas cinco (5) tratassem o tema de maneira declarada pelo jornal. Dentre estas últimas, apenas duas (2) possuem chamada de capa e nenhum editorial.

O ano de 2003 congrega vinte e uma (21) peças ao todo, dezessete (17) que se caracterizam por violência escolar a partir do conceito abrangente eleito para esta investigação; mas apenas quatro apontam a questão de forma explícita. Destas, duas (2) possuem chamadas de capa, que embora a visibilidade inicial da capa, possuem tímidas proporções, tomando pouco espaço da página com poucos parágrafos, a primeira até mesmo sem imagem alguma no seu interior; de maneira que, a acuidade dada a questão não parece muito aprofundada e/ou muito explorada pelo jornal.

Em 2004, há um número pequeno de peças com conteúdo explícito de violência escolar, apenas quatro (4) de um total de vinte e quatro (24) achados, considerando as que foram tomadas sob a abrangência do conceito. Dentre estas, apenas duas (2) configuram-se com certa visibilidade, dadas as chamadas de capa; ambas no mês de setembro do referido ano.

O ano de 2005 é o de menor expressividade da violência escolar na agenda do jornal; tendo-se encontrado apenas catorze achados no total, levando-se em consideração a abrangência do conceito. Destes apenas três (3) refletem uma abordagem mais explícita e assumida do fenômeno. Neste ano, não encontramos nenhuma matéria com chamada de capa e nem mesmo editoriais.

Dois mil e seis (2006) é um ano bastante fértil de matérias com expressiva notoriedade na apresentação do jornal, pois dentre as trinta e duas (32) peças levantadas, dez (10) são expressivas de conteúdo explícito sobre violência escolar, das quais sete (7) peças se subdividem em chamadas de capa (5) e editoriais (2).

No levantamento do ano de 2007 foi encontrado um número muito expressivo de peças relevantes à pesquisa (52), embora somente nove (9) peças tenham se caracterizado por

¹² Observáveis no inventário, em apêndice.

conteúdo explícito acerca da violência escolar. Destas, três se destacavam duas peças com chamadas de capa e um editorial.

No ano de 2008 foram encontradas o maior número de peças (53), dentre estas 13 abordavam a violência escolar de maneira explícita, quatro são capas e um editorial, mas nossa análise deter-se-á apenas sobre duas – o editorial e a matéria do dia 02 de setembro, por ser a mais extensa e proporcionar maior material discursivo.

No ano de 2009 foram localizadas trinta e cinco peças considerando-se o conceito abrangente de violência escolar, muito embora apenas um número muito pequeno refira-se a tal tema de forma explícita (5). Dentre estas cinco peças, temos dois editoriais e uma com chamada de capa.

No ano de 2010, encontramos dez (10) representativas do fenômeno da violência escolar de forma explícita; dentre estas contudo, apenas quatro atendem ao critério de seleção para análise: editoriais (1) e matérias com chamadas de capa (3).

Estas informações e observações quanto ao trato do jornal sobre a V.E, deixa-nos a impressão de que, se voltássemos mais ainda no tempo, encontraríamos notícias sobre V.E, mesmo que estas não aparecessem caracterizadas explicitamente como tal, porque nos parece que, análogo ao amadurecimento teórico acerca de tal temática, também sua midiatização apresenta evolução de sentido, que se dá em decorrência do que se passa a considerar como V.E.

Em suma, tomando os critérios de caracterização da violência escolar de forma abrangente, como se entende nesse trabalho, notamos um sensível crescimento da noticiabilidade da V.E, com certo declínio no meio da década, mas que continua crescente a partir de então.

Já de forma explícita, a temática da violência no ambiente escolar tem sido considerada, ainda que sob proporções diferenciadas, durante todo o período, que confere à última década. Os destaques são os anos de 2006, 2008 e 2010, com dez (10), treze (13) e dez (10) achados respectivamente. Embora, desproporcional ao número geral de notícias.

2.2.6. Critérios de seleção do corpus de análise

Em virtude dessa compreensão ampliada de violência escolar, obtivemos então um número bastante elevado de achados; o que exigiu critérios de seleção que pudessem compor um *corpus* razoável para análise em consonância aos limites temporais e que se mantivesse suficientemente consubstancial a ponto de possibilitar o alcance dos objetivos propostos. Por

isto, optamos por considerar todas as peças, mas no nível de percepção contextual entre o que toma caráter de violência escolar ou não para o veículo em estudo.

Conquanto, tomamos para análise apenas duas peças por ano, desde que obedecessem a dois critérios: conteúdo característico de violência escolar, manifesto e assumido como tal pelo discurso jornalístico; matérias com maior visibilidade – com chamadas de capa, e editoriais. A escolha das matérias e editoriais deu-se em virtude do maior número de elementos discursivos, como imagens, infográficos e da própria dimensão do texto. O que nos conferiu um montante de vinte (20) peças jornalísticas objeto de análise.

Isto, por se considerar a capa como o local onde se faz a primeira oferta de sentido para o leitor, direcionando o olhar e lhe ofertando um roteiro, uma espécie de índice, sobre como acessar o conhecimento e percorrer as informações e que também define o nível de importância das notícias e do agendamento proposto ao leitor, como nos adverte Lima (2010b).

E os editoriais, por se configurarem à rigor como o posicionamento assumido do veículo na abordagem de uma questão dada, configurando-se assim, enquanto *corpus* privilegiado de análise nesta empreitada de ressaltar de sentido e posicionamento do jornal impresso “O Liberal” sobre a violência escolar. Como apresenta Lima (2010a, p.8), a qual considera o editorial como um gênero jornalístico que,

embora não se trate de uma notícia assinada [...] é reconhecidamente o espaço em que os dispositivos de comunicação assumem abertamente sua posição. É o lugar por excelência onde os *media* marcam sua posição na enunciação, constituindo-se, portanto, num dos espaços de autorreferenciação dos veículos de comunicação. No editorial, o enunciador se revela na enunciação através da narrativa em primeira pessoa, rompendo com a gramática na narrativa impessoal proposta na construção das notícias. Ali, os *media* não mascaram a subjetividade, pelo contrário, reconhecem-na, e fazem dela uma aliada para ofertar ao leitor uma visão mais emotiva, uma vez que os fatos narrados em primeira pessoa adquirem maior carga dramática.

O editorial é um texto que se distingue de todos os outros do jornal, segundo Gradim (2000), porque uma vez construído pela direção deste, sobre os acontecimentos mais marcantes da atualidade ou de uma edição, tece uma opinião que diferentemente das opiniões de outros redatores que possam usar de maior ou menor autonomia para discursar num certo tom mais subjetivo; o editorial tem a marca da materialização da opinião do jornal – revela mais que qualquer outro a política editorial institucional, os interesses da empresa-jornal. De acordo com Gradim (2000, p.81), “o editorial tem sempre de tomar partido, pois sua finalidade é aconselhar e dirigir as opiniões dos leitores”.

Os editoriais também são diretrizes para a composição dos outros textos do jornal; por este discurso, em especial, e por sua essência constitutiva é mais visível à tomada de posicionamento do *media*, frente a um acontecimento, uma questão e/ou problema social. É fundamentalmente isto que um editorial faz: procura estabelecer de forma esclarecida o significado dos acontecimentos, mas não quaisquer uns, pois estes também se submetem a lógica do agendamento, da seleção da notícia.

Segundo Gradim (2000), o espaço editorial dos jornais revela-se como um espaço estratégico, pois é a partir deste que se orienta toda a construção discursiva dos demais cadernos do veículo, visto que este demarca, de forma assumida, o posicionamento do jornal em relação à temática que aborde. O que, para Njaine e Minayo (2002) e Santos (2010), funciona como um regulador da ação jornalística e, conseqüentemente, das práticas discursivas, que devem ser autorizadas pelo sistema de relações que regula. É, então, o crivo editorial que determina as formulações enunciativas e os discursos que serão circulados em cada edição.

Tomar a análise dos editoriais do jornal impresso “O Liberal” fez-se imprescindível no ressalte dos sentidos e em suma, do posicionamento tomado por este *mass media*, assim como nos subsidiou certos indícios de compreensão das demais peças, que se destacam a partir de outros espaços do jornal, nos cadernos de atualidades e Polícia.

Assim sendo, a realização da análise discursiva proposta nas assertivas metodológicas restringiu-se as vinte (20) peças jornalísticas descritas abaixo.

Quadro 2 – Peças submetidas à análise: editoriais e matérias com chamadas de capa

		Título
1.	22/mai/01	Violência nas escolas
2.	30/out/01	Capa: Pará é campeão em registros de violência contra aluno e professor Pará é Campeão da violência nas escolas
3.	07/abr/02	Capa: Gangues, armas e drogas se alastram nas escolas Violência impõe o medo ao cotidiano das escolas
4.	09/abr/02	Capa: Insegurança Seduc contesta os dados da violência Seduc faz ressalvas à pesquisa sobre insegurança
5.	18/out/03	Capa: Terra Firme Escola leva planos de paz às ruas Escola Estadual faz caminhada em Belém para pedir o fim da violência
6.	28/nov/03	Capa: Pará tem arma contra violência nas escolas Observatório deve propor soluções para combater violência nas escolas
7.	09/set/04	Capa: Briga de Estudante Polícia vai vigiar escola pública Polícia vai vigiar as escolas
8.	16/set/04	Capa: Gangues impõem terror às escolas Gangues deixam escolas sem merenda
9.	04/fev/05	Violência na escola espanta estudante
10.	29/out/05	VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS Especialistas apresentam soluções para o problema
11.	24/mai/06	Escola Sitiada
12.	20/dez/06	Capa: Escola é território livre da violência em Belém

		Escolas de terror
13.	17/fev/07	A educação acuada
14.	23/set/07	Capa: Escola acuada pela droga Pesquisa desvenda violência nas escolas
15.	21/jun/08	A escola sob reflexos
16.	02/set/08	Capa: Escolas são reféns da insegurança na periferia Escolas vivem com medo da violência
17.	26/mar/09	Escolas sem autoridade
18.	19/dez/09	Capa: Violência tira alunos da escola Insegurança afasta quase 8% da escola
19.	15/ago/10	A indisciplina nas escolas
20.	07/mai/10	Capa: Sala de aula vira reduto do medo Violência tem portas abertas na escola Seduc busca soluções para insegurança

2.2.7. Procedimento de Análise

Em decorrência do período considerado (2001-2010) que compreende o intervalo de uma década, busca-se sua apreciação em comparação ano a ano. Pois desta forma, poderíamos estar percebendo a ocorrência da divulgação da violência escolar, assim como variações de sentido no decorrer desse intervalo.

A análise do posicionamento discursivo do jornal impresso “O Liberal” sobre a violência escolar levará em conta o conjunto de matérias significantes articuladas por tal jornal impresso, sobre seu comportamento editorial e a partir da cobertura a respeito da violência escolar, para suscitar as significações desses discursos.

Neste sentido, sobressaem-se os signos repetíveis, que no contexto enunciativo se manifestam ideologicamente, aferindo para além de um significado formal, um sentido sempre novo, concreto e histórico; tanto quanto uma apreciação, um acento de valor, que inter-relacionados, apontam-nos a posição discursiva assumida por este jornal.

Assim, observamos que no conjunto das peças em análise emergiam sempre os mesmo elementos, na tessitura da trama discursiva do jornal impresso “O Liberal”, quais sejam: a violência, o aluno, o professor, a escola, a família, o bairro, a polícia, os pesquisadores, a Seduc e o próprio “O Liberal”. A partir do que, podemos perceber que para além do significado dicionarizado de cada um desses signos, estes se apresentavam ideologicamente ao assumir sentidos próprios das instâncias enunciativas em questão e por expressarem-se em termos valorativos.

Na sequência, pormenorizamos a feitura da análise frente às matérias de jornal, apresentando-as na dinâmica de compreensão e ressalte do significado e sentido(s) construídos pelo engendramento discursivo do jornal impresso “O Liberal” acerca da violência escolar.

3. O POSICIONAMENTO DISCURSIVO DO JORNAL “O LIBERAL” SOBRE A VIOLÊNCIA ESCOLAR

A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo. Compreender é opor a palavra do locutor uma contrapalavra (BAKHTIN, 2009, p. 135).

No enfrentamento do objeto e do *corpus* em análise fomos observando que na abordagem que o jornal impresso “O Liberal” faz da violência escolar, alguns elementos se repetem no movimento enunciativo proposto pelo veículo; e cada vez que se volta para uma matéria este se apresenta constante. Estes elementos constituem-se por palavras/signos características do engendramento da compreensão de violência escolar tecida por este mesmo jornal; estas, então, remetem-se a trama que, no entender do *media*, constituem a violência escolar enquanto fenômeno social. A partir destas observações, fomos identificando esses elementos e aplicando-lhes as categorias analíticas propostas por Bakhtin. O que da mesma forma deu-se com a leitura das imagens, buscando perceber quais elementos apareciam com frequência na sua constituição – identificação dos signos que a compunham.

Desta forma, a priori, buscamos apresentar a recorrência das matérias de jornal em “O Liberal” que tratavam do tema da violência escolar, uma vez que a noticiabilidade e visibilidade dada ao fenômeno também contribui para a compreensão do posicionamento que este meio de comunicação assume mediante o mesmo. Para tão logo proceder à exposição das peças sob as quais se empreendeu análise, já destacando suas abordagens dos elementos discursivos constituintes da teia discursiva de “O Liberal” acerca da violência escolar, o que nos permitiu compor quadros demonstrativos desses elementos constituintes, de seus significados dicionarizados e dos sentidos assumidos no movimento enunciativo desse jornal.

A seguir apresentamos as vinte peças e os discursos empreendidos sobre a violência escolar materializados nos discursos jornalísticos do jornal “O Liberal”.

3.1. APRESENTAÇÃO DAS PEÇAS

No ano de 2001 temos dois editoriais que tratam da compreensão de violência escolar do jornal impresso “O Liberal”, embora tenhamos privilegiado para análise, o do dia 22 de maio por ser mais rico em elementos discursivos; o qual tem como título “*Violência nas escolas*”.

3.1.1. Peça 1: Violência nas escolas

Já no título dessa primeira matéria jornalística é possível perceber o nível de abordagem do fenômeno que aparece como a violência “de fora”, que acontece “na escola”. A escola está sendo atingida por essa violência que não foi construída por si; a escola é o local de acontecimento da violência, que uma vez atingida e sofredora das ações violentas, não consegue desempenhar a contento o seu papel.

A princípio se observa que vocábulos como “violência escolar” e “violência na escola” são utilizados para designar um mesmo sentido, o de que a violência externa agora adentrou a escola. Essa atualidade da violência nas escolas se justifica pelo uso do verbo sempre no presente ao se remeter ao fenômeno e pela utilização de advérbios de tempo como o “hoje”, “recentemente”.

Há menção à violência interna e externa a escola, quase sempre protagonizada por alunos. Estes aparecem como vetores dessa violência até então externa a escola, que lhe acessa por meio da ação dos alunos, que uma vez vítimas da violência doméstica a reproduzem no ambiente escolar. Por isso, a família (pobre) aparece como a responsável, a origem do problema da violência escolar. Já os professores aparecem somente como vítimas.

3.1.2. Pará é campeão da violência nas escolas

A segunda matéria apreciada foi a de 30 de outubro de 2001, encontra-se no caderno atualidades e tem a seguinte chamada de capa, que destaca as vítimas (aluno e professor), o tipo de violência e os responsáveis pelo levantamento das informações – uma pesquisa da Confederação de Trabalhadores na Educação. A palavra campeão nesse contexto sugere sarcasmo e intenção de expor o Estado, negativamente

O título principal “*Pará é campeão da violência nas escolas*” vem apresentando as conclusões de uma pesquisa realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE); sob os quais estão destacados os principais tipos de ocorrência e seus atores, os responsáveis pela existência e

Imagem 1 – Chamada de capa O Liberal de 30 de outubro de 2001.



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

pela resolução do problema. No subtítulo “*Professores e funcionários responderam ao questionário*”, reitera-se a vitimação desses e os esclarecimentos da SEDUC e da CIPOE. O segundo subtítulo: “*Rede pública tem mais vítimas*” acentua ainda mais o problema da violência como sendo da escola pública; onde os alunos seriam mais prejudicados.

Quanto ao discurso imagético, observamos o destaque para a figura dos alunos da escola pública, o que se percebe por meio da insígnia na camisa de uma das crianças, a qual mostra as abreviaturas “E.E” que sugerem as inscrições em uniformes de escolas públicas Estaduais. E, em observação apenas da imagem, vemos crianças atrás de grades, que são um símbolo de prisão. As prisões podem ser para bandidos, para quem transgride a lei, para apartar do convívio aqueles que são nocivos à sociedade. Parece uma analogia entre a escola e prisões; a escola agora abriga “transgressores”, porque é palco de atos próprios de bandidos: violências.

Imagem 2 – Alunos atrás das grades: O Liberal de 30 de outubro/01.



Acuados pelas grades, alunos das escolas paraenses não estão livres das agressões e até roubos dentro de sala de aula

Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

Legenda: Acuados pelas grades, alunos das escolas paraenses não estão livres das agressões e até roubos dentro de sala de aula.

3.1.3. Peça 3: Gangues, armas e drogas se alastram na escola

A terceira matéria, do dia 07 de abril de 2002, localizada no caderno atualidades, configura-se por ser uma matéria de página inteira (linda direita), com duas

Imagem 3 – Chamada de Capa: O Liberal de 07 de abril de 2002.



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

imagens no interior da peça; a chamada de capa não acompanha fotografia. A peça é composta por um título principal, dois subtítulos, e um infográfico.

Já nos títulos é possível perceber as tendências discursivas da peça. A chamada de capa “*Gangues, armas e drogas, Medo e insegurança se integram cada vez mais a rotina de alunos e professores*” que vem apontando as situações que são consideradas pelo jornal impresso “O Liberal” como representantes da violência escolar, assim como seus atingidos; de todos os atores escolares, apenas “alunos e professores” são mencionados.

O que se reforça no título “*Violência impõe o medo ao cotidiano das escolas*”, que inspira a personificação da violência ou pelo menos dessa violência específica que “impõe o medo às escolas”, pois se são os alunos os responsáveis por sua disseminação, então estes seriam os que impõem medo ao ambiente escolar. Os que sentem esse medo seriam então os professores e/ou funcionários mencionados.

O jornal impresso “O Liberal” apropria-se de uma pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) para neste contexto, apontar as situações que considera como representantes da violência escolar, das quais suscita o tráfico e o consumo de drogas, gangues, ameaças, estupros, humilhações, violência sexual, espancamento, agressões e discriminação, que ocorreriam tanto no interior como nos arredores das escolas; e o aluno como o principal agressor, o que se reitera tanto pela apresentação dos dados da pesquisa como pela utilização da fala de uma vice diretora, de professores e alunos-vítimas, que servem de discursos testemunhais.

O subtítulo “*Belém e Manaus são as duas capitais do Norte incluídas no relatório*”, vem abordando certos pormenores da pesquisa e sua aplicação, destacando Belém como uma das cidades a determinar índices de violência escolar. De maneira que, são evidenciados a autoridade da pesquisa, da entidade e dos pesquisadores por meio da amplitude da investigação que, segundo o jornal impresso “O Liberal” teria sido de âmbito nacional e pelos números de sujeitos respondentes, o que balizaria não só a consistência da empreitada da UNESCO, como a propõem enquanto conhecimento inquestionável na tessitura que o veículo constrói acerca da violência escolar.

O infográfico é ilustrativo de muita das questões mencionadas, como a utilização das falas testemunhais e do aluno-jovem como o principal vetor de violência na escola. Ainda que o entorno tenha também o seu destaque, pela ação de externos (banditismo) que também se traduz pela ação do jovem. A escola e seus problemas destacados para compor sua incompetência para uma formação que impeça o jovem de se tornar violento. E, mais uma vez, o destaque para o aluno como o potencial de violência na escola.

Da mesma forma, o texto imagético vem abordando as duas situações possíveis para a existência da violência escolar: o agente externo, do entorno, o qual se sugere também como o “jovem”, caracterizado pelo banditismo. Por isto, a imagem é reveladora da figura de uma aluna, que embora exposta como vítima do entorno, pela legenda que a acompanha, também

Imagem 4 – Alunos-Vítimas: O Liberal de 07 de abril/02



Silvia Luciane da Silva, ameaçada por assaltantes armados com faca quando saía da escola, agora vive atemorizada

Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

reflete a relação bandido do entorno/jovem que comete violência escolar e aluno/jovem que também comete violência escolar e, por isso, devendo também ser considerado “bandido”.

Legenda: “Silvia Lacerda da Silva, ameaçada por assaltantes armados com faca quando saía da escola, agora vive atemorizada”.

Nesta outra imagem, o aluno é posto como agressor que precisa ser contido, daí a representação de um estudante que não necessariamente é o mesmo do fato descrito, o que sugere a generalização do aluno como agressor; e também da escola como incapaz de conter tal violência, sendo a escola retratada por seu aspecto depredado (pichações) e por suas “grades”.

Imagem 5 – Aluno-Agressor: O Liberal de 07 de abril/02



Na Escola Professora Anésia, um aluno teve que ser contido ao tentar jogar namorada da passarela

Legenda: “Na Escola Professora Anésia, um aluno teve que ser contido ao tentar jogar namorada da passarela”.

Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

O que reforça ainda mais as proposições do subtítulo “*Alunos são fonte de desgosto para 40% dos funcionários*”. Neste ínterim, o jornal impresso “O Liberal”, ainda abordando a pesquisa da UNESCO, trata da insatisfação da comunidade escolar com as condições precárias da escola, que contrasta com afirmativas de qualquer trabalho educativo/pedagógico tenha solucionado o problema da violência. Mas, o principal destaque é dado ao aluno, como fonte do desinteresse de “todos” pela escola. “Alunos desinteressados e indisciplinados” aparecem com os maiores responsáveis pelas queixas dos mais diversos membros da comunidade escolar.

3.1.4. Peça 4: Seduc faz ressalvas à pesquisa sobre insegurança

Imagem 6 – Chamada de Capa: O Liberal 09 de abril de 2002.



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

A quarta matéria, do dia 09 de abril de 2002, do caderno atualidades, é remissiva à peça analisada anteriormente (07 de abril de 2002), pois destaca a Secretaria de Educação (SEDUC), no contexto das proposições acerca da violência escolar, no que tange à discordância dos dados da pesquisa realizada pelo UNICEF, por julgar que os números sejam menores do que o divulgado. Que já na chamada de capa, o jornal impresso “O Liberal” antecede a tal queixa com a palavra INSEGURANÇA em vermelho e em caixa alta, o que nos sugere certo contraste com a reivindicação da SEDUC.

No que se refere ao intervalo discursivo do título interno da peça: “*Seduc faz ressalvas a pesquisa sobre insegurança*”, este, em consonância a referida capa, propõe a SEDUC pela discordância com os dados da pesquisa que, segundo o jornal impresso “O Liberal”, investigava a questão da insegurança nas escolas. Aqui, o veículo toma por sinônimos a insegurança e a violência escolar, pois no decorrer do texto a abordagem é bastante clara ao tratar de questões de violência nas escolas.

O jornal impresso “O Liberal” relembra resumidamente os dados da pesquisa da UNESCO, autorreferenciando-se como propositor do debate, da divulgação, da investigação e como proponente de reflexões de partes discordantes; neste caso a SEDUC. O que, por fim, parece mais que a SEDUC está prestando esclarecimentos e se justificando mediante os dados

da pesquisa da UNESCO, do que a contestando; isto porque vem apresentando os projetos e medidas já empreendidas pela secretaria de educação, em respostas aos problemas apontados.

3.1.5. Peça 5: Escola leva planos de paz às ruas

A chamada de capa da quinta peça em análise, do dia 18/out/03, vem destacando o bairro – Terra Firme – e a escola – pública – pela primeira vez a partir de um fato positivo; pois trata de uma premiação em virtude de um projeto de enfrentamento a violência. E a escola é ressaltada por uma iniciativa exitosa.

A notícia situa-se no caderno Cidades/atualidades e informa sobre a caminhada a ser promovida pela escola para divulgar a premiação e suscitar o debate do enfrentamento à violência na escola e no bairro. Tal intento aparece com apoio de toda a comunidade escolar, e evidenciando a conquista do prêmio, e da escola como destaque entre as poucas escolas no Brasil, e única no Pará a ser premiada.

A UNESCO também é suscitada como entidade com autoridade para reconhecer empreendimentos de sucesso neste campo de atuação, com investimento financeiro para a potencialização destes.

Mas, muito embora, a escola apareça como propositora de uma ação em relação à situação de violência que convive, nota-se certa incredulidade quantos aos resultados possíveis de uma ação da escola para solucionar um problema dessa natureza; pois tendo os projetos sido desenvolvidos e premiados, supõe-se que tenham tido um impacto positivo, despontando como iniciativa, ação efetiva, e não “tentativa” como expõe o jornal impresso “O Liberal”. O que também é observável no título: “*Escola Estadual faz caminhada em Belém para pedir o fim da violência*”, pois dá a entender que a escola não possui resultados efetivos, tendo de pedi-los.

Imagem 7 – Chamada de capa “O Liberal” de 18/out./2003.



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

3.1.6. Peça 6: Pará tem arma contra a violência

A notícia do dia 28 de Novembro de 2003, sexta peça em análise, também no caderno Cidades/Atualidade, propõem-se pela seguinte chamada de capa, que informa sobre o

Imagem 8 – Chamada de Capa O Liberal 28 de novembro de 03.



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

lançamento do Observatório de Violência nas escolas. Contudo, o trocadilho “*Pará tem arma contra a violência*”, remete-se a uma ideia de enfrentamento do fenômeno pela ação policial, que no caso do Observatório, dar-se-á pela investigação de questões referentes à violência escolar, para melhor compreendê-la, com foco na juventude, ao menos como destaca o jornal impresso “O Liberal”.

Nesta, o principal destaque é para as proposições de pesquisadores ao problema da violência nas escolas do Estado. Assim, parecemos que o Estado vem sendo apontado por suas escolas violentas e problemáticas, que reivindicam ações especializadas de enfrentamento e combate.

O discurso imagético avulta a pesquisadora da UNESCO, em apoio aos pesquisadores do Estado na implantação do Observatório. Deflagrando também, o destaque aos pesquisadores como proponentes de conhecimento acerca da violência escolar a partir de sua “autoridade” e “consistência científica” favoráveis ao respaldo necessário à trama discursiva tecida pelo jornal impresso “O Liberal”.

Imagem 9 – A Pesquisadora: O Liberal 28 de nov. de 03



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

3.1.7. Peça 7: Polícia vai vigiar escola pública

A sétima peça, do dia 09 de setembro de 2004, situa-se no caderno Atualidades e tem a seguinte chamada de capa, que destaca a “**BRIGA DE ESTUDANTE**”, como a ocorrência violenta na escola e os atores envolvidos nesse tipo de situação, que são os próprios alunos. De certa forma, criminaliza-se o ato ao expô-lo privilegiadamente como caso de Polícia e se desmerece a escola na sua autonomia e competência para lidar com o problema, já que a “Polícia *vai vigiar* escola escolar no contexto exclusivo da escola pública, e como responsabilidade da SEDUC empreender medidas interventivas, porém não somente pelos meios pedagógicos, porque estes não seriam suficientes, carecendo da presença da Polícia.



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

No interior da matéria mais uma vez o título evoca a submissão da escola em relação à polícia – Polícia vai vigiar as escolas – pois, embora o representante da SEDUC defenda que a violência só acontece no exterior das escolas e aponte medidas educativo-pedagógicas para tratar da questão, o fato de a Polícia vigiar as escolas e não o entorno, o bairro etc., parece questionar a veracidade das afirmações de SEDUC. Por isto, a peça vem realçando a reunião entre a SEDUC e a Polícia, que já subentende a necessidade desta no contexto das soluções de ocorrências de violência escolar.

No subtítulo que acompanha a matéria “Escola “Brigadeiro Fontenelle” dá exemplo de superação no bairro da Terra Firme” vem se enfatizando uma experiência exitosa de uma escola pública em relação à violência escolar; mas, aqui, a ênfase é nas ocorrências do interior da escola, apesar de ainda apontar a briga entre estudantes; informação que contrasta com a fala do representante da SEDUC que negava a violência dentro das escolas públicas. E, também como questão antiga – desde 1986 – quando referida esta escola sofreu intervenção, acredita-se que da polícia, porque o sugerem acima que as escolas que não se sustentam pela educação terão intervenção policial.

3.1.8. Peça 8: Gangues impõem terror às escolas

A chamada de capa do dia 16 de setembro de 2004, na oitava peça analisada, refere-se a uma matéria do caderno Atualidades, que vem destacando a ação de gangues numa escola

Imagem 11 – Chamada de capa O Liberal 16 de setembro de 2004.



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

violência que, neste contexto, é atribuída ao entorno, ao bairro – Jurunas. O que se revela na imagem, a cozinha do que se sugere ser a escola invadida e o fogão desligado, sem funcionamento, e ao fundo, crianças por trás de grades que separam o ambiente da cozinha do restante da escola. O aluno recebe bastante visibilidade nesta imagem, que relacionados ao título “*Gangues impõe terror as escolas*”, parecem também integrantes das gangues e/ou os que trazem “o terror” a escola.

No que se limita ao título principal supracitado, as situações expostas como violência na escola são basicamente de duas ordens: ação de estudantes (briga, porte de armas, tentativa de homicídio) e/ou de agentes externos a escola, o “bandido”, o “assaltante” (invasão, roubo). Os quais se confundem, porque o aluno também é a pessoa que ameaça professores, sendo assim também considerado “o bandido”. A violência escolar, neste sentido, confunde-se com criminalidade.

Os professores e os demais funcionários quando citados, cumprem especificamente dois papéis: o de vítima e/ou denunciador, fala testemunhal; que serve de prova, de evidência e, por isso, como atestados de veracidade e credibilidade ao construto discursivo do jornal impresso “O Liberal”. Quanto aos alunos, estes também representam duas figuras distintas a partir da exposição do jornal impresso “O Liberal”, uma que diz respeito ao aluno-agressor

pública do bairro do Jurunas, que foi saqueada, como também mostrar certa

precariedade do ensino pela ausência de professores. A imagem possui a seguinte legenda: “*PANELAS VAZIAS Alunos observam o fogão desligado por falta de alimentação.*”

Ao ressaltar a ação de externos em detrimento do bom funcionamento da escola, como situação característica de violência nas escolas, delega ao aluno e aos professores o papel de vítimas da

que nesta trama assemelha-se ao bandido, que está imerso nas “*Gangues impõe terror as escolas*”; este aluno, tanto quanto o agente externo “*impõe terror às escolas*”.

De outra maneira, também há o aluno-vítima que sofre com a violência, pois lhe são cerceados o direito ao acesso a uma educação de qualidade, que lhe é tirado por outros alunos e pela violência do entorno, do bairro – Jurunas e Cremação. Destarte, o estudante igualmente, pode servir ao propósito da denúncia e testemunhas dos fatos ressaltados. Como se pode observar na imagem abaixo:

Imagem 12 – Alunos-Vítimas: O Liberal 16 de set/ 04



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

Legenda: CARENÇA Os mais prejudicados pelo descaso com a segurança nas escolas são as crianças, que ficam sem poder se alimentar para estudar.

Diferentemente da fotografia da capa, aqui as crianças estão em primeiro plano, a frente das grades, com um cartaz de denúncia; parece mesmo que o jornal impresso “O Liberal” expressa os dois tipos de alunos de que trata – agressor e vítima.

A SEDUC mais uma vez é requisitada para prestar esclarecimentos quanto as circunstâncias da escola que tivera sido saqueada, a qual atribui a culpa a direção da escola e falta de mecanismos de segurança que impedissem a violência do bairro de interferir na rotina da escola; esta também aparece como obstrutora do trabalho do jornal impresso “O Liberal”, por impedir entrevistas e intimidar funcionários que as tivessem permitido. Neste sentido, há uma nota que acompanha a matéria, na qual a SEDUC se retrata negando as acusações, demonstrando claramente as tensões existentes entre o órgão e o veículo jornalístico.

Embora o representante da SEDUC venha apontando as ações que este órgão tem empreendido para a resolução deste problema das escolas, todas essas medidas parecem desmentidas pelo restante do que foi apresentado pelo jornal impresso “O Liberal”; a

necessidade das grades para impedir a ação dos bandidos, pelo que se vê nas imagens, é destaque a presença de grades; os programas e palestras, pois o jornal impresso “O Liberal” estende o problema da violência como sendo realidade de varias outras escolas da rede; e da culpabilidade do entorno, para o qual a matéria vem apresentando também o aluno como agressor. Assim, a SEDUC parece descreditaada nas suas considerações acerca da violência nas escolas e das soluções para esta.

A presença do discurso do especialista se revela a partir da credibilidade que o discurso científico possui para a sociedade, de maneira que vem ratificar muitas das assertivas do jornal impresso “O Liberal”, como a autoria exclusiva do aluno nos casos internos de violência na escola e de uma leitura de violência urbana que é antecessor a violência na escola, porque a adentra.

Outro recurso visual aborda o histórico da violência nas escolas do Jurunas, o qual vem tratando das ocorrências consideradas representantes da violência escolar, que são da ordem das ações externas, por meio de arrombamentos e furtos e de ações internas protagonizadas por alunos. O bairro

Imagem 13 – Histórico da violência nas escolas do Jurunas: O Liberal 16 de set/ 04

HISTÓRICO DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS DO JURUNAS	
Escola de Ensino Fundamental e Médio Arthur Porto	
22 de abril de 2003	Arrombamento na sala dos professores, furto do videocassete
16 de agosto de 2003	Arrombamento da copa, furto de um carro de mão com ferramentas, dois ventiladores de teto das salas de aula, 30 luminárias e um rolo de cordão
15 de julho de 2004	Arrombamento da cantina, furto de sanduicheira, um ventilador, um liquidificador e 18 litros de refrigerante
20 de julho de 2004	Arrombamento da copa, furto de arroz, charque, sico e açúcar
27 de julho de 2004	Arrombamento da sala dos professores, furto de todo o material de escritório e de expediente.
Escola Estadual Gonçalo Duarte	
junho de 2004	Estudante rende porteiro com revólver 38 e invade a escola para se vingar de professor

Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

do Jurunas e da Cremação também citada na matéria, fazem referência à violência do entorno dos bairros periféricos, os quais o jornal impresso “O Liberal” relaciona com a produção da violência e/ou dos “violentos” – alunos/bandidos – que atingem a escola.

Ainda percebemos por meio desta, e de outras passagens escritas, a autorreferenciação do jornal impresso “O Liberal”, que se coloca como o meio sem o qual a sociedade não teria acesso às informações e situações ocorridas na escola. O agente social que busca as respostas, que problematiza, que inquire, e por isso, constrói-se como denunciador dos problemas que a escola enfrenta, e o porta-voz da sociedade para cobrar iniciativas e soluções das autoridades competentes.

3.1.9. Peça 9: Violência nas escolas espanta estudante

A reportagem do dia 04 de fevereiro de 2005, nona peça analisada, vem tratando do período de matrículas nas escolas públicas e o quanto a questão da violência nas escolas tem influenciado na opção das pessoas por qual estabelecimento se matricular. Para tanto, respalda-se a partir da fala de pessoas que buscam a matrícula em frente as escolas (que podem ser pais e/ou alunos), para denunciar a violência que atinge certas escolas, e por isso incentivando a diferenciação entre as escolas boas, cujo o ensino é de qualidade, e as escolas ruins – as violentas; e dessa forma também denunciam as condições de atendimento das escolas da rede pública, como insatisfatórias.

O discurso imagético seria representativo dessa insatisfação de pais e alunos quanto a insuficiência de vagas nas escolas consideradas boas – seguras – obrigando o remanejamento do excedente para as escolas com problemas – as violentas. Neste cenário, um elemento importante a se notar seria a presença das grades, que se destaca ante um contexto apontado pela insegurança, da ação das gangues que incorre no descontentamento de estudantes; pois as grades seriam um artifício de segurança, que aqui parece “espantar” os que gostariam de estudar nessa escola, ideia que também se deflagra no título da matéria: “Violência na escola espanta estudantes”; o que parece responsabilizar a escola pela falta de oportunidade de acesso a uma educação de qualidade.

Imagem 14 – Denúncia da violência nas escolas: O Liberal
04 de fevereiro de 2005



*Legenda: “**PREOCUPAÇÃO**
A questão da segurança tem marcado a presença de pais e alunos nas portas das escolas públicas antes da matrícula”.*

Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

3.1.10. Peça 10: Violência nas escolas – especialistas apresentam soluções para o problema

Já a notícia do dia 29 de outubro de 2005, décima peça analisada, encontra-se no caderno atualidades e não apresenta imagem. Cujo título principal “VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS Especialistas apresentam soluções para o problema” e o contexto da mesma, demarca o acontecimento do 2 Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas escolas e as proposições de prevenção e trato da violência nas escolas, destacando a iniciativa do evento, suas credenciais e a dos pesquisadores expondo o evento e, conseqüentemente, os pesquisadores como proponente de respostas ao problema, sobretudo, soluções.

3.1.11. Peça 11: Escola sitiada

A décima primeira peça apreciada foi o editorial do dia 24 de maio de 2006, intitulado “*Escolas sitiadas*”, trata da violência nas escolas a partir da formação de gangues que, neste âmbito, conjuga variáveis endógenas e exógenas. Endógenas, porque atribui ao aluno a figura do agressor, do componente da gangue, que semelhante ao “bandido” não deveria ser considerado como estudante, como parte integrante da escola. De outra maneira, a gangue seria formada extrinsecamente à escola, por vias de questões exógenas, segundo o jornal impresso “O Liberal”, de forma que, a escola não seria o espaço de formação da violência que a atinge; contudo a escola é atribuída a responsabilidade em interferir nos processos que tornariam um jovem violento – o entorno – no que diz respeito ao seu papel educativo.

O jornal impresso “O Liberal” considera a violência que atinge a escola como problema contemporâneo que se viabiliza hoje, dada a perda de autoridade dos professores em sala de aula. A violência do entorno sempre existiu, mas só recentemente teria conseguido acessar o espaço escolar. Neste sentido, faz alusão às condições disciplinares de sessenta anos atrás, que segundo o jornal impresso “O Liberal”, mantinham os limites e a salvaguarda da escola de problemas como a violência. Desta forma, trata o professor outrora como autoridade inquestionável e agora como vítima das novas conjunturas escolares que suplantariam seu poder em sala, conferindo-lhe condições de intervenção semelhante a dos alunos, o que o faz hesitar nas suas ações disciplinares. Embora a questão das gangues abordada pelo jornal impresso “O Liberal”, remeter-se à escola pública, este veículo busca explicá-la por situações que expressam serem mais acentuadas na escola privada, que seria a perda da autoridade docente.

A mesma situação serviria para explicar a violência em ambas as instituições; e, apesar de reconhecer a violência nos dois ambientes, há diferenciações notáveis: enquanto que na escola pública o aluno-agressor é assemelhado a bandidos, os alunos-agressores da escola particular são apenas “transgressores das regras disciplinares da escola”. De outra forma, também se faz dualidade entre os alunos: há os que, merecedores de partilhar do convívio e experiência escolar, são considerados vítimas prejudicadas pela ação do aluno-agressor que, diferentemente, deva ser excluído do processo educacional.

3.1.12. Peça 12: Escola é território livre da violência em Belém

A matéria do dia 20 de dezembro 06, décima segunda peça analisada, é constituinte do caderno Polícia, e possui uma boa visibilidade na chamada de capa deste dia, assumindo toda a extensão da parte superior da página, antecedendo-se a todas as demais notícias.

Imagem 15 – Chamada de capa O Liberal 20 de dez/06



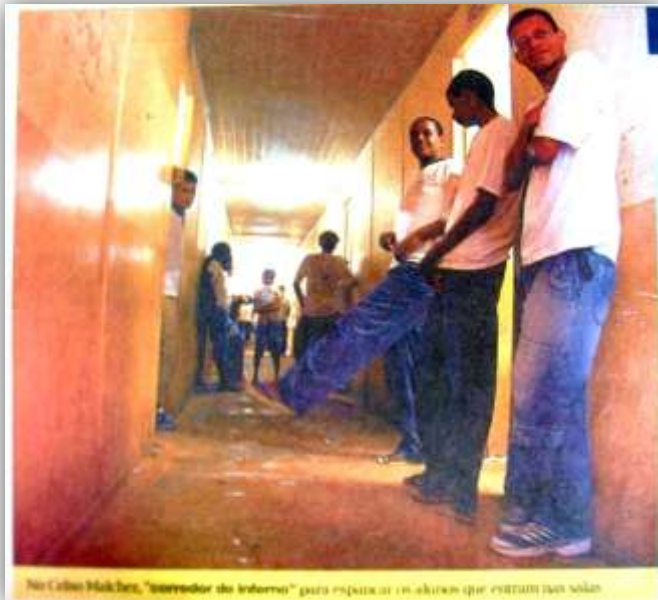
Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

Ela é bastante dúbia, pois diz que a escola é “livre da violência”, mas em decorrência da continuidade abaixo é possível entender que, na verdade, o jornal impresso “O Liberal” quis dizer que a escola é território livre para a violência, o que mais uma vez se remete à violência como algo que se forma externo a escola e depois a adentra. Da mesma forma, enfatiza novamente expressões violentas de ordem explícita e física como as principais formas de violência nas escolas propostas pelo jornal impresso “O Liberal”.

Em seu interior, congrega um título principal “*Escolas de terror*” e dois subtítulos: “*Consumo e tráfico de drogas são frequentes*” e “*Alunos e professores querem mudar cenário*”. Ambos referentes à escola como esse local de acontecimento da violência, cujas principais ocorrências recaem sobre situações que advém do entorno e centrados na ação de sujeitos (o que consome drogas e o que trafica); também os principais atores envolvidos em tal conjuntura são os alunos e os professores que, partindo apenas do enunciado proposto, aparecem como propositores e agentes de transformação do contexto violento que a escola

abriga. A princípio, a matéria ressalta as credenciais da pesquisa, como os pesquisadores envolvidos e a universidade relacionada, assim como a amplitude da mesma, revelando sua temporalidade e abrangência. Desta forma, apresenta a escola pública como cenário de violência e contraria o pesquisador que se recusa a mencionar o nome dessas escolas – “*Queremos evitar a estigmatização dessas escolas’ justifica o coordenador do Observatório [...]*” – as quais o jornal impresso “O Liberal” se refere como “*Escolas de terror*” no título; apresentando o seguinte discurso imagético, cuja legenda explicita não só o nome da escola que está sendo exposta pela violência que abriga, como também expõe “o aluno” como autor e vítima dessas ações.

Imagem 16 – Alunos- Agressores: O Liberal 20 de dez/06



Legenda: No Celso Malcher, "corredor do inferno" para espancar os alunos que entram nas salas.

Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

O jornal impresso “O Liberal” insiste em exemplificar as ocorrências de violência que aponta na apresentação da pesquisa e em dar nome a uma dessas escolas, ou sugerindo que a Celso Malcher é uma das escolas pesquisadas, e/ou generalizando ao mostrar que os resultados da pesquisa realizada nas 24 escolas podem se aplicar a realidade de qualquer escola da rede pública em Belém. Para além disto, a imagem dos alunos é a mais exaltada aqui, sobretudo, como agressores. Como descreve no texto escrito visibilizado no imagético, um corredor no qual alunos agrirem-se. A violência física também desponta como o principal tipo de ocorrência, esta aparece pelo viés da briga entre alunos e violência sexual; situações de violência psicológica também são citadas, mas não com a mesma ênfase, e como aparecem

como resultados da pesquisa, todos são acompanhados por percentuais e os da violência psicológica são sempre os menores e sempre posicionados após os relatos de ordem física.

Da mesma forma, a escola como instituição pública também é bastante exposta por suas dificuldades: precariedade física, más condições do ensino e a própria violência; ressaltando a imagem de uma escola pública depredada e ineficiente, ideia que se chancela pelos dados e falas dos pesquisadores, de alunos, e até mesmo da diretora de uma escola.

A periferia mais uma vez merece destaque, o discurso do jornal impresso “O Liberal”, neste sentido, resalta a relação direta entre periferia e violência, utilizando a fala de alunos para comprovar tais assertivas. Neste ínterim, não surge a fala do pesquisador, mas a de um aluno para exemplificar as ocorrências de violência nas escolas da periferia, seria porque essa ideia é do jornal impresso “O Liberal” e não teve nenhum dado da pesquisa que o respaldasse?

A família, mesmo de forma tímida, também aparece como responsável pela formação do aluno violento, que se acentua pelas condições da escola a qual tem acesso. Neste sentido, o aluno é ressaltado por ser o principal agressor no contexto de violência nas escolas, mas não como responsável por sua causa que o jornal impresso “O Liberal” vem atribuindo ao entorno e/ou a família.

E o pesquisador, a pesquisa e o seu status social que concorre para a pertinência de suas incursões, as quais foram convidadas pelo jornal impresso “O Liberal” a comporem seu discurso sobre a violência escolar. A presença do pesquisador é símbolo da inquestionabilidade da ciência e seus construtos, por isso ideal no tocante a transformar as reportagens jornalísticas em sérias expressões da verdade, ao ponto de poderem ser consideradas confiáveis.

Imagem 17 – O Pesquisador: O Liberal 20 de dez/06



Legenda: Reinaldo Nobre comenta a pesquisa: dados assustadores.

Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

O subtítulo “*Consumo e tráfico de drogas são frequentes*” vem abordando especialmente as formas de violência nas escolas, tais como o tráfico e o consumo de drogas, já bastante visibilizado pelo enunciado principal; mas também a violência contra o patrimônio, a formação de gangues e a discriminação. Já no intervalo, respondente ao subtítulo “*Alunos e professores querem mudar cenário*” sobreleva-se a imagem do bom aluno em oposição ao aluno violento anteriormente citado como principal agressor das histórias de violência na escola; o que nos convence ainda mais da dualidade construída pelo jornal impresso “O Liberal” entre o mocinho e o bandido.

3.1.13. Peça 13: A educação acuada

A décima terceira peça, do dia 17 de fevereiro de 2007, constituinte do caderno opinião, é um editorial intitulado “*A educação acuada*”, que vem abordando casos de violência nas escolas, tanto como ação de externos, como invasões, assaltos, gangues. Neste caso, a violência é consequência da insegurança da escola e da criminalidade do entorno, e o agressor é o agente externo (homem, bandido, assaltante), professores e alunos são vítimas e a solução exposta perpassa por medidas de segurança e intervenção policial. E, mais uma vez, o entorno é tido como produtor da violência que atinge a escola. Por isto, o título sobreleva a escola apenas como local de acontecimento, como vítima do seu entorno; a escola não é violenta em si, ela sofre com a violência perpetrada em seu domínio.

De outra forma, a violência perpetrada internamente também tem seus contornos ressaltados pela ação dos alunos como agressores que, por meio de brigas, agressão a colegas e professores, violência simbólica e danos ao patrimônio, inviabilizam o trabalho dos professores, tornando a escola um local impossível para a aprendizagem. Assemelha o aluno agressor ao nível do agressor externo, apresentando ambos pelo viés da criminalidade.

A insegurança pública, as vulnerabilidades experimentadas pelos alunos e sua desconfiança na escola como subsídio seguro para uma qualificação que o permita ter acesso ao consumo, são apontados como causas para o engendramento da violência escolar. O que também propõe não só o aluno de maneira geral, mas o aluno jovem e pobre; assim como a escola pública, como o lócus privilegiado das ocorrências dessa natureza. E, da mesma forma, vem sinalizando a omissão dos órgãos competentes, a que considerados como os responsáveis por viabilizar as medidas de segurança necessárias ao enfrentamento da violência

3.1.14. Peça 14: Pesquisa desvenda violência nas escolas

A décima quarta peça apreciada, do dia 23 de setembro de 2007, situa-se no caderno Cidade/Atualidades, na página direita inteira, com uma chamada de capa bastante expressiva da notoriedade intencionada ao fato, ocupando logo toda a extensão superior da peça; embora não apresente fotografia inicialmente, mas a reportagem respectiva sim. Compondo-se para além do título principal “*Pesquisa desvenda violência nas escolas*”, de dois subtítulos: “*Ausência de equipes técnicas completas contribui para a insegurança*” e “*Governo do Estado tem relatório em mãos para agir contra o problema*”.

Imagem 18 – Chamada de capa O Liberal 23 de setembro de 2007



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

Na capa, as seguintes proposições,

“Escola acuada pela droga”
ANTES, O TRÁFICO RONDAVA, AGORA, TEM
LIVRE TRANSITO ENTRE OS ALUNOS.

Bastante semelhante ao título do editorial “*Educação acuada*” / “*Escola acuada*”, vem traduzindo a situação da escola atualmente, como julga o jornal impresso “O Liberal”, de maneira que esta encontra-se coagida pela violência de seus entornos; indefesa a essa ação externa que vai tomando o espaço escolar a partir de seus alunos. A priori se destacam alguns elementos fundamentais da trama discursiva do jornal impresso “O Liberal” acerca da violência escolar: a escola, o entorno, o aluno e as ocorrências tidas por violência escolar.

Com o mesmo intento, logo abaixo aparecem a figura do professor e da família como falas testemunhais do

que o jornal impresso “O Liberal” aborda; assim como a presença dos pesquisadores que vem abalzar cientificamente as assertivas propostas.

O título principal “*Pesquisa desvenda violência nas escolas*”, remete-se, mais uma vez, aos esforços de estudiosos acerca da violência escolar, ressaltando a pesquisa científica como o meio mais seguro para se buscar compreender tal fenômeno, pelo qual emergirão as informações mais confiáveis. Neste interlúdio, o jornal impresso “O Liberal” apropria-se das investidas da pesquisa para expor a escola como cenário para a violência urbana que antes se

mantinha alheia a este espaço, o que tem se transformado atualmente, segundo o veículo. Questiona a capacidade da escola de continuar exercendo seu papel mediante tal conjuntura, apresentando dados que “comprovariam” a forte presença das drogas e tráfico entre os alunos.

O espaço destinado ao título principal apresenta alguns dados referentes à pesquisa realizada pelo Observatório de Violência nas escolas, sobre o diagnóstico desse fenômeno nas escolas estaduais de Belém, principalmente, as formas de violência mais comuns – violência física – e envolvidos – alunos, sobretudo, como agressores e professores. Embora haja destaque para a briga também entre alunos e professores, não fica claro se estes últimos teriam responsabilidade pela iniciativa do ato; e, como a insistência no “aluno/agressor é muito presente no decorrer da peça, mesmo quando o professor aparece envolvido, insinua ainda, que este seja apenas vítima.

Imagem 19 - Adolescentes: O Liberal 23 de set/07



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

O que também se manifesta no discurso fotográfico, pois trata da imagem de alunos conversando e namorando em frente a uma escola; depois de muito ter falado em gangues e drogas adentrando a escola, tal imagem não passa uma ideia de aplicação nos estudos, mas ao contrário.

A legenda: *“Insegurança que assola principalmente os bairros periféricos não poupam as **escolas** e prejudica o aprendizado dos alunos”*, traz

a violência do entorno mais uma vez na

transformação do ambiente escolar, que deixa de desempenhar o seu papel esperado: o aprendizado. Da mesma forma, a ênfase na violência física, como incidência mais apontada pelo jornal impresso O Liberal, que embora aponte outras formas de violência, estas parecem sempre coadjuvantes.

No construto dessa trama discursiva, sobressaem-se as credenciais da pesquisa e dos pesquisadores, que a seu turno, tem seus discursos apropriados e ressignificados tal qual as necessidades do jornal impresso “O Liberal”, entre o que se revela, o que se omite e como se organiza a apresentação das informações. O que se observa não só nas investidas textuais escritas, como também no discurso imagético,

Imagem 20 – Os Pesquisadores: O Liberal 23 de set/07



*Legenda: Os pesquisadores **Reinaldo Pontes, Jane de Melo e Claudio Cruz** mergulharam no universo da agressividade escolar.*

Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

Pois, se nota a disposição dos pesquisadores ao redor de uma mesa, por trás um quadro magnético e outras mesas, assim como ao fundo uma pessoa utilizando o computador; o que nos parece ser uma sala de grupo de pesquisa, provavelmente na universidade que abriga o Observatório; ou seja, todo um cenário é pensado para a exposição da figura dos pesquisadores, aludindo a sua autoridade científica, para os consagrar como propositores confiáveis de informações sobre o tema da violência, o que também confere ao jornal impresso “O Liberal” credibilidade por tomá-los como subsídio para a construção da informação que propõe.

Assim, tais mecanismos vêm favorecer a ideia de responsabilização dos que competem gerir a rede de ensino em não possibilitar a existência de equipes multidisciplinares nas escolas do Estado, o que é apontado pelos pesquisadores como necessário ao trato das questões de violência no ambiente escolar; assim como da denúncia das péssimas condições físicas e estruturais de grande parte das escolas analisadas pela pesquisa do Observatório, da qual o jornal impresso “O Liberal” destaca as observações dos pesquisadores quanto a importância de um ambiente adequado para os alunos, os quais possam desenvolver um senso de pertença a escola e, assim, não depreda-la. O que não só expõe as escolas públicas pela sua falta de estrutura, como aponta mais uma vez o aluno como autor do ato violento.

A violência escolar nesse contexto parece representativa da ação do aluno, já que é referente à agressividade e demarca a responsabilidade gestora dos órgãos que tratam da manutenção dos espaços físicos e da contratação de profissionais, como se propõe no subtítulo “*Ausência de equipes técnicas completas contribui para a insegurança*”.

E, por último, o subtítulo: “*Governo do Estado tem relatório em mãos para agir contra o problema*”, apresenta mais pormenorizadamente e nomeadamente os responsáveis

pelo gerenciamento das escolas estaduais. Neste âmbito, questionam a vontade política do Estado em oferecer soluções para o problema da violência nas escolas, já que, segundo o jornal impresso “O Liberal”, um relatório desse diagnóstico efetuado pelos pesquisadores teria sido endereçado ao governo ainda em junho de 2006 e novamente na ocasião do lançamento do livro oriundo da pesquisa, em janeiro de 2007; o que não teria tido a atenção merecida.

A porta voz do governo é a secretaria executiva da SEDUC, a qual é convidada a prestar esclarecimentos quanto à situação das escolas do Estado e o aproveitamento dos dados da pesquisa do Observatório no enfrentamento à violência nas escolas. Apesar das iniciativas expostas como o uso do relatório em programas educativos e verbas para a manutenção das escolas, como o jornal impresso “O Liberal” coloca duas entregas do relatório, sugerem, assim, e de antemão as explicações da SEDUC, que apesar do esforço dos pesquisadores em levantar dados sobre a questão da violência nas escolas, o governo/SEDUC pouco tem feito em relação ao problema. O que já ressalta o próprio título “*Governo do Estado tem relatório em mãos para agir contra o problema*”, o que indica que ainda não agiu.

Este descrédito é tão presente que a imagem eleita e sua legenda apontam os alunos como testemunhas da situação das escolas, da realidade de violência e, conseqüente, do comprometimento da aprendizagem, o que contrasta e contradiz tudo o que foi exposto pelo secretário da SEDUC, a despeito dos esforços do governo em propor e implementar medidas de enfrentamento à violência nas escolas.

Legenda: Adolescentes fizeram relatos de situações em que a violência prejudica o ensino.

Imagem 21 – Adolescentes II: O Liberal 23 de set/07



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

3.1.15. Peça 15: A escola sob reflexos

A décima quinta peça em análise é o editorial de 21 junho de 2008, “*A escola sob reflexos*”, trata da escola como um reflexo da sociedade e, desta forma, a violência urbana já comum, segundo o jornal impresso “O Liberal”, atinge também a escola. Apoia-se nas prerrogativas de pesquisadores para chamar a atenção da responsabilidade da família na formação dos filhos, “a sociedade” da qual emerge a violência e seus reflexos no ambiente escolar, restringia-se a “família desestruturada” que produz filhos violentos que irão desembocar sua violência na escola.

O jovem é o principal vetor de disseminação da violência, embora não seja responsável por se tornar assim. A família aparece como causa para a violência, dada sua omissão e negligência mediante a formação do jovem e a ausência da formação religiosa também aparece como causa para a manifestação de jovens violentos. Também aparecem como vítimas, mas, sobretudo, como vítimas de outros jovens. A escola seria mais um dos espaços sociais contaminados pela violência, o local de acontecimento desta, mas não seu produtor, porque a violência tem suas causas, sobretudo, externas a escola; considerada impotente e incompetente para lidar com tal situação, por não conseguir resolver nem seus problemas internos, muito menos os de ordem externa, como a violência.

Ao Estado se atribui a responsabilidade pela ausência de políticas para a juventude como a causa da violência generalizada na sociedade. Mas, se a ausência do Estado na contemplação de necessidades básicas é a principal causa da disseminação da violência, então é cabível proceder que esta se dissemine, principalmente, entre pobres e nas periferias, já que parlamentares e ricos não são carentes dessas condições básicas. O Estado e as condições sociais só são sobrelevadas para destacar a gênese da violência entre os pobres.

À polícia cabe o enfrentamento das manifestações violentas (os efeitos), pois para resolver o problema a partir de suas causas, seria necessário contemplar as necessidades básicas do ser humano, como saúde, alimentação, ensino, profissão, trabalho, moradia, segurança e perspectiva de vida produtiva.

O especialista é evocado como autoridade capaz de endossar o discurso, conceder-lhe mais confiabilidade, veracidade dando o valor atribuído à ciência que se tem na sociedade contemporânea. A partir do que o jornal impresso “O Liberal” ressalta enquanto o responsável por trazer tal problema a público e, assim, por propor o seu enfrentamento e a busca de soluções.

3.1.16. Peça 16: Escolas vivem com medo da violência

A décima sexta matéria, do dia 2 de setembro de 2008, cujo título principal é: *Escolas vivem com medo da violência*, situada na página direita do Caderno Atualidades/Cidade, vem ainda abordando dois subtítulos: Jovem armado invade a “Castelo Branco” e causa pânico em alunos; e a chamada de capa: Escolas são reféns da insegurança na periferia. Os quais vem ressaltando principalmente a incapacidade da escola de lidar com o problema da violência, do jovem como o autor, da violência relacionada à insegurança do entorno e, assim, do bairro como gênese do problema que atinge a escola.

A chamada é exemplo disto, pois destaca as escolas como “reféns”, ou seja, que as escolas de Belém estão indefesas diante da violência de seu entorno. As escolas enfatizadas como “zonas vermelhas” são as que teriam maior índice de situações violentas; aqui, a periferia – representada pelo bairro do Jurunas – é a causa do problema e a escola pública a principal atingida.

O jornal impresso “O Liberal” baseia-se nos dados e proposições da polícia para abordar o tema, dessa maneira, constrói sua posição acerca da

violência como questão de polícia, de aparatos de segurança e a partir da ótica do crime, no qual há o bandido, a vítima, a motivação e a punição; e análogo a qualquer narrativa, o fato vai compondo-se com seu enredo, personagens e desfecho. Cabe a polícia o papel de solucionadora, dar o fim adequado a história e a punição ao culpado.

Dessa forma, vários números e estatísticas, assim como falas do comandante da CIPOE são convidadas a ratificar a ideia da escola pública insegura, violenta e incapaz de se proteger do entorno que é propulsor dessa realidade. O trabalho da polícia é retratado a partir de sua eficiência e a escola ironizada em suas iniciativas de lidar com a violência a partir de ações pedagógicas. E, sugere até mesmo, a polícia desempenhando o papel da escola, como palestras, de maneira a colocá-la como uma melhor opção de educação em detrimento das ações próprias da instituição escolar. Assim, criminaliza a violência escolar, generalizando como crime todas as circunstâncias que possam vir a ser compreendidas por violência escolar: as internas e externas à escola. O que se propõe como violência escolar neste contexto, é sua expressão exógena e notadamente física; cuja causa são os bairros violentos, a violência do

Imagem 22 – Chamada de Capa O Liberal 02 de set/08



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

entorno adentra a escola tornando-a violenta da mesma forma. A escola pública torna-se violenta, como o local que sofre a violência externa, a vítima do entorno violento. A escola não é reconhecida pelo jornal impresso “O Liberal” como voz autorizada e competente para tratar da questão da violência escolar.

No que diz respeito ao discurso imagético, este revela mais uma vez o ressaltado do trabalho da polícia no enfrentamento à violência escolar, como competente, necessário e eficaz. Evidenciando o cuidado, a proteção do policial para com os alunos e a escola de maneira geral. O que também se ampara na passagem escrita: “ O policial não toma conta só da segurança do patrimônio, mas da comunidade” [...] (O Liberal 02 de set/08).

Imagem 23 – Polícia vigiando a escola: O Liberal 02 de set/08



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

A imagem ao lado, congruente ao discurso desta peça, destaca o tipo de ocorrência “assalto” (na legenda) representante do que o jornal impresso “O Liberal” aponta como violência escolar. Os funcionários apenas como vítimas. E a presença da grade que separa, que protege, mas que em virtude do acontecido, mostra-se insuficiente e/ou incapaz

de conter a violência, o que também revela a insipiência das medidas tomadas pela escola, no

Notamos que aqui, o policial toma a figura do protetor, do que zela pela segurança da escola e de seus membros, sem ele a escola está vulnerável e incapaz de se proteger. É justificável a presença policial na escola: pela insegurança do local e pela incompetência da escola em lidar com a violência escolar (que é considerada crime) sobre os quais apenas a polícia tem controle e capacitação para o combate.

Imagem 24 – Ação Externa: O Liberal 02 de set/08



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

enfrentamento à violência escolar. A legenda propõe o “assaltante” como a figura do agressor externo.

Já no infográfico, sobressai o agressor interno, o (a) aluno (a), como se apresenta o perfil de uma adolescente que se envolveu num caso de homicídio na escola, e ao lado uma

Imagem 25 – Ação Interna - Aluno: O Liberal 02 de set/08



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

espécie de histórico de situações desta mesma ordem, de maneira que se entende então que as ocorrências de violência escolar são entendidas pelo veículo como sendo tanto as que acontecem no interior da escola e entre escolares (brigas, uso de armas de fogo, agressões fatais) como as que se sucedem no entorno ou por agentes externos (invasões, assaltos); contudo, a imagem e a insistência do discurso escrito deixa transparecer o aluno como principal elemento agressor.

3.1.17. Peça 17: Escolas sem autoridade

A décima sétima peça analisada compõe o ano de 2009, o editorial “*Escolas sem autoridade*”, trata de episódios de violência em escolas de estados diversos, incluindo Belém, todos referentes a ações de alunos, seja contra outros alunos e/ou contra professores. Isto se dá só ultimamente, com a perda da “autoridade” da escola; o que ressalta a ideia de atualidade da violência nas escolas e como causa da convivência da escola que hoje tendo “afrouxado” as rédeas disciplinares, permite com que situações como estas aconteçam.

3.1.18. Peça 18: Violência tira alunos da escola

Neste mesmo esforço, a matéria do dia 19 de dezembro 2009, cuja chamada de capa propõe a violência como causa da evasão escolar. *Violência tira alunos da escola* (capa) e Título Principal: *Insegurança afasta quase 8% da escola*. A partir dos quais o jornal impresso “O Liberal” apresenta informações da pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que em conjunto, ressaltam a ideia de violência escolar como prática de alunos, e sob a alegação de que esta tem culminado em evasão.

Este jornal apresenta a informação da pesquisa de maneira fracionada, incitando compreensões que não condizem com a realidade da mesma. só entrevistou alunos, e que, por isso, não poderia dimensionar outras situações de violência escolar; tomando o perfil do aluno construído pela pesquisa como a imagem da violência escolar em Belém; e, ainda, sugerindo que este perfil tem orientado para a evasão, quando o motivo apontado pela pesquisa é a violência do entorno. Esta, então, serve de respaldo para as assertivas do jornal impresso “O Liberal”; a voz autorizada e reconhecida socialmente com autoridade para emitir dados confiáveis. Estes dados estatísticos são utilizados para imprimir ênfase e confiabilidade ao discurso jornalístico.

3.1.19. Peça 19: A indisciplina na escola

A décima nona matéria está apresentada no editorial do dia 15 de agosto 10, intitulado *A indisciplina nas escolas*, parte do caso de esfaqueamento entre as duas alunas que foi citado anteriormente. Depois, vem destacando outros exemplos de violência nas escolas e ressaltando o aumento da frequência desses incidentes. Voltando ao esfaqueamento, aponta a motivação para o crime como banal e ressalta que a motivação é irrelevante, mas que, sobretudo, a polícia deve investigar também as condições de segurança da escola, assim como a sua negligência e irresponsabilidade em não desenvolver nenhum trabalho junto a uma aluna

Imagem 26 – Chamada de capa O Liberal 19 de dez/09



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

conhecida como violenta. O artigo responsabiliza a escola, sobretudo, pelo afrouxamento da disciplina aos alunos. Trata a violência nas escolas como algo realizado apenas por alunos/jovens e propõe como causa a falta de disciplina.

3.1.20. Peça 20: Violência tem portas abertas na escola

A vigésima matéria, a peça do dia 07 de maio de 2010, é bastante extensa, pois é composta por duas laudas, no caderno Atualidades/ Educação, acompanhada de imagens. Trata-se de uma reportagem que aborda o assunto da violência escolar, sem, contudo, estar relacionada a uma ocorrência diretamente. Ela possui grande visibilidade no jornal impresso “O Liberal”, com chamada de capa e tomando o espaço de uma peça inteira (pág. direita e esquerda).

O título da chamada – *Sala de aula vira reduto do medo* – já demarca a ideia de insegurança vivida nas escolas – na SALA DE AULA – onde estão apenas professores e alunos. A violência acontece, sobretudo, no espaço da sala de aula, o que pode sugerir problemas entre alunos, entre alunos e professores e/ou entre professor e aluno; mas já descarta a questão da violência institucional.

Ressalta as ocorrências que se toma por violência escolar, as quais estão relacionadas

Imagem 27 – Chamada de capa O Liberal 07 de mai/10



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

principalmente à violência física (assalto, briga, homicídio...); só envolve dois atores da comunidade escolar nesse contexto – professor e aluno – sem evidenciar responsabilidade a um ou a outro. Responsabilidade esta que recai sobre “as escolas de periferia”, submetendo ao juízo de que toda periferia é violenta e o é por ser periferia, e que, conseqüentemente, toda escola localizada em áreas periféricas será violenta automaticamente.

Destaca-se novamente a violência como um problema de dentro da escola – sala de aula – e do entorno – bairro periférico/violento.

Legenda: Perigo Escola reforça proteção com grade, mas é alvo constante de assaltantes

O discurso imagético em consonância com o texto escrito, especialmente, o da legenda, que apela para a insegurança vivida nas escolas e a impotência/ineficiência da escola em lidar com a violência que lhe vitima.

Pois os mecanismos buscados pela escola não surtem efeito de enfrentamento e à revelia destes a violência continua. As escolas estão sob ameaça de um perigo do qual não sabem e/ou não podem se defender.

Há certo desfoque para evidenciar a visão de alunos por entre as grades, que são símbolos de proteção; mas que neste caso – na escola – essas grades não resguardarão esses alunos que estão indefensáveis. Contrariando os princípios da instituição escola: proteção, segurança, ambiente educativo. Aqui, subjaz a construção de uma imagem de escola pública que se tece sob o caráter de impotência, insegurança e até de incompetência na execução do seu papel social.

O título *Violência tem portas abertas na escola*, já anuncia e também reforça a ideia da chamada de capa, que é a da impotência/incompetência da escola em lidar com a violência. “Portas abertas” remete-se ao programa escolas de portas abertas, medida de enfrentamento à violência escolar que visa a participação comunitária na escola por atividades diversas no incentivo da construção de um senso de pertença que poderia colaborar para a preservação do ambiente escolar, do seu cuidado e valorização por parte do entorno, o que diminuiria os casos de vandalismos, depredação e outros relacionados à violência contra a escola; de iniciativa da SEDUC, que é questionada nesse título, como ineficaz, já que em contraste com a proposta do programa, quem tem o acesso facilitado à escola é tão somente a violência.

Desmerece assim, a iniciativa de enfrentamento à violência que parte do campo próprio da escola/educação. O discurso textual destaca o caso de uma aluna que favorece a entrada de uma outra adolescente externa à escola, nas dependências do colégio. O encaminhamento da jovem ao DATA pressupõe o trabalho da polícia, e ressalta a responsabilidade do **aluno** na causa das ocorrências de violência escolar (nesta situação de invasão). Ainda que a jovem “invasora” tenha entrado por motivo fútil – “... buscar o aparelho celular da aluna, que cedeu o uniforme...”. O jornal impresso “O Liberal” utiliza a própria fala da gestora da escola, para destacar a incapacidade da escola em lidar com a violência. A autoridade maior da escola não é capaz de resolver problemas de ordem interna da escola, precisando de intervenção.

Imagem 28 – Alunos: O Liberal 07 de mai/10



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

Assim como a visibilidade que é dada ao Colégio (Augusto Meira), por ser público, estadual; e deflagrar na correlação com a legenda que acompanha a imagem o quanto a escola se transformou, a ponto do desgaste da sua função social – de lugar seguro à lugar inseguro/de medo; o que se percebe na fala da legenda: “Na tradicional Augusto Meira”; ou seja, uma escola “tradicional”, com tradição em educação na cidade, por sua história de formação educacional e *status* construído historicamente mediante outras escolas públicas; mesmo essa escola tida como uma das melhores escolas públicas, hoje não atende ao seu papel de “boa escola”.

O subtítulo, *Alunos brigões não escolhem hora e saem no tapa dentro de sala de aula*, é mais um reforço na responsabilização do aluno sobre a radicalização da violência na escola. Além de certa hierarquização de gravidade das situações de violência construída pelo jonal – mais grave se torna a questão a depender se dentro ou fora da escola (dentro da escola, causa mais perplexidade; mais grave o delito).

Imagem 29 – Medidas de Segurança: O Liberal 07 de mai/10



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

Legenda: “Na Camilo Salgado, no Jurunas, câmeras de vigilância foram instaladas dentro da escola”.

A legenda que acompanha a imagem acima busca enfatizar a eficiência dessa proposta no enfrentamento à violência escolar, como sinônimo de brigas entre alunos, problemas entre alunos, como reforça também o texto escrito, suscitando a localização das câmeras em pontos estratégicos de observação da dinâmica dos alunos na escola.

O subtítulo *Assaltos e furtos também são comuns nas escolas da Grande Belém*, deflagra outra forma de violência escolar, além da que é cometida por alunos/jovens, é a ação de externos em assaltos e furtos (seja no interior da escola ou no seu entorno). Neste contexto, o papel da escola de formação para a conquista de melhores condições de vida, é questionado, porque inviabilizado pela criminalidade (violência escolar do entorno). Aproveita-se da fala direta da diretora da escola em questão, para ressaltar o quanto a comunidade do entorno da escola não a reconhece mais na sua função social, sobretudo, para a melhoria do próprio bairro onde está situada. Acentua a desqualificação da educação e da escola pela própria comunidade do entorno. Aos professores cabe ressaltar as dificuldade de manter o funcionamento normal da escola, que sofre constantemente assaltos, sobretudo, no turno da noite e o medo que sentem, o que os leva a pedir transferência.

*“Para se **proteger** dos bandidos, os estudantes se refugiam atrás dos portões de ferro”*. Diz a legenda que acompanha a imagem posicionada junto ao texto escrito do terceiro subtítulo. Ambos apontando para a insegurança da escola perante o seu entorno. A imagem deixa bem aparente um grande portão de ferro que separa a escola (aqui tratada como ambiente seguro) versus o lado de fora/o bairro/o entorno (tratado como ameaça); do qual os alunos e toda a comunidade escolar precisam se proteger.

Imagem 30 – Portões de Ferro: O Liberal 07 de mai/10



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

Na página direita, no título Principal: *Seduc busca soluções para insegurança, violência escolar e insegurança são tomadas pela mesma coisa*. E o discurso imagético vem uma vez mais concordar e sobrelevar a criminalidade como uma forma de violência que atinge a escola e que tem sido responsável pela evasão escolar. Centra-se primeiramente a questão da violência escolar como algo externo que atinge a escola; e de outra forma atrelam a evasão a esse quadro. Os alunos todos de costas, dando a ideia de estarem indo embora, saindo da escola, abandonando seus projetos de formação por causa do problema da criminalidade.

Imagem 31 – Alunos e Cadeado: O Liberal 07 de mai/10



Fonte: Acervo de jornais da Biblioteca Pública Artur Vianna, 2010.

Legendas: Criminalidade também provoca a evasão escolar. Providências estão em estudo, diz Secretaria. À espera de resoluções para a violência, as escolas usam cadeados para conter invasões.

Nos dois contextos, percebemos que se atribuí à escola a imagem de impossibilidade de reagir à violência por meios pedagógicos; e pelos aparatos de segurança, conseguem apenas condições de contenção paliativas, pois permanecem a espera de providências, de resoluções para este problema, os quais não lhe cabe pensar ou participar, porque são da ordem das ações policiais que dependem da SEDUC somente em função do investimento financeiro despendido na articulação do convênio com a CIPOE/polícia, que é a única com condições de solucionar de fato as questões de insegurança, criminalidade e consequentemente, frear a violência escolar.

Uma vez tendo apresentado tais matérias jornalísticas e ressaltado os elementos discursivos quase sempre reiteráveis, demarcamos a seguir as análises empreendidas e as reflexões decorrentes do posicionamento que o jornal “O Liberal” assume mediante a abordagem da violência escolar, o que se expõe a seguir.

4. DISCUSSÕES ACERCA DAS PEÇAS JORNALÍSTICAS DE “O LIBERAL”

Em virtude de tais peças e as apreensões feitas a partir destas, observamos que alguns elementos discursivos se repetiam a cada nova abordagem do jornal impresso “O Liberal”, de maneira que para cada um destes se ia atribuindo um sentido e um valor. Daí então, construímos quadros analíticos destacando tais signos repetíveis, seu sentido e valor em cada ano analisado¹³. Disto resultou em categorias de compreensão que em conjunto, demarcam a teia discursiva tecida pelo jornal impresso “O Liberal” para significar a violência escolar, sua concepção e, conseqüentemente, a maneira como se posiciona mediante o fenômeno. A partir das 20 peças jornalísticas apresentadas realizamos análise das mesmas em 12 categorias.

4.1. Contexto ideológico da violência escolar proposta no discurso do jornal impresso “O Liberal”

A partir da apreciação das peças jornalísticas outrora demarcadas, pelas quais expomos as matrizes do pensamento sobre violência propostos em “O Liberal”, o qual se consolida como parâmetro para o soerguimento dos demais elementos discursivos constituintes da trama de sentido da violência escolar alvitados por tal veículo.

Tomando-se “violência” a partir de seu significado dicionarizado, observamos que “força”, “ódio” e “irracionalidade” são tomados por suas acepções; da mesma forma são apresentadas por danos a outrem via expressão física e ou moral.

No discurso jornal impresso “O Liberal”, duas parecem ser as tônicas fundantes que estruturam o raciocínio sobre a violência verificada no cotidiano escolar, as quais são discutidas por Aquino (1998); uma como de cunho sociologizante e outra de matiz mais clínico-psicologizante. No primeiro caso, o veículo trata da violência a partir de determinações macroestruturais sobre o âmbito escolar. No segundo, trata-a em vistas de “personalidades” violentas. Em ambos os casos, a violência portaria uma raiz essencialmente exógena em relação à prática institucional escolar. Assim, a violência urbana passa a ser reproduzida no ambiente escolar.

Por isto, o termo *violência nas escolas* é o mais utilizado pelo jornal impresso “O Liberal” para caracterizar o fenômeno. Aquino (1998) considera como uma compreensão de justaposição escola/violência que problematiza, já que acredita existir um entrelaçamento, uma interpenetração de âmbitos, mas que algo de novo se produz nos interstícios do cotidiano

¹³ Vide apêndice os quadros completos.

escolar, por meio da (re) apropriação de tais vetores de força por parte de seus atores constitutivos e seus procedimentos instituídos/instituintes. O que se confronta com a ideia imanente das construções discursivas do jornal “O Liberal”, de que a escola reflete a sociedade.

Quanto à natureza das ocorrências, estas se apresentam entre explícitas-físicas e morais, mas as primeiras, de longe suplantam as últimas. Assim, internamente, o que se caracteriza como violência escolar pelo jornal impresso “O Liberal” são as brigas entre alunos, com maior destaque; mas também, homicídios e porte de arma de fogo e arma branca (facas). Já no entorno da escola, as ocorrências sobrelevadas são os assaltos ou tentativas de assalto, arrombamentos, tráfico de drogas, vandalismo, consumo de bebidas alcoólicas e uso de drogas. Desta forma, a violência ou está centrada no aluno e/ou no agente externo – o bandido, o assaltante – numa pessoa que é o disseminador da violência no espaço escolar.

O jornal impresso “O Liberal” ainda entende a violência ora enquanto consequência da insegurança do entorno, ora como produtora da violência e outras vezes como sinônimas. O que Teixeira e Porto (1998, p. 57) vêm destacar como situações que se retroalimentam ao discorrer que “cada ação concreta de agressão ou violência permite ritualizar uma ameaça, justificando a reprodução do medo e a adoção de medidas de segurança. Mas, paradoxalmente, essas medidas acentuam a insegurança e o medo e provocam novas formas de geri-los, seja na sociedade, seja na escola”.

De tal ideia emergem os sentidos de que nem muros, nem grades, nem vigias ou guardas parecem deter a violência externa; porque tratam, segundo Teixeira e Porto (1998), da construção do imaginário do medo.

Posicionamento que possivelmente se relaciona com a evolução do pensamento sobre violência escolar no Brasil, que na década de 1980 orbitava em torno do consenso da escola enquanto alvo da violência externa; o que toma outras proporções nos anos de 1990, uma vez que o olhar volta-se para dentro da própria dinâmica escolar, passando-se a observar as interações entre alunos e destes para com os adultos; tornando mais complexas e amplas as análises sobre o fenômeno. Ou seja, os estudos realizados nesse período revelam o quadro complexo da formação da violência escolar enquanto reflexo da violência social urbana brasileira e pela tradução da situação de criminalidade e insegurança, segundo Abramovay *et al.* (2002a) e Sposito (2001).

Mas, a criminalização da violência escolar surge tão somente no espaço público, neste, o agente da violência se caracteriza como criminoso; já no espaço privado só se trata de um crime se a violência for cometida por um externo, as situações de violência são mais da ordem

da transgressão disciplinar e das ocorrências de cunho simbólico como o bullying; outras vezes é até mesmo negada. Debarbieux (2002) vem justamente problematizar essa questão, suscitando a reflexão acerca do interesse da mídia pela violência na medida em que esta talvez venha a alimentar as representações conservadoras de uma infância indisciplinada, justificando assim todas as políticas repressivas e retrógradas do excesso de supervisão, assim como contribuir para a criminalização da pobreza.

É compreensível que o jornal impresso “O Liberal” criminalize a violência no espaço público, já que a este supõe principalmente ocorrências físicas que, segundo Soares (2003), vem ao encontro de uma definição jurídica de que o crime é uma violação da lei, o que inocenta o agressor do espaço privado. Isto, porque se tende a impor correlações entre a violência sob a ideia de que tudo de ruim na sociedade é provindo da pobreza ou das áreas empobrecidas, ideia esta compreendida como equivocada por Soares (2003), que só serviria para aumentar o grau de estigma em relação às classes empobrecidas, que passariam a ser consideradas como “classes perigosas”. Este mesmo autor adverte que mesmo havendo uma distinção tênue entre crime e violência, faz-se importante atentar para o fato de que todo crime é uma violência, mas nem toda violência é um crime; o que parece generalizado no discurso do jornal “O Liberal”.

De outra forma, também há a insistência na atualidade da violência escolar, o que Abramovay *et al.* (2002b; 2004), Sposito (1998), Artinopoulou (2002) Funk (2002) e Pontes (2007) consideram como reflexo da transmutação histórico-cultural de sentido do fenômeno, já que várias atitudes e comportamentos passaram a ser considerados como formas de violência, ou seja, tomaram esse sentido a partir das normas, das condições e dos contextos sociais, variando de um período histórico a outro – passa-se a rotular de violentas formas de comportamento que, até então, eram vistas como tradicionais e/ou que tinham ampla aceitação, ou seja, a caracterização de alguns atos como violentos relaciona-se com o próprio sistema de valores de uma sociedade.

Outrossim, muitos autores e estudiosos da violência e da violência escolar (ARENDRT, 1985; ABRAMOVAY *et al.* 2002a, 2002b, 2002c; FUNK, 2002; PONTES, 2007), acreditam que este fenômeno sempre existiu na sociedade e na escola; e que essa ideia de surgimento, crescimento e agravamento que se confere a violência escolar – essa prerrogativa de atualidade – são tributos criados pela própria visibilidade dada a eles atualmente. Esta maior notoriedade sim, merece maiores compreensões e inserções, sobre os mecanismos e conjunturas que a tornaram possível; tanto porque, outrora muitos comportamentos não eram reconhecidos como violentos e até legitimados socialmente como práticas usuais da ação

escolar, por isso fora das problematizações sobre a violência e/ou porque a denúncia dos casos manifestos por parte dos próprios agentes escolares e sua exposição à apreciação pública fossem de alguma maneira obliterados.

O que segundo Morin (apud RODRIGUES, 1980), também é reflexo da função de atualização e de modernização da mensagem jornalística, que são ambas, fontes dos anacronismos intencionais. Ou seja, tanto a mensagem precisa ser sempre nova, atual, do dia, o que dificulta transpor relações, processos e história para o discurso jornalístico na apresentação dos fatos; quanto à modernização da informação que oferece os fatos passados, quando o faz, não pela concepção da época e do contexto no qual se deu; mas, ao contrário, sempre posta pelas condições, concepções, e leituras atuais.

É a partir dessas significações que se engendra a trama discursiva acerca da violência escolar, sobressaindo-se os demais elementos constituintes dessa trama discursiva, pois uma vez que a formação da violência escolar é compreendida a partir do entorno, com gênese externa a escola e correlata a pobreza, toma-se o “Bairro” como expoente de compreensão da causalidade do fenômeno, assim como a “Família”, o “aluno/jovem” como principal disseminador, e a “escola pública” o espaço privilegiado.

4.2. Correlação violência-pobreza-bairros nos discursos do jornal impresso “O Liberal”

A violência e a pobreza, segundo o construto discursivo do jornal impresso “O Liberal”, revelam-se pelo sobressalte dos bairros nos quais a violência escolar seria existente e/ou mais acentuada. Assim, evidenciamos expressivo destaque a tal questão, configurando-se como elemento destaque do posicionamento do jornal “O Liberal” frente às inserções compreensivas da violência escolar.

As definições da palavra “Bairro” recomendadas no Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, por si só já consideram o bairro não apenas como espaço geográfico, subdivisão de uma cidade, mas também como agrupamento de diferentes classes sociais. Análogo a tais assertivas, o plano discursivo do jornal impresso “O Liberal” situa também os bairros periféricos como agrupamentos de pobres, que em virtude de suas condições socioeconômicas e vulnerabilidades de toda ordem, tornam-se violentos. A violência aqui se personifica na concretude do ato por um agente específico; este não é a causa, mas produto desse meio.

Para Bezerra (2011), essa associação entre camadas pobres e classes perigosas reforçadora da estigmatização das periferias das cidades, tem ganhado força no imaginário

social no Brasil contemporâneo; vinculando pobreza-violência-criminalidade à desqualificação social do pobre que se torna a partir de então como potencialmente criminalizável em função do local de moradia. Esta imagem de espaços de insegurança, medo e periculosidade ganha visibilidade pública, denotando as hierarquias e distâncias sociais características de nossas sociedades. Neste sentido, Soares (2003) concorda que são nas periferias onde se encontram os maiores índices de violência e crimes, mas exclui a pobreza como fator único e determinante destes. A pobreza, segundo este autor, não seria a causa direta da violência, podendo estimular, contribuir, mas não produzi-la por si só.

Sob este enfoque não só o “bandido” se constitui como agressor na contextura da violência escolar, como o próprio aluno, que uma vez oriundo deste meio também se manifesta pela potencialidade de se tornar violento e de disseminar essa violência no interior da escola.

4.3. Descrédito da escola pública nos discursos sobre a violência escolar

As acepções dicionarizadas da escola a apresentam por sua materialidade física, por sua função do ensino e pelos atores que a compõe. Para, além disto, o jornal impresso “O Liberal” lhe atribui sentidos na dinâmica discursiva de abordagem da violência escolar que mais a ressaltam por seus problemas, sua inoperância e incompetência, atribuindo-lhe um valor de desqualificação.

Isto é percebido a partir das apreciações das peças jornalísticas pelas quais se esboça uma espécie de *Perfil da escola violenta*, que considera, sobretudo, as escolas públicas de bairros periféricos, que são inseguras por estarem em bairros violentos e por certas negligências próprias, como a negligência sob certas ocorrências que acontecem no seio da escola. A escola é responsável pelos jovens estarem agindo com violência, porque deixaram de ser disciplinares, de formar o jovem com disciplina. Aqui, questiona-se a escola no seu papel social, tratando dessa transformação ocorrida na escola de outrora que era rígida, disciplinar onde não se viam casos de violência, segundo o jornal impresso “O Liberal”; para a escola de hoje que tendo deixado de disciplinar seus alunos vê-se acometida pela violência.

A escola particular ao contrário, é desresponsabilizada pelas ocorrências violentas em seu âmbito, servindo muitas vezes para ressaltar a estranheza de situações como estas acontecem nesse espaço, já que são próprios das instituições públicas, reforçando assim a violência no espaço privado como decorrente de variáveis tão somente exógenas – casos isolados motivado por questões sociais que estão para além da gerência da escola (o entorno,

o bandido) e por questões pessoais individuais do sujeito agressor; e como uma questão idiossincrática da escola pública, que só ocasionalmente acontece na particular devido à natureza violenta dos jovens que vem de bairros periféricos.

Morais (2001) ajuda-nos a refletir sobre tais asserções, uma vez que considera histórico o movimento discursivo que objetiva apontar a escola brasileira como um palco de crises, por denúncias que tem se aprofundado recentemente. Um esquema argumentativo na busca de convencer de que a gerência estatal transformou o sistema escolar num espaço sofrível, marcado pela desigualdade, incompetência e ineficácia, como se essa fosse uma verdade inquestionável dos fatos. O que tem concorrido para a depreciação e desmerecimento do caráter público da escola, representando-a por um modelo fracassado. Iniciativas que, segundo tal autora, sugerem a retirada da esfera pública, substituindo-a pela esfera privada, para a superação da crise em que a escola pública se encontraria.

Uma proposta neoliberal, segundo Moraes (2001), que deseja convencer de que somente os sistemas privados são representantes da competência e eficiência, e por isso, devendo ser os responsáveis pela tentativa de reestruturação do sistema educativo apontado como falido. Esse convencimento, de acordo com a estudiosa supracitada, provém de inúmeras fontes, agentes e organismos, que se ocupam da divulgação dessa pretensa realidade educacional de crise a ser superada; dentre estes, a mídia, concorrendo assim para a desqualificação da escola pública e de sua apreciação a partir de uma perspectiva superficial e simplista.

Posicionamentos problematizados por Moraes (2001), o qual entende que a educação precisa ser recontada, reescrita e lembrada de formas outras que não apenas as anunciadas por tais discursos; na garantia de que uma nova escola possa ser vislumbrada, não reconstruída, mas (re)vista, (re)visitada, (re)conhecida, em que situações concretas não sejam minimizadas, silenciadas e/ou invisibilizadas.

Rocha (2008) destaca que o tratamento discursivo dado pela mídia à escola não deixa de se caracterizar por discursos interessantes e interessados, cujas informações divulgadas se espetacularizam e/ou são banalizadas, servindo para atribuir e reforçar certos valores e representações que ao serem colocados em circulação, induzem práticas, criam e redefinem conceitos e nos fazem acreditar em algumas verdades e desconsiderar outras.

4.4. Os alunos como veículos da violência nas escolas nos discursos do jornal “O Liberal”

A abordagem que o jornal impresso “O Liberal” tece acerca da violência escolar, sublinha a figura do “aluno” a partir da dualidade: Alunos-vítimas dos quais são utilizados os discursos testemunhais; e alunos-violentos que seriam os vetores de disseminação da violência na escola, mas não responsáveis por terem se transformado em jovens violentos, isto é, não são a causa da violência. E, quando centra a maioria das ocorrências sobre alunos, acaba por apresentá-los como principal responsável pela existência da violência e por sua disseminação no interior da escola. Assim, são categorizados entre os que merecem estar na escola, porque reconhecem os “bons valores” e os que não merecem estar, porque trazem problemas, agredem, são violentos.

O que se pode refletir a partir das considerações de Morin (apud RODRIGUES, 1980), que destacam essa leitura de mundo dicotômica como tradução de uma estratégia de composição discursiva midiática, a qual seria a função de maniqueização que se representa sempre por mensagens bipolarizadas entre bom e mau e/ou bem ou mal, e outros controversos similares. Sua finalidade seria uma espécie de catarse de anormalidades sociais, de condutas que vão de encontro com valores e/ou personagens ideais, que sempre fazem parte ou de um passado mais bem aventurado ou estão para um futuro a ser conquistado; e, sobretudo, de “deslocamento” da realidade, a uma outra construída sob tais moldes.

Já no significado apontado pelo Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa percebemos certo tom de hierarquia de conhecimento entre o que não sabe (o aluno) que precisa de orientação, como somente aquele que recebe instrução, educação. Sob os sentidos reiterados pelo jornal impresso “O Liberal”, o aluno também se expõe pela necessidade de um preceptor para o qual deve respeito justamente por essa relação de dependência; embora o veículo denuncie justamente esse desprestígio da autoridade docente por parte dos alunos.

Mas, de outra forma, significações ulteriores também lhe são atribuídas, pois estes alunos-violentos são, sobretudo, jovens que, se ligado à escola pública tornaram-se violentos em virtude de determinismos sociais – pobreza, moradia em espaços de criminalidade; ou se vinculados às escolas particulares apresentam-se apenas como autores de situações violentas implícitas e de transgressão de regras – indisciplina. Mas, estes como são considerados apenas disseminadores e não causas da violência, também se apresentam pela vitimação de um sistema que o transforma em um jovem violento.

Bomfim, Conceição e Santos (2009), ao abordarem as questões relativas à midiaticização da imagem dos jovens, apontam um dos principais problemas nesta relação, que é a insistência na caracterização deste seguimento social como um problema, que em sua maioria se relaciona à irresponsabilidades e agressões, concorrendo para o atrelamento da “juventude” a atos de violência.

Nesse contexto, também demarcam que não só a figura do jovem se sobressai enquanto violenta, mas, principalmente, a do jovem por se ter sobrelevado pela mídia apenas os casos de violência que retratam as populações desfavorecidas economicamente; contudo, as autoras advertem que isto não significa que apenas os jovens “pobres” são infratores sociais; por isto, sendo necessário um exame mais profundo das questões que confluem para a formação da violência, que estas julgam como provenientes de questões estruturais da sociedade.

Para Soares (2003), não se pode deixar de reconhecer que no Brasil são os jovens os que mais despontam nas estatísticas entre autores e vítimas de violência; mas que é preciso compreender o que é ser jovem e a relação deste com seu meio social, a família, a escola e o emprego, para poder entender-se com maior precisão esta problemática.

Quanto a esta questão, Benevides e Guerreiro (2001) corroboram que, nesta fase de adolescência e juventude, está se buscando o amadurecimento emocional, que dependerá de suas experiências anteriores, que são diversas e que despertam neles fortes emoções, porque são pressionados a enfrentar e resolver problemas, jamais experimentados até então, como a preparação profissional, a independência econômica e a de garantir seu lugar no mundo, que leva muitas vezes, segundo Bomfim, Conceição e Santos (2009), a um processo de “adultização” acelerado.

Assim, muitas vezes, os jovens extravasam através de atos violentos a desvalorização de que são alvos; este uma vez desprovido das possibilidades de desenvolvimento dos seus potenciais, segundo Soares (2003), perde a noção de ordem, sobretudo, o jovem pobre, porque a própria sobrevivência se impõe, de maneira que em muitos casos a alternativa passa a ser a transgressão e o crime.

Nascimento e Trindade (2008) discutem essa tendência a uma representação negativa da juventude e que a associação da prática da violência no ambiente escolar ao jovem possivelmente se engendra a partir do estado de vulnerabilidade social que muitos jovens se encontram. A vulnerabilidade social se apresenta “como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou

grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provem do Estado, do mercado e da sociedade” (ABRAMOVAY *et al.*, 2002b, p. 29).

Não obstante, também pautam que num cenário de violência escolar não se pode negligenciar as demais pessoas (funcionários, professores, técnicos, etc.) como também prováveis sujeitos envolvidos em violências na escola. Sopesar apenas os alunos/jovens como propagadores de violência no ambiente escolar é desconsiderar o papel de professores e demais adultos e da própria instituição escolar enquanto produtora de violência; porque estes podem estar produzindo e/ou contribuindo para a existência de violências nesse ambiente. Por isso, também, é que Benevides e Guerreiro (2001) suscitam a violência na escola perpetrada por alunos como uma forma de “protesto”, um meio que eles encontram de impor resistência ao julgamento escolar ou de protesto pelo que avaliem injusto.

Abramovay (2002b) também acrescenta que, na medida em que os jovens são os mais atingidos pelas vulnerabilidades sociais, a violência juvenil, pode também emergir sob a lógica de os jovens quebrarem com sua invisibilidade e mostrarem-se capazes de influir nos processos sociais e políticos, “diante de uma sociedade que manipula canais de mobilidade social e segrega socialmente setores da população, e que, além de não reconhecer, estigmatiza os principais canais de participação juvenil” (ABRAMOVAY, 2002b, p.56), assim a violência serviria ao propósito de colocá-los nos meios de comunicação e chamar a atenção para sua difícil vida.

Em concordância as assertivas anteriores, Pontes (2007) considera que essa ideia proeminente no discurso do jornal impresso “O Liberal” de que a responsabilização da disseminação da violência na escola pelo aluno-jovem-pobre gesta-se a partir do senso comum, que se faz bastante difundida inclusive na escola; o que tornaria a violência escolar como sinônimo de delinquência juvenil, o que pode vir deixar de considerar outros elementos importantes na compreensão do fenômeno da violência escolar, transformando o aluno em “bode expiatório”.

Morin (apud RODRIGUES, 1980) aponta essa tendência da mídia em reduzir os fatos ao senso comum, enquanto um processo de simplificação, que determina a constituição dos seus discursos, a função de compor esquemas simples, poucos personagens, eliminando elementos muito complexos ou que venham a dificultar a compreensão; pelo que se espera tornar acessível a todo o público, ainda que este se configure de pessoas diferentes, mais ou menos educadas, etc.; homogeneizando as notícias.

Entretanto, a figura do aluno também se assume no jornal impresso “O Liberal”, pelo sentido da dualidade aluno-vítima e, por isso, merecedor da escola; e o aluno-agressor que na

escola pública assemelha-se ao bandido e deve ser excluído. O que se pode refletir a partir das considerações de Morin (apud RODRIGUES, 1980) as quais destacam essa leitura de mundo dicotômica como tradução de uma estratégia de composição discursiva midiática, que seria a função de maniqueização que se representa sempre por mensagens bipolarizadas entre bom e mau e/ou bem ou mal, e outros controversos similares. Sua finalidade seria uma espécie de catarse de anormalidades sociais, de condutas que vão de encontro com valores e/ou personagens ideais, que sempre fazem parte ou de um passado mais bem aventurado ou estão para um futuro a ser conquistado; e, sobretudo, de “deslocamento” da realidade, a uma outra construída sob tais moldes.

4.5. Visão tradicional do professor nos discursos do jornal “O Liberal”

De acordo com o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, a palavra professor tem acepções que o propõe a partir dos objetivos de suas ações e da sua formação; o que para o jornal impresso “O Liberal” lhe confere um papel social legítimo mesmo se arbitrário, reportando-se as tradicionais configurações escolares e práticas docentes, sugerindo o valor e a importância do professor acima dos demais constituintes escolares, sobretudo, alunos. Assim, relaciona a violência contra o professor como consequência da perda da autoridade docente, que o fragiliza e o torna vítima e/ou testemunha e reforçador das condições de violência existentes na escola.

Licciardi (2011) aborda o professor como uma figura social, de relações que extrapolam o contexto no qual trabalha, para na verdade situá-lo além dos limites de sua profissão, mas como pessoa. Destaca, ainda, as peculiaridades de seu cotidiano docente, repleto de exigências e demandas que não se encerram em questões práticas, mas também em esforço emocional. Tudo isto para discutir o papel que lhe fora atribuído historicamente, nos convidando a refletir sobre essa prática como construto de uma formação, de vivências pessoais, dos anseios e necessidades da sociedade na qual está inserido; para que possamos superar essa visão romanceada e acróstica do ser professor.

Licciardi (2011) pondera que, há de se considerar as peculiaridades e idiosincrasias do tempo e das sociedades atuais, que exigem longas jornadas de trabalho, um trabalho bastante burocratizado, baixa remuneração, ou seja, do processo de mercantilização da educação que acabou por ressignificar o papel e *status* do professor na escola, daquela figura respeitável e austera do “mestre”, para a de mais um operário prestando um serviço.

Ideia que Basso (1998) também destaca, argumentando acerca da transferência direta do processo de trabalho fabril para o sistema educacional. Para tal autor, o significado da docência assenta-se na finalidade da ação de ensinar, pelo seu objetivo e, resgata a compreensão de que a aprendizagem se dá em diversas esferas; contudo quando esta se dá no ambiente institucionalizado, ao professor caberia essa mediação entre o aprendiz e o conhecimento, possibilitando o acesso ao saber elaborado (ciência).

Aquino (1998) defende que numa perspectiva de violência que se pautem em constituintes externos, extrínsecos à escola, o professor apareceria, análogo ao sentido que lhe é dado pelo jornal impresso “O Liberal”, apenas como refém, pois submetido a situações sobredeterminadas que lhe ultrapassam e por isso lhe eximem de toda e qualquer responsabilização acerca das causas e efeitos da violência no contexto escolar, pois se a gênese de tal problema se reside fora do ambiente da escola, então seu manejo teórico-metodológico teria de se dar onde o problema se produz.

Aquino (1998) nos propõe pensar a violência escolar como produto das dinâmicas escolares que não só refletiriam conjunturas externas, mas as construiria por contextos próprios e peculiares, muitos desses, referentes à estruturação escolar que considera como normativa/confrontativa, o que incidiria diretamente na relação professor-aluno, explicando muito das situações de violência que se processam na escola, porque considera que o posicionamento hierárquico entre professor e aluno pressuporia uma forma de violência. Questão que Costa e Fackin (2005) corroboram ao suscitarem que a violência tenha sido utilizada pela escola tradicional como princípio educativo, no qual o professor possui o poder de decidir quem serão os bons e os maus alunos, sem ser considerado ele mesmo como promotor de violência ao se colocar neste papel.

O jornal impresso “O Liberal” conserva ainda em seu discurso, essa ideia do professor como o detentor do saber e do poder hierarquizado, que lhe supõe superior aos alunos, e merecedores de respeito pela pretensa de ensinantes de ignorantes, pensando a violência atualmente a partir de contextos passados. Compreendemos que não se pode esperar que hoje, as relações e conjunturas escolares voltem a funcionar como era há anos, simplesmente porque juntamente com o tempo decorrido, muitas ideias, paradigmas e processos sociais empreenderam-se, possibilitando transformações até mesmo no que se compreende como violência, de maneira que os castigos físicos e ações constrangedoras são hoje rechaçados por lei; assim como a criticidade, o questionamento, o diálogo e os relacionamentos mais horizontais são incentivados e sobrelevados em detrimento de uma ideia de superioridade e poder inquestionáveis.

Estamos problematizando aqui, o fato de que com o tempo, o papel do professor na escola se resignificou, e que embora concordemos que este também seja vítima de certas circunstâncias de natureza violenta, este possui sua parcela de responsabilidade frente à contextura de violência que se compõe na escola, até mesmo quando ignora que, como mediador no processo ensino-aprendizagem, não se encontra em situação privilegiada e/ou superior, que é digno de respeito como professor e pessoa, tanto quanto qualquer outra.

Abramovay (2002c), Castro (2002), Costa e Fackin (2005), Nogueira (2005) reiteram a autoria de professores em situações violentas, a partir das dificuldades de dialogar, do mau tratamento, da recorrência de agressões verbais e exposição vexatória, exclusão do aluno e subestimação do mesmo como incapaz. Contudo, essa insistência do jornal impresso “O Liberal” em apresentá-los principalmente como vítimas, também pode ser pensado a partir de transformações de análises que antes davam ênfase à violência de professores contra alunos, passando a pautar justamente o que o jornal impresso “O Liberal” destaca mais enfaticamente, que é a violência entre estudantes e desses contra os professores; o que se deu em virtude da necessidade de identificar diferentes formas de violência e de definir seus significados, como nos assegura Abramovay (2002a).

Castro (2002) assim considera que não se possa discutir violência escolar sem pensar o clima das relações, sem culpabilizar professores e/ou alunos, mas de considerar o fenômeno da violência a partir de sua complexidade que pressupõe a rede de interações conflitivas que se estabelecem na escola.

4.6. Os pesquisadores como abalizadores do discurso do jornal impresso “O Liberal”

Tomado por alguém que realiza pesquisa pelo dicionário (Houaiss), os “pesquisadores” suscitados na trama discursiva do jornal impresso “O Liberal”, estão relacionados diretamente à pesquisa científica, ao uso da ciência e dos métodos científicos de construção do conhecimento; paradigma que credencia a fala dos pesquisadores, e, conseqüentemente, servem ao abalimento dos discursos sustentados pelo referido jornal.

Muito embora, estejamos considerando as pesquisas e os pesquisadores apontados no interior, e como constituinte das matérias sobre violência escolar, e não a partir de um espaço reservado à cobertura específica de tais assuntos. Para Alberguini (2007) ainda assim não deixa de configurar uma iniciativa de jornalismo científico, pois neste caso o conhecimento científico estaria sendo utilizado para a compreensão dos fatos de violência escolar, na construção discursiva que este jornal impresso empreende para explicar tal fenômeno.

Albagli (1996) ao tratar da mídia, no âmbito da divulgação científica, vem destacar algumas asserções que dizem respeito a certas ideologias ainda hoje dominantes, como a mercantilização e sensacionalismos, da venda das notícias pelo apelo emocional, assim como pela atomização das questões visibilizadas, de maneira a abordá-las não na sua totalidade, mas de forma fragmentada. Da mesma forma, para esta autora, a divulgação de questões ligadas à ciência na mídia concorreria para fortalecer o mito da ciência como um poder supremo e verdade inquestionável, bem como de sua imparcialidade e neutralidade, como se os fatos e fenômenos dos quais se detém possam ser tomados de maneira autônoma e apartados dos seus contextos.

Lima *et al.* (2009) concordam que de fato, a falta de uma formação adequada ao jornalista, a falta de uma abordagem criteriosa e a própria configuração editorial do jornal impresso “O Liberal”, muitas vezes impõem a fragmentação, a superficialidade (intencional ou não) e a fragilidade da informação, que em alguns casos é descontextualizada, que não raro se demarca no discurso jornalístico pela mistificação, o que contribuiria para a massificação da visão estereotipada da ciência como a única capaz de se posicionar coerentemente, neste caso da violência escolar, na proposição de explicações sobre o fenômeno.

Isto se dá conforme Lima *et al.* (2009), porque ainda impera uma visão positivista de ciência que a pressupõe neutra, o que parece ser um ponto comum nas coberturas científicas. Desta forma, a ciência mítica prossegue então como a detentora da verdade. O que precisa ser problematizado por estas autoras, já que como formatador principal da informação nos meios de comunicação de massa, os jornais impressos influenciam de modo direto a pauta dos demais meios de comunicação e, além de serem destinados a toda sociedade, abarcam em suas editorias vários setores da vida social, de maneira que poderiam estar contribuindo mais assertivamente para a radicalização do conhecimento científico na sociedade.

O que também é defendido por Freitas (2009), uma vez que acredita também no potencial da imprensa, especialmente, a imprensa escrita, para o estabelecimento de uma cultura científica no meio social mais ampliado, por possuir, mesmo com todos os problemas ideológico-mercadológicos, um amplo poder de alcance. E que neste campo de significações construídas pelos jornais com a utilização do arcabouço científico, não deve caber somente críticas, mas, principalmente, a compreensão da complexidade de formação de uma notícia que,

constitui-se ao contrário num complexo processo de constituição de sentidos negociado passo a passo e orientado segundo interesses e valores em jogo na lista simbólica que os atores envolvidos, no caso cientistas e jornalistas

“travam pela interpretação da realidade” (MONTEIRO apud FREITAS,2009, p. 31).

Freitas (2009) aborda a apropriação e ressignificação do discurso científico pelo jornal, de maneira que este último, por pretender abranger o público em geral, em que nem todos são versados na linguagem acadêmica, precisa por isto redimensioná-lo; mas que por outro lado, certas distorções de sentido entre o que se diz e o que se veicula como conhecimento científico acaba por gerar certos receios na relação entre esses dois campos de atuação.

Freitas (2009) considera que, mesmo em consideração ao contexto ideológico sob o qual se situam os veículos de informação, estes possam ser aliados da divulgação do conhecimento científico e, conseqüentemente, da popularização deste, ao encontrar uma maneira atraente de divulgá-lo e que seja responsável pelos impactos que isto possa gerar nas sociedades.

4.7. Alunos, professores e familiares como provas testemunhais nos discursos do jornal “O Liberal”

Os professores, estudantes e familiares, igualmente, podem servir ao propósito da denúncia e de testemunhas dos fatos, da situação das escolas, da realidade de violência e, conseqüente, do comprometimento da aprendizagem. Esses sujeitos servem como testemunhas factuais que respaldam os argumentos do jornal impresso “O Liberal” sobre a insegurança do entorno e da causalidade da violência pelo bairro violento e pela insipiência das ações de enfrentamento da escola.

Cardoso (2001) nos adverte que a essa utilização da enunciação de outrem serve ao jornal impresso “O Liberal”, sobretudo, para dar credibilidade e realce ao seu próprio discurso, pois as citações funcionam como estratégia discursiva para prover autoridade ao movimento enunciativo do jornal impresso “O Liberal”, e também deste como veículo de informação. Desta forma, considera que ao interpretar os enunciados das fontes que emprega as apropria numa fala própria; inter-relação que também proporia a objetividade e a veracidade do discurso. Ainda que o jornal seja o produtor do enunciado é a fonte de informação quem fala.

A estas assertivas corrobora Lima R. (2010b), destacando que a inclusão de “falas autorizadas” na construção da enunciação seria mais uma forma de se dizer realmente o que se pensa pelo discurso do outro. As sinalizações no texto, como a utilização das aspas, seriam

outro recurso acionado para garantir a credibilidade do discurso midiático, de forma a se fazer do que é dito por outrem respaldo legítimo do que é próprio da opinião, do posicionamento assumido pelo jornal sobre que fato social seja.

Silva E. (2012) concorda que os veículos de comunicação utilizam-se de estratégias discursivas que na abordagem dos fatos provocam efeitos de visibilidade, de verdade e de credibilidade; ao se construir ancorado em personagens com referentes no mundo real, citados estrategicamente ao longo do percurso de construção do texto, para fazer com que o discurso jornalístico convença, ao funcionar como testemunho de eventos. Assim, selecionam-se as fontes interessantes à composição dos argumentos que o próprio jornal impresso “O Liberal” defende, sob o respaldo de datas, endereços, nome, idade, profissão, cargo e função de quem diz, ou seja, todas as credenciais das fontes-personagens, eleitas a critério de quem processa a informação. Elementos que favorecem a informação jornalística e o próprio jornal/empresa como dignos de credibilidade.

4.8. Papel do discurso imagético sobre violência escolar na trama discursiva do jornal impresso “O Liberal”

Compreendemos a fotografia como discurso, amparadas nos conceitos bakhtinianos e em autores outros que vem reiterar a fotografia jornalística enquanto mensagem participe de um movimento enunciativo (BARTHES, 1990), criadas para comunicar uma mensagem própria (BURKE, 2004). A fotografia é um instrumento de veiculação de ideias e formação da opinião pública (KOSSOY, 2000; 2001), que comunica significações (LEITE, 2001), e é resultado de um processo de construção de sentido (MAUAD, 2008). Desse modo, detivemos nossas análises com base nos elementos discursivos componentes das imagens e suas interlocuções com a peça jornalística que compunha.

A partir do que percebemos a centralidade da abordagem imagética, especialmente, na figura do aluno que muitas vezes é proposto como ator principal das situações de violência na escola, seja como agressor, vítimas e/ou testemunha/denunciante. Da mesma forma, a questão da violência está sempre atrelada a aparatos de segurança quer pela presença de grades e câmeras, como também pelo ressalte da imagem policial como guardião da escola. Em menor proporção, os discursos imagéticos também apontam para a figura dos pesquisadores como “prova” de que este dos quais as credenciais são as mais respeitáveis, estão realmente prestando-se ao esclarecimento do fenômeno por meio da imprensa, o que traria ainda mais credibilidade a tessitura discursiva do jornal impresso “O Liberal”.

De acordo com Gradim (2000), a fotografia é um dos elementos da peça jornalística para os quais o leitor volta sua atenção de imediato. Ainda, segundo tal autora, o fotojornalismo é uma atividade que demanda intervenção e técnica especializada que precisa ser administrada na temporalidade e na correlação com a abordagem proposta editorialmente para o acontecimento. Esta produção da fotografia jornalística, para Imbroisi (2009), não deixa de estar voltada para a satisfação das necessidades editoriais.

Acreditamos que a fotografia funcione como um dos elementos de maior poder de atração da atenção do leitor, e que haja preocupação em seu processo de feitura, de maneira a fazê-la capaz de expor uma informação acabada ao leitor que só passeia o olhar pelo jornal, e que uma vez captado, intrigado pela imagem possa vir a deter-se da leitura da matéria na íntegra. Contudo, também se considera a inter-relação de sentido existente entre a fotografia e os demais elementos textuais de uma peça jornalística, de maneira que a imagem venha inclusive, a assumir um sentido diferente daquele que se tomada de forma isolada. Ideia esta partilhada por (GRADIM, 2000; CHINALIA, 2012).

Chinalia (2012) adverte ainda para o papel de espetacularização o qual a fotografia desempenha na composição das matérias jornalísticas, "a fotografia torna-se espetáculo, para se conseguir algum objetivo através da informação visual" (CHINALIA, 2012, p.115); e da mesma forma que Burke (2004), Kossoy (2000; 2001) e Mauad (2008), chamam a atenção para a fotografia como construção humana, histórica e circunstanciada, e por isto imbuída de interesse; sobretudo, considerando as novas tecnologias da fotografia digital e programas de edição, que podem construir uma realidade segundo as intenções do veículo jornalístico. [...] O caso é que quase tudo pode ser transformado pelas novas ferramentas tecnológicas de captação e manipulação pós-produção da imagem "[...] O leitor deveria saber que tudo pode ser uma grande farsa manipulada segundo os interesses do jornal" (CHINALIA, 2012, p. 116).

Giacomelli (2008), neste sentido, contribui ao destacar reflexões que situam o papel da fotografia no discurso jornalístico, o qual seria, segundo tal autor, de indício de realidade, uma vez que a relação imagem/referente traria credibilidade ao discurso jornalístico. E, além disso, a presença ou ausência da imagem fotográfica também presume o nível de importância dada a tal notícia, pois que comportam maior visibilidade em detrimento de outras matérias que não possuam o elemento imagético.

Baseados em nossas percepções e nas reflexões dos autores supracitados, podemos incorrer que a fotografia exerce um papel de grande importância na composição dos discursos do jornal impresso "O Liberal" acerca da violência escolar, porque esta proporciona com

maior intensidade as características apelativas das situações de violência na escola, a partir de cenas que orientam a compreensão de tal fenômeno pelas vias da culpabilização centrada no sujeito (aluno), da escola pública como “abrigo” da criminalidade, conotação percebida em imagens cujos alunos aparecem atrás de grades; e assim, mais uma vez, desmerecendo este espaço como instituição de ensino e de educação de qualidade.

Assim, sucede-se a transformação dos eventos violentos na escola em espetáculo, entretenimento, a partir de sua mitificação, caracterizando-se pela espetacularização do cotidiano. Segundo Rodrigues (1980) e Costa e Silva (2003), a mídia utiliza-se, sobretudo, da linguagem narrativa como estratégia de transformação do fato em espetáculo, entretenimento, de maneira a sê-lo atraente ao leitor; e o faz não por uma imposição direta, mas com tom de proposta de uma série cronológica de acontecimentos, que permita ao interlocutor interagir, opinar, ou seja, se envolver, mas já não mais com a realidade do fato em si, na sua racionalidade, e sim a partir de sua mitificação, finalidade da espetacularização do cotidiano, neste âmbito, extremamente estigmatizado. Diz ainda Costa e Silva (2003, p.1), a respeito disto, que a notícia se compõe de enredos em torno de temas armando-se uma "trama na forma de intriga [...] conflitos" cujos personagens com papéis definidos entre protagonistas e antagonistas, e cenários; histórias que se mantêm no noticiário por dias e até meses seguidos.

4.9. O descrédito com a SEDUC frente à violência nas escolas no discurso do jornal impresso “O Liberal”

A secretaria de educação, conforme o seu significado, é um órgão governamental que se ocupa da gestão do sistema de ensino público do Estado do Pará. Esta, contudo, vem sendo expressa pelo discurso jornalístico de “O Liberal”, por sua ineficiência, uma vez que não está conseguindo extinguir a violência das escolas a partir dos projetos que logra, também não oferece uma educação de qualidade, porque a escola pública é insegura. Tais incursões do veículo poderiam refletir questões políticas, mas nesse âmbito da violência escolar, parece se sobressair o sentido de desqualificação da escola pública por meio da falta de credibilidade na secretaria de educação independente do governo em situação.

Gonçalves e Sposito (2002) destacam que no Brasil, é bastante recorrente que políticas públicas de redução da violência em meio escolar originem-se na esfera estadual, nos últimos vinte anos, que, embora expressem iniciativas ainda fragmentadas e descontínuas, consistem num acúmulo considerável de experiências.

Estes autores remontam à década de 1980 como momento em que as administrações – estaduais e municipais – começam a movimentar esforços no sentido de prover respostas e medidas de enfrentamento ao problema da violência escolar. Como já discutido, nessa época os debates em torno de uma perspectiva democrática interfere nas formas de intervenção oferecidas pelo Poder Público, no tocante à educação, segundo Gonçalves e Sposito (2002).

Também é importante ressaltar, segundo Gonçalves e Sposito (2002), que no que tange ao exame de algumas das iniciativas com vistas a reduzir a violência escolar, empreendidas pelo Poder Público, no nível de governo federal, não partiram do Ministério da Educação, mas sim, do Ministério da Justiça. O que se explica pelo reforço dado pela imprensa nos anos de 1990 quanto ao aumento dos índices de violência envolvendo jovens com o crime organizado e homicídios, quer como vítimas, quer como protagonistas. Diante desses eventos, segundo tais autores, o Ministério da Justiça começa a voltar suas atenções de forma mais sistemática para o tema da violência entre os jovens, também no âmbito escolar, condicionando uma série de iniciativas que foram desdobradas em nível estadual e municipal.

Em 1999, cria-se uma comissão de especialistas encarregada de elaborar diretrizes para enfrentar a violência nas escolas, contando com a parceria de alguns institutos de pesquisa e algumas organizações não governamentais que, segundo Gonçalves e Sposito (2002), orbitavam em torno da formação para educadores e policiais para lidar com o tema de violência nas escolas, estímulo ao protagonismo juvenil e a capacitação de policiais para enfrentamento da violência nas escolas.

Assim, discutimos em que medida os discurso do jornal impresso “O Liberal” quanto às medidas de policiamento como solução e do jovem como protagonistas das ações de intervenção à violência escolar também não refletem a compreensão que as próprias políticas públicas possuem acerca da violência escolar; porque, embora o jornal impresso “O Liberal” trate a polícia/CIPOE e as iniciativas da SEDUC como distintas e com apreciações diferenciadas que reverenciam a CIPOE e desmerecem a SEDUC, estas trabalham em conjunto, guardadas as devidas proporções, tendo-se partido da SEDUC a necessidade da implantação de tal polícia e convênio. Dessa forma, não só as medidas de cunho pedagógico, criticadas pelo jornal impresso “O Liberal” como insuficientes e incapazes de lidar com a violência na escola, como também medidas de policiamento que advém do *hall* de medidas da SEDUC. Relações suplantadas no discurso do veículo em estudo.

4.10. Segurança e policiamento nos discursos sobre violência escolar do jornal impresso “O Liberal”

O termo “polícia” possui como significado acepções que a propõe pelo sistema legal, institucionalmente, e por fim, pelos sujeitos que a compõe – os policiais. Todavia, no contexto discursivo empreendido pelo jornal impresso “O Liberal”, não se trata de qualquer polícia, mas de uma polícia especializada em violência no ambiente escolar – a CIPOE.

Segundo o próprio *site* da corporação, o policiamento escolar em Belém acontece desde 1989, por meio de convênio com a Secretaria de Educação (SEDUC), e desde o início já atendendo exclusivamente as escolas da rede pública de ensino. A Companhia Independente de Polícia Escolar (CIPOE), especificamente, teria sido criada apenas em 1991, com a especialização dos policiais militares pertencentes, conforme as prerrogativas do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente”. Tal ação, além da parceria com a SEDUC, as tem também com outras instituições – SEGUP, Juizado da Infância e Adolescência, Curadoria da Infância e Adolescência, Centro de Acolhimento Provisório e DETRAN. O policiamento escolar era desenvolvido inicialmente em onze escolas, e hoje a CIPOE atende 350 escolas da rede pública estadual de ensino.

Sposito (2001) vem pontuando a década de 1980 como o momento em que a violência nas escolas começa a se tornar manifesta na imprensa, isto por causa da abertura democrática instaurada com os primeiros governos eleitos pelo voto direto, possibilitando-se, assim, um espaço de visibilidade a demandas até então represadas no âmbito da sociedade. Neste período, as modalidades de ocorrências que incidiam sobre a escola, muitas vezes, ainda estavam qualificadas por um retrato dessa violência externa ou social. O que logo se transforma na década seguinte – 1990 – quando há um deslocamento da compreensão do fenômeno da violência, da ideia de responsabilização do “estranho”, para se voltar o olhar às práticas dos atores escolares, sobretudo, alunos, já que se tornam mais evidentes as agressões físicas entre grupos de alunos nas áreas internas ou nas proximidades e a invasão de grupos de jovens durante o período de aulas.

Daí que se insurge a ideia de que a violência na escola deva ser pensada a partir dos aparatos de segurança e não como um desafio de natureza educativa, já que a compreensão do fenômeno vinha sendo construída a partir da consideração de ocorrências que, ora demarcava a atuação de externos contra a escola, ora situava questões da ordem da agressão entre alunos no interior da escola. Por isto que, segundo Sposito (2001), efetivam-se desde a década de

1980 as rondas e as vigílias dos estabelecimentos escolares e outros mecanismos de proteção ligados a distritos policiais.

Semelhante a tal postura, na Europa e nos Estados Unidos, de maneira geral, segundo Debarbieux e Blaya (2002), a violência escolar é também pensada na inter-relação entre as escolas, a polícia e a justiça; o que leva a estudos da ordem da delinquência entre menores, principalmente no sentido das agressões físicas e das situações de incivilidade; centrando-se, sobretudo, nos alunos, seja como vítimas ou agressores. Pouco compreendida como problema social, e muito mais como questão ou própria da escola (em menor proporção) ou como problema psicopatológico; que exige atenção da saúde e principalmente de dispositivos coercitivos como o sistema judiciário e a polícia. Castro (2002) acredita que, essa ideia de considerar que o jovem é caso de polícia advém de períodos recentes na América Latina, em particular no período dos movimentos estudantis e das ditaduras militares.

Compreensões do fenômeno da violência escolar e de suas formas de intervenção que parecem animar ainda hoje as inserções do discurso jornalístico acerca dessa questão, já que a ação policial é apontada pelo jornal impresso “O Liberal” como responsável por ações de enfrentamento à violência escolar, como o agente de resolução a quem cabe apontar os culpados, responsabilizá-los; esta seria imprescindível na defesa da escola, dada a incapacidade desta em se defender da violência.

Muitos estudos também vêm defendendo a participação da polícia na conjuntura de combate a violência nas escolas (ABRAMOVAY, 2002a, 2002b, 2002c, 2004; XAVIER, 2005). Embora, não tomem esta como a única medida e/ou recurso capaz de lidar com tais situações, nem mesmo que a violência seja uma questão eminentemente de polícia, já que complexa nas suas manifestações que vão além de casos extremos de homicídio.

É importante ressaltar que como o atendimento da CIPOE restringe-se as públicas, no tocante às escolas da rede privada, a apreciação que o jornal impresso “O Liberal” faz da ação da polícia “normal” é diferenciada, inclusive no questionamento de sua eficiência. De maneira que, no discurso do jornal impresso “O Liberal” existem duas polícias: a especializada em escola e outra que não é.

Esta perspectiva de tratamento diferenciado dado à abordagem da violência escolar na escola pública e na escola particular, na responsabilização da polícia “normal” que neste contexto se mostra ineficiente, pode ser pensado a partir das discussões de Oliveira (1999), que ressalta a polícia por princípios neoliberais, de primazia do mercado, privatização e falsa atribuição de desnecessidade do público, sobrepujando os aspectos de relevância social,

transformaram-na no bojo de seu significado e na relação desta para com a consecução da sua atividade profissional.

Este autor aponta que, o paradigma de aquisição e de acumulação do capital em altas somas, privatizou na polícia o que deveria ser por essência um bem público – a garantia da segurança da população. E, que isto se deu de tal forma que, “a alta cúpula policial, hoje, trata, sobretudo, de negócios privados: da corrupção com o tráfico de drogas e os banqueiros do jogo do bicho às empresas de proteção e de transporte de valores, que são quase todas de propriedade de policiais, até os hotéis de alta rotatividade” (OLIVEIRA, 1999, p. 73)

E, quanto aos baixos calões, por sua vez, tratam os conflitos entre os cidadãos, quase sempre como se fossem conflitos pessoais com a polícia. Oliveira (ibidem) remete a esta questão e acrescenta que o neoliberalismo e tudo o que este implica, torna o Estado impotente a tal ponto, que a burguesia lhe toma o monopólio legal da violência, transformando a polícia num “monstro oficial” que age como se estivesse tratando de negócios privados: “mata, tortura, extorque, cobra proteção, no pressuposto quase sempre confirmado, de que o absentismo burguês a torna imune e impune” (*op.cit.* 1999, p.74).

Sendo assim, não só desresponsabiliza-se o sistema privado de ensino da contextura de violência que lhe é próprio, pela transferência de culpa a polícia e outras circunstâncias ou inerentes ao indivíduo ou refletidas pelo meio; como também reitera a importância de uma polícia treinada e especializada, assim como há para o tráfico e outras questões problemáticas, assim também para a violência escolar deva haver uma “polícia especial” para essa demanda.

Rocha (2009) também defende que, em virtude do neoliberalismo, há a priorização em políticas policiais e penitenciárias em detrimento de investimentos em direitos sociais, que seria uma tentativa de remediar a ausência do estado no âmbito social, com um estado policial. Também destaca que a mídia em transmitindo as situações de violência como faz, pela via da exacerbação, da criminalização, e apenas com situações extremas de violência; constroem assim o sentimento de medo e impotência, que acabam por naturalizar medidas, que este autor considera como paliativas, a exemplo de policiamento ostensivo em escolas, estratégia apontada também por “O Liberal”, para o fim da violência nas escolas; assim como muitas outras ações que se configuram não só pelo policiamento, mas em conformidade com este, por medidas de controle e vigilância, através de detectores de metal, câmeras espalhadas nos corredores de escolas particulares, exames para comprovação de uso de substâncias entorpecentes, entre outras, todas no âmbito de medidas coercitivas.

Teixeira e Porto (1998, p.56) refletem ainda que “o imaginário do medo permite ao Estado medidas cada vez mais autoritárias, leis cada vez mais punitivas, legitimadas por

demandas sociais de proteções reais e imaginárias”; o que justificaria, por exemplo, a legalização do porte de armas, a criação de empresas de segurança e o apoio à privatização da polícia, criando-se, assim, uma indústria de segurança – grades, seguros, alarmes – que, na maior parte das vezes, segundo tais autoras, fornece mais proteção simbólica que real. Elas acreditam que discursos como estes, legitimam crenças sobre o aumento da violência e da criminalidade como resultado de uma sociedade em decadência moral – famílias desfeitas, liberação das mulheres, liberdade sexual, crise da ética do trabalho, crise da fé religiosa e crise moral são algumas causas citadas desse aumento.

A polícia/CIPOE aparece, ainda, com papel de ordem pedagógica, uma vez que apontada como investigativa do que falhou na educação para que a jovem agisse com violência, assim como por ações como palestras e orientações de prevenção junto aos escolares, de tal forma que, em muitos momentos, aliada a ideia de desqualificação da escola pública, a apregoada eficiência da polícia, parece sugerir a substituição de um paradigma educacional democrático por outro de ordem policial – do monitoramento, disciplina, e punição.

A respeito disto, Ruotti (2010) acredita que, desse modo, essa criminalização conforma uma maneira excludente no enfrentamento da violência, porque a tornando como uma ameaça constante esta exige sanções – do encaminhamento à polícia, a vigilância constante e até expulsões de alunos – na tentativa de restituição de uma ordem escolar e de reversão desse quadro de violência. O qual se remete ao discurso adotado pelo jornal impresso “O Liberal”, que sobreleva mecanismos disciplinares, de um sistema de punições bem demarcado, dentre os quais se destacam o recurso reiterado de expulsões e os encaminhamentos à polícia. Desta forma, “eliminam-se, primeiramente, os ‘maus elementos’, ao mesmo tempo em que a possibilidade de repressão pela interferência policial instaura-se nas práticas e nos discursos da escola” (RUOTTI, 2010, p.353).

4.11. Família como uma das causas do problema da violência escolar nos discursos do jornal impresso “O Liberal”

A família tem suas acepções dicionarizadas a partir do agrupamento de pessoas que podem ter filiação genética entre si ou não (adoção). No jornal impresso “O Liberal”, estas são, sobretudo, a instituição que deve educar os filhos. Essas famílias expressas por esse discurso, no âmbito da contextura de violência nas escolas, são famílias pobres que em decorrência dessa pobreza e, conseqüentemente, do meio em que vivem, desestruturam-se, e

perdem seus padrões de estabilidade que confere a criação de pessoas boas. Os filhos advindos dessa situação é que vêm a se tornar “os violentos” na escola. O que coloca “a família” como causa da violência que é disseminada pelo aluno na escola.

Neste sentido, Zaluar e Leal (2001) destacam que o tema da violência na escola encontra-se articulado a outros tipos de violências (urbana, policial, familiar), que não deixam de estarem imbricadas. E embora reconheça que a família e a escola como responsáveis pelo processo de socialização e aquisição de hábitos voltados, entre outras coisas, para a produção de consenso e de integração social; estes atores questionam um argumento muito recorrente de que as situações violentas que ocorrem na escola “têm sua origem na família, no bairro ou nos meios de comunicação, de onde se transmitem modelos violentos que influem de forma decisiva”; tratando, especialmente, da violência doméstica, predominante em famílias autoritárias, e da violência na vizinhança, seu entorno, ou seja, o “bairro empobrecido, desestruturado e com alto índice de delinquência”. E, desta forma, contribuir para o que acreditam ser “um círculo vicioso da violência”, que passaria de instituição para instituição na mesma vizinhança.

E esta é uma ideia que anima não só os discursos de “O Liberal”, mas também muitos estudos como o de Abramovay (2002a, 2002b, 2002c) e Soares (2003) que acreditam que os jovens são apontados como os principais atores das circunstâncias de violência por advirem de uma situação de vulnerabilidade social que se atrela à pobreza e à marginalidade. Neste contexto, as famílias também fazem parte do escopo de causas da violência, pois

a família possui um papel de essencial importância na vida dos jovens. É a partir dela que são fornecidas as diretrizes para o encaminhamento futuro, sendo a primeira instituição à qual o jovem faz parte; possui papel imprescindível no norteamento dos objetivos e na preparação para a vida adulta. A ausência da família ocasionará a carência afetiva e estimulará o jovem a buscar solidariedade em outros lugares e até mesmo na rua. [...] Nas famílias “estruturadas” sócio-economicamente há uma preparação constante do jovem com investimentos na educação, para que futuramente ele possa dar o retorno com o alcance do sucesso profissional e social. [...] As famílias muitas vezes não cumprem sua função de prover a sociedade de cidadãos, pois ela também é vitimada pelas condições adversas da exclusão e marginalização, estimulando ainda mais a condição de impotência do jovem. Com o enfraquecimento da família enquanto instituição, sua função é repassada para a escola, onde jovens esperam conseguir condições instrumentais para melhorar de vida, mais uma vez ele é decepcionado, pois a escola pública atualmente é um caos e não fornece condições para o jovem pobre continuar seus estudos, pois o fator econômico o impede, assim como a falta de estímulos diversos, levando até mesmo aqueles que ainda ingressam na escola a desistir, antes mesmo de concluir o ensino médio. (SOARES, 2003, p. 9, 10)

Horst e Mariano (2009) consideram interpretações como esta do jornal impresso “O Liberal”, como representativas de uma interpretação ideológica, que sustenta relações de

dominação ao criminalizar e/ou expor jovens de famílias pobres. O que também, se constituiria como reforçadora do que Aquino (1998) considera como a dinâmica do “encaminhamento”, porque, segundo este autor, no contexto da violência escolar há sempre a culpabilização do “outro”, o que torna a escola sempre uma espécie de “reprodução” difusa de efeitos oriundos de outros contextos institucionais molares, neste caso, a família, que se fariam refletir no interior das relações escolares.

De outra maneira, a família também aparece pelo discurso de “O Liberal” como denunciadora das condições precárias de funcionamento das escolas públicas, quer sejam por ocasião da violência e/ou de problemas de estruturação físico-pedagógico. Neste sentido, a família, os professores e alunos, caracterizam-se, dentre outras coisas, como “fontes¹⁴” que são utilizadas pelo jornal impresso “O Liberal” para ratificar sua trama discursivo-ideológica, segundo Cardoso (2001) e Lima R. (2010b).

4.12. Autorreferenciação do jornal impresso “O Liberal” como divulgador da violência escolar

No que diz respeito ao significado de “jornal” denotado pelo “Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, este se caracteriza por uma publicação diária de fatos cotidianos da sociedade de toda natureza. Mas é sabido que ante os processos subjacentes à produção discursiva dos *media*, é necessário que se considere, como alerta Rodrigues (1980), o fato de que tal discurso (o jornalístico/interessante a este estudo) é construído no seio de uma empresa, organizada segundo o esquema de qualquer empresa industrial, com uma hierarquia, conflitos e quadros semelhantes aos de qualquer empresa. Tal advertência incute na compreensão de que há estratégias de produção do discurso midiático, operações rotineiras utilizadas no processo de elaboração da notícia, como selecionar os fatos, organizar a informação e o conteúdo disposto, como assevera Lima (2010a; 2010b).

Para Lima (2010b), o agendamento parte, essencialmente, de duas estratégias principais: antecipação dos acontecimentos e vigilância. Isto porque, trazendo a público o que até então se punha desconhecido “os meios de comunicação não só predizem os acontecimentos, como também se convertem no próprio olhar vigilante que se subjetiva no olhar do cidadão”. E, nesse movimento de predizer e vigiar, a imprensa toma o controle da

¹⁴ Por fonte de informação entende-se qualquer entidade detentora de dados que sejam susceptíveis de gerar uma notícia. (GRADIM, 2000, p. 102).

informação, o que mais uma vez explica a presença forte da mídia na cobertura de fatos sociais, muitas vezes, negligenciados por seus campos próprios de estudo e dos lócus institucionais de ocorrência.

Neste sentido, Rodrigues (1980) defende que por um tempo, os meios de comunicação refletiam a própria voz do povo, um sistema de valores, crenças e normas de conduta legítima; mas que o século XX traz consigo transformações na própria lógica de produção cultural, de um projeto de sociedade que torna a palavra extremamente socializada, e da perda de legitimidade do “discurso dominante”, de tal forma, que o sistema que regia os meios de comunicação social tradicionais teve de se ressignificar para acompanhar o passo dos discursos criados e trocados autonomamente. Assim, a atividade jornalística passa a se caracterizar, segundo Rodrigues (1980, p. 14), por “um poder praticamente absoluto de falar em nome de uma palavra extremamente socializada”.

Rodrigues (1980) traça um apanhado histórico sob o qual emerge esse “texto-lei” (discurso escrito legítimo e legitimante), essa privatização da palavra e da individualização da mesma; discorrendo sobre a função da imprensa já no século XVIII, como “eco das aspirações e reivindicações populares”; porque trata também da difusão de uma imprensa operária já nos séculos XIX e XX, sob a polarização erigida pela revolução industrial entre burguesia e proletariado.

Esse poder do jornalismo de falar em nome de uma palavra socializada, que Rodrigues (1980) expressa, tem sido historicamente legitimado, acreditamos, em concordância com Pires (1985), que seja pelo aumento do sentimento de insegurança da população brasileira e da prevalência da impunidade, que se alimenta do descrédito frente à polícia e ao sistema judiciário e penal. As pessoas passam a buscar a imprensa como meio de denúncia, e a partir do poder que lhe é conferido, acredita-se que essa possa fazer pressão sobre quem é de direito responder pelos problemas sociais. Um destes, a violência nas escolas.

A mídia seria assim, o quarto poder, segundo Rodrigues (1980, p.57), porque “é do texto que tece os destinos das sociedades democráticas”. Ou pelo que defendem as “novas teorias da comunicação”, assim denominadas por Wolf (1996), de que a mídia constrói uma realidade, cujos efeitos cognitivos se estabelecem em longo prazo, pela influência que exercem na forma de análise e de percepção da vida real, dos acontecimentos cotidianos, e na maneira como as pessoas passam a perceber o mundo.

A revelia, Lima R. (2010a; 2010b) defende que longe de serem imparciais e espaço de revelação, os jornais e os *media* de maneira geral, configuram-se enquanto narradores autorizados do real, mas que dirigem socialmente a publicização dos inúmeros campos

sociais, participando ativamente da produção de sentido sobre os problemas suscitados por estes; uma vez que municiados de um aparato estratégico de práticas discursivas, interferem e propõe uma visão, uma leitura específica da realidade conforme seus interesses – ao atribuir significado aos fatos, imprime seu posicionamento, sua própria compreensão do mesmo.

Wolf (1996) e Gradim (2000) abordam outro elemento importante de compreensão no tocante a dinâmica de construção discursiva do jornal impresso “O Liberal”, que seriam as opções político-institucionais de posicionamento perante a sociedade e, conseqüentemente, a forma de apresentar a notícia, constituintes da “linha editorial”, a qual decide tanto sobre a escolha das notícias quanto o próprio tecido desta visibilizando-lhe elementos e omitindo outros. Wolf (1996) acredita que a linha editorial atua sobremaneira na atividade cotidiana do jornalista de tal forma, a fazê-lo aceder muito mais aos valores pragmáticos do grupo redacional, do que seguir valores exclusivamente pessoais e/ou sociais.

A partir disto, discutimos a estratégia de autorreferenciação utilizada pelo jornal impresso “O Liberal” para conferir a si o *status* de agente social que busca as respostas, que problematiza, que inquire e, por isso, constrói-se como denunciador dos problemas que a escola enfrenta, e o porta-voz da sociedade para cobrar iniciativas e soluções das autoridades competentes. O responsável por fazer a sociedade tomar conhecimento da realidade das escolas.

Lima (2010a, p.8) considera que já a proposta discursiva do Editorial se propõe num dos espaços de autorreferenciação dos veículos de comunicação, porque seria onde o enunciativo se revela na enunciação através da narrativa em primeira pessoa, rompendo com a gramática na narrativa impessoal, e por isso destacando a si como propositor de uma opinião sobre determinado assunto e, assim, sobrelevando-se como construtor de sentido. Mas, esta autora também acredita que, esta estratégia de atribuição de sentido não se dê tão somente no espaço do editorial, configurando-se também no corpo discursivo dos demais gêneros e/ou subgêneros textuais advindo da atividade do veículo; o que se observou neste trabalho, inclusive como elemento reiterável no curso enunciativo da década em estudo.

À autorreferenciação, Lima (2010a) atribui o papel de atribuição que o jornal faz de si como desencadeador do fato. Essa autorreferência pode se dá diretamente pela referenciação ao veículo em mediação, ou a outro dispositivo midiático que lhe seja pertencente ao mesmo sistema de comunicação. Trata-se de uma demarcação de posição enunciativa que ressalta o “papel do discurso jornalístico como um lugar de observação e de acompanhamento do que se passa [...] o papel ativo [...] que sem sua intervenção não teríamos a informação e sua conseqüente revelação” (Lima, 2010a, p.13). E reitera, ainda, que ao contrário do que

normalmente dizem os manuais de redação, os *media* não só se autorreferenciam nos editoriais, lugar em que reconhecidamente se assumem como sujeitos da enunciação. Fazem-nos ainda nas reportagens e noutros lugares, justamente onde eles sugerem não participar da cena discursiva, propondo-se como lugar neutro e imparcial. O que segundo a autora supracitada, serve para evidenciar a intervenção do jornal impresso “O Liberal” no desenrolar dos acontecimentos e desfazer seu caráter neutro e de imparcialidade.

Neste interstício, Lopes (2006) considera a autorreferência nas matérias jornalísticas como uma prática relativamente comum, que serve ao propósito de reforçar valores, construir sua memória, e para apresentar o jornal à sociedade como detentores de um poder de fala, por ocuparem um lugar privilegiado na ordem do discurso, acabam por produzir e reproduzir aspectos que vão constituir sua identidade e reforçar sua autoridade; tal autora defende assim, o discurso autorreferencial em matérias jornalísticas, como uma estratégia do jornal para construir e consolidar sua autoridade e seu poder de fala perante a sociedade.

Para Lima (2010b), a partir das estratégias de agendamento, o jornal não só seleciona o que julga publicável, como se atribui o papel de antecipação dos acontecimentos e vigilância; pois trazendo a público o que até então se punha desconhecido “os meios de comunicação não só predizem os acontecimentos, como também se convertem no próprio olhar vigilante que se subjetiva no olhar do cidadão”. E, nesse movimento de predizer e vigiar, a imprensa tomaria o controle da informação.

O que nos permite ponderar que, o jornal impresso “O Liberal”, por meio da sua tessitura discursiva não só propõe sentido à violência escolar, como também, aproveita-se da abordagem do fenômeno para se soerguer, construindo sentido a si, como o responsável pela denúncia, por proporcionar a sociedade o acesso a informação, e desta forma, consolidar-se como instituição informativa, jornalística, participe do cenário de formação da opinião pública.

CONCLUSÕES

A análise das matérias do jornal impresso “O Liberal”, que discursavam sobre violência escolar na cidade de Belém, entre o período do ano de 2001 a 2010, viabilizaram a percepção do comportamento editorial desse veículo mediante o fenômeno em questão, tanto quanto do papel que este desempenha no que se refere ao agendamento da violência escolar para o debate público. A partir do ressaltado da significação dos dados obtidos, apresentamos algumas das conclusões a que chegamos:

- A recorrência de matérias sobre violência escolar, e/ou sua dinâmica de agendamento, revelam-se muito aquém em relação ao número de matérias veiculadas em um dia, quiçá em uma década. Embora, note-se um crescimento desse agendamento a partir de 2006 – considerando as matérias que a apontavam diretamente – o que não ultrapassou a marca de treze achados por ano;
- Dentre tais achados, aproximadamente vinte demonstravam expressiva visibilidade, pois apresentavam chamadas de capa e amplo espaço discursivo, o que se acentua da metade do período até recentemente;
- Tais matérias em sua grande maioria abordava ocorrências intra e extraescolares, as quais se caracterizam ou por invasões de agentes externos do entorno, ou por agressões entre alunos; o que remete à compreensão de violência como sinônimo de insegurança, criminalidade e indisciplina.
- Na composição das matérias acerca da violência escolar há o conjunto de elementos discursivos quase sempre reiteráveis que se expressam pela presença da violência, do aluno, do professor, da escola, da família, do bairro, da polícia, dos pesquisadores, da SEDUC e do próprio jornal impresso “O Liberal”;
- Tais elementos para além de seus significados dicionarizados os extrapolam para assumir sentidos próprios da trama discursiva de “O Liberal”, que demarcam o posicionamento desse jornal impresso acerca de tal fenômeno;
- Em suma, a violência escolar caracteriza-se por uma justaposição entre a violência e a escola, pois, segundo este jornal, a escola pública torna-se violenta pelo afrouxamento disciplinar que permite a entrada da violência do entorno; cujo principal agressor é o aluno, e em menores proporções o agente externo; as vítimas seriam, sobretudo, professores e “bons” alunos. Quanto às causas, estas se relacionam tanto com a pobreza do entorno quanto com a desestruturação familiar.

- A educação pública é rechaçada pelo cenário de violência que o jornal impresso “O Liberal” apresenta, sobretudo, com a descrença nas ações do órgão responsável pela gestão do sistema de ensino público do Estado;
- O jornal impresso “O Liberal” credencia seu discurso sobre a violência escolar a partir da credibilidade do discurso científico, do qual se apropria, assim como das falas de fontes testemunhais – alunos, professores e família – e os ressignifica ao tom que deseja imprimir ao assunto. Autorreferenciando-se como principal agente social de reflexão e denúncia tanto do fenômeno em si, quanto das implicações que este acarreta para a educação no Estado;
- Visibilizar a violência escolar torna-se interessante não só pelo potencial de espetáculo que esta guarda, mas também enquanto meio de desqualificar a escola pública;
- As imagens funcionam como discurso e não só mera ilustração, pois dialogam com o texto escrito ora como complementares, ora como discordantes, enquanto recurso de depreciação de falas convidadas. Possuindo a primazia da atenção do leitor, autonomamente destaca elementos reiteráveis como os alunos, recursos de segurança, a polícia, e pesquisadores, que por si só já demarcam a violência escolar como problema de segurança pública, cuja solução é a ação policial; o que vem como discurso chancelado cientificamente pela figura do pesquisador.

Nestas linhas que se fazem finais mediante as demandas desse estudo, não possuímos a pretensão de considerar exauridas as respostas possíveis da interrogação de tal *corpus*; visto que ainda há um largo caminho de compreensão no entrelaçamento da educação com as imagináveis significações que os discursos correntes possam vir a tecer não só a respeito do fenômeno da violência escolar, como de um amplo espectro de situações interessantes a tal campo de estudo.

Conquanto, neste interlúdio é válido ressaltar o amadurecimento analítico-discursivo que tal experiência propôs, que longe de ser acabado, configurou-se como uma feliz vivência de interdisciplinaridade e como exemplo de que o material documental, e escopo teórico-metodológico bakhtiniano tem muito a contribuir com a produção do conhecimento científico, de maneira que, esperamos com esse estudo, tributar a favor da visibilidade e da consolidação deste manancial metodológico, no campo da educação.

Também se faz oportuno chamar a atenção de todos que desejem e aceitem divulgar seus estudos na mídia, para que tenham clareza do modo pelo qual esta se coloca no meio social: como uma agência mediadora da informação, que longe de ser neutra, impessoal e representante fiel dos fatos, ao contrario, os conduz conforme seus interesses, direcionando,

destacando e ocultando elementos, no conjunto de sua trama discursiva para a apreciação pública do que julga importante e da maneira como os entende.

Por isto, como todo discurso, o discurso midiático é igualmente ideológico, não no sentido de “mascarar” uma verdade, mas como construtor de um posicionamento demarcado socialmente. Desta forma, não se pode esperar que as falas convidadas, mesmo as citadas diretamente remetam-se exatamente ao que seus produtores originais quiseram dizer, mas sim que todo “discurso convidado” só o é em virtude de compor o próprio discurso do jornal impresso “O Liberal” – ressignificado, repensado, reeditado, ou seja, novo.

Assim, encerramos por ora as inserções no terreno das apreensões dos sentidos dos discursos, esperando que outros possam atender a interlocução deste trabalho, e também repensá-lo, redizê-lo e desta forma continuá-lo enquanto discurso sempre inacabado.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília.** Rio de Janeiro: UNESCO, 1999.

_____. **Escola e violência.** Brasília: UNESCO, 2002a.

_____. Violência e Vulnerabilidade: literatura e conceitos. In: _____. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** Brasília: UNESCO, BID, 2002b.

_____. **Violências nas escolas.** Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002c.

_____. **Escolas inovadoras: experiências bem-sucedidas em escolas públicas.** Brasília: UNESCO, Ministério da educação 2004.

ABRAMOVAY, Miriam. Enfrentando a Violência nas Escolas: Um Informe do Brasil. In: _____. (Coord.) **Violência na escola: América Latina e Caribe** – Brasília: UNESCO, 2003.

AGUERO, Rosemere de A. **A construção do discurso sobre o trabalho infantil: mídia, imagens e poder.** 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande (MS), 2008. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

ALBAGLI, S. Divulgação Científica: Informação Científica Para A Cidadania? *Ciência da Informação*, v. 25, n. 3, p. 396-404, 1996. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/465/424>. Acesso 18 fev. 2011.

ALBERGUINI, Audre C.. **A Ciência nos jornais impressos do interior.** Limeira/SP - Ano 4, nº 12- De outubro à dezembro de 2007. Disponível em: http://www.iscafaculdades.com.br/nucom/PDF/ed12_artigo_audre.pdf. j.

ALVES, Laura M. S. A. Linguagem, Dialogismo e Polifonia: as vozes bakhtinianas. In: CORRÊA, P.S.A. **A Educação, o Currículo e a formação de professores.** Belém: EDUFPA, 2006.

AMARAL, Márcia Franz. **Sensacionalismo, um conceito errante.** Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 14. 2005. Niterói. *ANAIS* [eletrônicos]. Compós, 2005. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_848.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2011.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Uma boa forma de ser feliz: representações de corpo feminino na revista Boa Forma.** 2002. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS), 2002. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1623> Acesso em: 14 fev. 2011

AQUINO, Júlio Groppa. **A violência escolar e a crise da autoridade docente**. Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 47, dez. 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000400002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 30 mar. 2012.

ARENDT, Hannah. **Da Violência**. Tradução de Maria Cláudia Drumond. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1985.

ARTINOPOULOU, Vasso. **A violência escolar na Grécia: panorama das pesquisas e estratégias de ação**. In: DEBARBIEUX, Éric & BLAYA, Catherine (orgs). **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: UNESCO, 2002.

ASSIS, Edjane Gomes de. **Veja, Isto É e Época: recontando a História no universo midiático**. 2010. 186 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa (PB), 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=911 Acesso em: 14 fev. 2011

ASSOLINI, Rita de Cássia S. T. **Adolescência e sexualidade: uma análise do discurso da mídia segmentada**. 2009. 141 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo (SP), 2009. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2026 Acesso em: 14 fev. 2011

ASSUMPCÃO, Márcia. **As representações de mulher profissional brasileira e norte-americana construídas pela mídia impressa**. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7871 Acesso em: 14 fev. 2011

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal**. 2' cd. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBARA, Leila; GOMES, Maria Carmen A.. **A representação de Dilma Rousseff pela mídia impressa brasileira: analisando os processos verbais**. *Letras*, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 67–92, jan./jun. 2010.

BARBOSA, Romilda M. de Souza. **"Garota de Programa": acontecimento discursivo**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande (MS), 2008. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://www.cbc.ufms.br/tedesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=225 Acesso em: 14 fev. 2011

BARROS, Eduardo Paes de. **A construção do sucesso na Revista Veja**. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=10942 Acesso em: 14 fev. 2011

BARREIRA, C. **Ligado na galera**. Brasília: UNESCO, FNUAP, UNICEF, Instituto Ayrton Senna, 1999.

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica; Retórica da imagem. In: _____. **O Óbvio e Obtuso: ensaios sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BASSO, Itacy Salgado. **Significado e sentido do trabalho docente**. Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 44, abr. 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso 21 jan. 2012.

BENEVIDES, Patrícia de Oliveira; GUERREIRO, Pérola Maria da Silva. **Adolescência e violência na escola: um estudo realizado no município de Belém**. Belém – Pará Universidade da Amazônia, 2001. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de pedagogia supervisão-escolar do centro de ciências humanas e educação da unama, como requisito para obtenção do grau de pedagoga, f. 47.

BENITES, Sônia Aparecida L. **A face do Brasil mostrada nas citações da Revista VEJA. Polifonia**. Cuiabá (MT), n.19, p. 1-28, 2009. Disponível em: Acesso em: 18 fev. 2011

BERNARDES, Walkyria Wetter. **A constituição identitária feminina no cenário político brasileiro pelo discurso midiático globalizado: uma abordagem discursiva crítica**. 2009. 228 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5508 Acesso em: 14 fev. 2011

BEZERRA, Leila Maria Passos de Souza. **Sentidos da pobreza e do viver em territórios estigmatizados**. V Jornada Internacional de políticas públicas. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2011/CdVjornada/JORNADA_EIXO_2011/DESI_GUALDADES_SOCIAIS_E_POBREZA/SENTIDOS_DA_POBREZA_E_DO_VIVER_EM_TERRITORIOS_ESTIGMATIZADOS.pdf. Acesso 21 jan. 2012.

Biblioteca Pública do Pará. Jornais Paraóaras: catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura Desporto e Turismo, 1985.

BOMFIM Maria do Carmo Alves do; CONCEIÇÃO, Luzineide dos Santos; SANTOS, Débora Andréia dos. **Mídia e representação da juventude**. Disponível em: http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.7_GT.8/01_Luzineide%20dos%20Santos%20Concei%C3%A7%C3%A3o,%20Debora%20Andreia%20dos%20Santos%20Ma.pdf. Acesso 21 jan. 2012.

BONFIN, Jonilda Ribeiro. **Reprodução assistida, bioética e discurso científico: estratégias discursivas da Revista Veja nos anos 2001 e 2002**. 2003. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Universidade de Brasília. Brasília (DF), 2003. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2227. Acesso em: 14 fev. 2011

BRAIT, Beth. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Do número ao nome, do caso à pessoa, da solidão à partilha: alguns dilemas e alternativas da pesquisa na educação. In: _____. **A Pergunta a Várias Mãos**: A Experiência da Pesquisa no Trabalho do Educador. [S.L.] Cortez, 2003.

BRITO, Patrícia Duarte de; PASSETTI, Maria Célia Cortêz. **A (des)construção representacional do Partido dos Trabalhadores na Revista Veja**. *Entretextos (UEL)*, v. 7, p. 84-97, 2007. Disponível em: Acesso em: 18 fev. 2011

BRITTO, Patrícia Duarte de. **O discurso relatado enquanto estratégia linguística para construção e produção de sentidos no texto jornalístico**. In: Congresso Nacional de Linguagens em Interação (CONALI), 1. 2007, Maringá. *ANAIS*. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2007, p. 462-471. Disponível em: Acesso em: 18 fev. 2011

BRUGGEMANN, Ângelo Luiz *et al.* Registros da copa de 2014 na cobertura da Folha de São Paulo sobre a copa da África do sul: reflexões preliminares de pesquisa em desenvolvimento. In: Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte, 5. 2010. Itajaí. *ANAIS*. Itajaí (SC): UNIVALI, 2010, p. 1-11. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/sulbrasileiro/vcsbce/paper/view/2024>. Acesso em: 18 fev.2011.

BRUSIUS, Fernanda Kist. **Mídia e identidade: os catadores de materiais recicláveis nos jornais de Santa Maria**. 2010. 121 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria (RS), 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3203. Acesso em: 14 fev. 2011

BUENO, Vinicius Prates da Fonseca. **O capital dá a palavra**: um estudo do discurso da responsabilidade social na revista Brasil Sustentável. 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo (SP), 2008. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1560 Acesso em: 14 fev. 2011

BURKE, Peter. O testemunho das imagens; Fotografias e retratos. In: _____. **Testemunha Ocular**: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CAETANO, Kati. **A aventura fotográfica partilhada: modos de olhar**. Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Comunicação(Compós), 14. 2005. Niterói (RJ). *ANAIS [eletrônicos]*. Compós, 2005. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_882.pdf. Acesso em: 15 de fev. 2011.

CAETANO, Paulo Henrique. **A palavra-chave ‘racismo’ e suas relações lexicais**: uma análise crítica dos discursos sobre relações raciais brasileiras em corpus de jornal impresso.

2007. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2007. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br; http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-73WR4F/1/tese_paulo_caetano_completa.pdf](http://bdtd.ibict.br;http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-73WR4F/1/tese_paulo_caetano_completa.pdf). Acesso em: 14 fev. 2011

CAMARGO, Júlia Faria. **Ecoss do Fragar**: a invasão do Iraque em 2003. A mídia internacional e a imprensa brasileira. 2008. 142 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília. Brasília (DF), 2008. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br; http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3671](http://bdtd.ibict.br;http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3671). Acesso em: 14 fev. 2011

CAMPOS, Carla Leila Oliveira. **Estratégias de referenciação no discurso midiático** – práticas ideológicas de inclusão e exclusão de dizeres no discurso sobre a guerra. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 43-67, jan./abr. 2010 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v10n1/v10n1a03.pdf>]. Acesso em: 18 fev. 2011

CANDIANI, Heci Regina. **A mensagem recalcada**: o mal-estar cultural em textos jornalísticos sobre violência. 2007. 237 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br; http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5770](http://bdtd.ibict.br;http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5770) Acesso em: 14 fev. 2011

CARDOSO, Darlete. **O jornalismo como (re)produtor de enunciados**. Revista *Linguagem em (Dis)curso*, volume 1, número 2, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0102/06.htm>. Acesso 21 jan. 2012.

CASTRO, Mary Garcia. O que dizem as pesquisas da Unesco sobre juventudes no Brasil: leituras singulares. In: NOVAES, Regina Reys; PORTO, Marta; HENRIQUES, Ricardo (Org.). **Juventude, Cultura e Cidadania**. Rio de Janeiro, v.21, Ed. Especial, p, 63-90, 2002. (Comunicações do ISER).

CASTRO, Mary Garcia *et al.* **Cultivando vida, desarmando violências**: experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza. Brasília: UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHARLOT, Bernard. **Violência na escola**: o que a escola pode fazer e como? CD-ROM II Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas Escolas (Observatório de violências nas escolas, UNAMA/UNESCO), UMAMA (Extensão), Belém, p. 1-27, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs). **A leitura de imagens na pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CLÉMENCE, Alain. Violência e incivildade na escola: a situação na suíça. In: DEBARBIEUX, Éric & BLAYA, Catherine (orgs). **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: UNESCO, 2002.

COSTA, Lucas Mendes Falcão. **As astúcias de um destinador na Geleia Geral brasileira**. 2009. 111 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=10242 Acesso em: 14 fev. 2011

COSTA, Deyvisson Pereira da. **Corporeidades em tempos de biopoder: o discurso midiático sobre o cuidado com o corpo**. 2009. 115 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Biblioteconomia) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia (GO), 2009. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br>> Acesso em: 14 fev. 2011

COSTA, Sheyla Luiz da; FACKIN, Rosemari. **Violência da ou na escola - um fenômeno de estudo**. CD-ROM II Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas Escolas (Observatório de violências nas escolas, UNAMA/UNESCO), UMAMA (Extensão), Belém, 2005.

CRUZ, Guilherme Amorim de Moraes *et al.* **Olimpíadas Rio-2016: um estudo na mídia impressa sergipana**. In: Congresso Sul-brasileiro de Ciências do Esporte, 5. 2010. Itajaí. *ANAIS*. Itajaí (SC): UNIVALI, 2010, p. 1-11. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/sulbrasileiro/vcsbce/paper/view/2141>. Acesso em: 18 fev. 2011

CURCINO, L. . "A política em close": análise discursiva de algumas representações do leitor de VEJA. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. 1, p. 55-64, 2007. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/vcsbce/vcsbce/schedConf/presentations>

DALMONTE, Edson Fernando. **Presente: o tempo do jornalismo e seus desdobramentos**. *História [online]*, v.29.n.1, p.328-344, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v29n1/19.pdf> Acesso em: 18 fev. 2011

DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (orgs). **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: UNESCO, 2002.

DEBARBIEUX, Éric. **Cientistas, políticos e violência: rumo a uma comunidade científica europeia para lidar com a violência nas escolas?** In: DEBARBIEUX, Éric & BLAYA, Catherine (orgs). **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: UNESCO, 2002.

DIAS, Ana Rosa Ferreira. *O discurso da violência: as marcas da oralidade no jornalismo popular*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 181 p. Disponível em: Acesso em: 18 fev. 2011

DINIZ, Debora & [GUEDES, Cristiano](#) .**Informação genética na mídia impressa: a anemia falciforme em questão**. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 11, p. 1055-1062, 2006. Disponível em: Acesso em: 18 fev. 2011

DORNELLES, Leni Vieira. **Meninas do papel**. 2002. 175 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS), 2002. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1645>. Acesso em: 14 fev. 2011

FABRICIO, Branca Falabella. **Mulheres emocionalmente descontroladas: identidades generificadas na mídia contemporânea**. *DELTA*. São Paulo, v. 20, n. 2, p. 235-263, dez.2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502004000200003 Acesso em: 18 fev. 2011

FERRAZ, Sonia Maria Taddei. **A mídia no combate à violência: a operação Rio. Favelados e favela como os bodes expiatórios**. In: Encontro Anual das Associações dos Programas de Pós Graduação em Comunicação (Compós), 9. 2000, Porto Alegre (RS). *ANAIS*. Porto Alegre (RS): FAMECOS-PUCRS, 2000. CD-ROM (Lista 6). Disponível em: <http://www.compos.org.br>; http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1392.pdf Acesso em: 18 fev. 2011

FERREIRA JÚNIOR, Arnaldo Alves. **A notícia como discurso: a cidadania representada pela mídia impressa no acidente radioativo de Goiânia**. 2010. 95 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia (GO), 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://bdtd.ufg.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1593 Acesso em: 14 fev. 2011

FANTE, Cleodelice. Subsídios teóricos as determinantes do comportamento agressivo/violento, velado ou explícito. In: _____. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. São Paulo: Verus, 2005.

FERREIRA, Luzmara Curcino. **"A política em close": análise discursiva de algumas representações do leitor de VEJA**. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v.36, n.3, p. 55-64, set./dez.2007. Disponível em: Acesso em: 18 fev. 2011

FERREIRA, Renata de Araújo. **O controle da publicidade de alimentos na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais**. 2009. 79 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal da Bahia. Salvador (BA), 2009. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2477. Acesso em: 14 fev. 2011

FIGUEIREDO, N.M.A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2a ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.

FONSECA-SILVA, M. C..**Memória discursiva, mídia e efeitos de sentido da corrupção no Brasil**. In: VII Congresso Internacional da Abralin, 2011, Curitiba. Anais do VII Congresso Internacional da Abralin, 2011. p. 2949-2956.

FLORES, Valdir do Nascimento *et al.* **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2009.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A atualidade no Jornalismo. In: FAUSTO NETO, Antonio *et al.* (Org.). **Práticas midiáticas e espaço público**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 261-289. Disponível em: Acesso em: 18 fev. 2011

FRAZÃO, Theresa Christina Jardim. **O morador de rua e a invisibilidade do sujeito no discurso jornalístico**. 2010. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6993. Acesso em: 14 fev. 2011

FREITAS, Felinio. Jornalistas, cientistas e a representação da realidade por meio da construção da notícia. Versão Beta: sob o signo da palavra, Vol. 53 (2009), ISSN: 1677-2016. Disponível em: <http://www.versaobeta.ufscar.br/index.php/vb/article/viewFile/94/48>. Acesso 21 jan. 2012.

FUNK, Walter. A violência nas escolas alemãs – situação atual. In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (Org.). **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: UNESCO, 2002, p.131-152.

GARBIN, Andréia de Conto. **Representações na mídia impressa sobre o assédio moral no trabalho**. 2009. 169 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6134/tde-21092009-145221/pt-br.php>. Acesso em: 14 fev. 2011

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. **Representações do gênero masculino na mídia impressa brasileira**. Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação (SOPCOM), 4. 2005. Aveiro. Livro de Actas. Aveiro (PT), 2005, v. 1, p. 1018-1025. Disponível em: <http://www.booc.ubi.pt/pag/ghilardi-maria-representacoes-genero-masculino-midia-imprensa-brasileira.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2011

_____. **Representações de gênero social na mídia**. Web-revista Discursividade Estudos Linguísticos, Maringá (PR), v. 6, jul.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/06/Arquivos/LUCENA.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2011

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês; LUCENA, Tamires Nascimento. **Discurso e gênero: imagens da beleza masculina. Encontro de Iniciação Científica da PUC-Campinas, 14. 2009. Campinas. ANAIS [online]**. http://www.puc-campinas.edu.br/pesquisa/ic/pic2009/XIV_Encontro_Iniciacao_Cientifica.htm. Acesso em 18 fev. 11

GIACOMELLI, Ivan Luiz. **Crítérios de noticiabilidade e o fotojornalismo**. Discursos fotográficos, Londrina, v.4, n.5, p.13-36, jul./dez. 2008. Disponível em: Acesso em: 13 fev. 2012.

GOMES, Maria Carmen Aires. **Mulheres e política: analisando a representação sociocultural midiática**. Linguagem em (Dis)curso, Tubarão (SC), v. 7, n. 2, p. 195-214, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0702/4%20%20art%202.pdf> Acesso em: 18 fev. 2011

_____. **Ação social midiaticizada:** analisando a recontextualização de um evento social. *Linguagem em (Dis)curso* [Impresso], Palhoça (SC), v. 10, n. 2, p. 293-313, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v10n2/v10n2a04.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2011

GONÇALVES, Gisele Siqueira; MELO, Mônica Santos de Souza. **A representação dos adolescentes pelo jornalismo através da linguagem gíria observada na *Todateen*.** In: Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste (Intercom), 15. 2010, Vitória. ANAIS. Vitória: Intercom; UFES, 2010, v. 1, p. 1-14. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R19-0848-1.pdf> Acesso em: 18 fev. 2011

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SPOSITO, Marília Pontes. **Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil.** *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, março/ 2002. Disponível em:

GRADIM, Anabela. **Manual de Jornalismo.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2000. Disponível em: http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110826-gradim_anabela_manual_jornalismo.pdf. Acesso 18 fev. 2011.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Os sentidos na mídia:** rastros da história na guerra das cores. *Linguagem: Estudos e Pesquisas*, Catalão (GO), v. 1, n. 4-5, p. 11-30, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/lep/article/view/12047/8008> Acesso em: 18 fev. 2011

_____. **Análise do discurso e mídia:** a (re) produção de identidades. *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, v. 4, n.11, p. 11-25, nov. 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/117/118> Acesso em: 18 fev. 2011

GRIGOLETTO, Evandra. **O discurso de divulgação científica:** um espaço discursivo intervalar. 2005. 269 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5322>. Acesso em: 14 fev. 2011

GUIMARÃES, Luciano. **O repertório dinâmico das cores na mídia:** produção de sentido no jornalismo visual. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 15. 2006, Bauru (SP). ANAIS [eletrônicos]. Compós, 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br>; http://www.compos.org.br/data/biblioteca_504.pdf. Acesso em: 18 fev. 2011

HENN, Ronaldo C. *et al.* **Notícias:** dos crimes às transmutações de sentido. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 14. 2005, Niterói. ANAIS [eletrônicos]. Compós, 2005. Disponível em: <http://www.compos.org.br>; http://www.compos.org.br/data/biblioteca_844.pdf. Acesso em: 18 fev. 2011

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Objectiva: 2001.

HORST, Scheyla Joanne; MARIANO Hélvio Alexandre. **Em papel jornal: A construção social da infância nas páginas da Gazeta do Povo – Paraná.** In: I Simpósio de Pesquisa Estado e Poder: a hegemonia em questão. **UNIOESTE – Campus de Marechal Cândido Rondon. PR, 25 a 27 de Agosto de 2009.** Disponível em: http://serv01.informacao.andi.org.br/5ed96d86_12153c76de5_-7fed.pdf. Acesso em: 31 jan. 2012.

IMBROISI, Françoise. **Atos de fingir ou o caráter ficcional no fotojornalismo brasileiro.** In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 18. 2009. Belo Horizonte (MG). *ANAIS* [eletrônicos]. Compós, 2009. In: <http://www.compos.org.br>; http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1127.pdf. Acesso em: 18 fev. 2011

KOSSOY, Boris. As fontes fotográficas e a recuperação das informações: metodologia da pesquisa. In: _____. **Fotografia e história.** São Paulo: Ateliê Editorial. 2001.

_____. Construção e desmontagem do signo fotográfico. In: _____. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

KHOURY, Y. M. A., PEIXOTO, M. R. C. & VIEIRA, M. P. A. **A pesquisa em história.** 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

KUWAE, Luiza Hiroko Yamada. **O papel da mídia na construção social do escândalo político.** 2006. 152f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br>> Disponível em: http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=701. Acesso em: 14 fev. 2011

LAMEIRAS, Maria Stela T. B. **Entre os contos de uma posse e o poder da palavra: "ligações perigosas" entre a mídia, a palavra e o poder político.** 2006. 227 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2006. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br>> ; <http://bdtd.ufal.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=235>. Acesso em: 14 fev. 2011

LAURENS, Jean-Paul. **A violência escolar entre mídia e realidade.** Revista FAMECOS. Porto Alegre, n 29, abril, 2006. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/471/398>. Acesso em: 18 fev. 2011

LEAL, Maria Christina Diniz. **O discurso jornalístico sobre privatizações e protestos nas ruas.** DELTA. São Paulo, v. 21, n. especial., p. 73-92, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v21nspe/29252.pdf> Acesso em: 18 fev. 2011

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica.** 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

LICCIARDI, Norma. **O significado do trabalho do professor e sua relação com a Educação.** Revista UniABC – v.2, n.1, 2011 - ISSN: 2177-5818. Disponível em: http://www.uniabc.br/site/revista/pdfs/3/09_O_Significado_do_Trab lho_do_Professor.pdf. Acesso 21 jan. 2012.

LIMA, Fernanda Fernandes P. de A.. **Entre o diálogo e a (re) significação do sentido:** um olhar sobre a identidade da mulher política. Bakhtiniana. São Paulo, v.1, n. 3, p. 99-112, 1º.sem. 2010. **Disponível em:** <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3373>. Acesso em: 18 fev. 2011

LIMA, L. F. ; PICCOLOTTO, D.C. ; SILVA, J. F. ; AZEVEDO, L. E. C. . **Direto da Redação:** o perfil do Jornalismo Científico nos Jornais impressos do Amazonas. Veritas Revista Científica Multidisciplinar, v. 1, p. 43-53, 2009.

LIMA, Regina Lúcia Alves de. **Vozes em cena:** análises das estratégias discursivas da mídia sobre os escândalos políticos. Belém: FADESP, 2010a. 156 p.

_____. Da pauta à veiculação das notícias, o posicionamento dos jornais paraenses nas eleições municipais de 2004. In: AMARAL FILHO, Otacílio; CASTRO-HORÁCIO, Fábio Fonseca; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. (Org.). **Pesquisa em Comunicação na Amazônia.** Belém: FADESP, 2010b, p. 101-113.

LISBOA, Ingrid Valéria. **A construção da violência urbana na Revista Veja.** 2007. 228f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4309. Acesso em: 14 fev. 2011

LYRA, Andréa Virgínia Lamêgo. **O vermelho da cultura do papel:** a visibilidade midiática do MST e a imprensa. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2010. Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br>> http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3482. Acesso em: 14 fev. 2011

LOPES, Fernanda Lima. **Autorreferência, discurso e autoridade jornalística.** In: I Coneco-Rio, 2006, Rio de Janeiro. Revista Pós-ECO, 2006. Disponível em: www.bocc.ubi.pt. Acesso em: 14 fev. 2011

LUFT, Schirley. **jornalismo, meio ambiente e amazonia:** os desmatamentos nos jornais o liberal do Pará e a crítica do Amazonas. Disponível em: http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=OVr58s7NeLsC&oi=fnd&pg=PA13&dq=related:y-IL9sZYQwQJ:scholar.google.com/&ots=jEJr6Ljey_&sig=NQJ71HgV3Nyx_dkFmkeXQNCWVY4#v=onepage&q&f=false. **Acesso em: 11 jan. 2012.**

MACHADO, Marcia Benetti; JACKS, Nilda. **O discurso jornalístico.** In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 10. 2001. Brasília: ANAIS (eletrônicos). Compós, 2001. Disponível em: <http://www.compos.org.br>; http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1217.pdf Acesso em: 18 fev. 2011

MACHADO, Rosa Helena Blanco. **A palavra do outro e seus percursos na formação ideológica dos homens.** Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista, v. 5, n. 2, p. 75-92, dez. 2007. **Disponível em:**

<http://estudosdalinguagem.org/seer/index.php/estudosdalinguagem/article/view/80/199>.

Acesso em: 18 fev. 2011

MAKSUD, Ivia. **Sexualidade e mídia:** discursos jornalísticos sobre o “sexual” e a vida privada. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 4, p. 663-671, out./dez.2008. **Disponível em:** <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a04.pdf> Acesso em: 18 fev. 2011

MALUF, Norma Alejandra; CEVALLOS, Chrystiam & JENNY, Rossana Córdoba y. Enfrentando la violencia em las escuelas: Un Informe de Ecuador. In: ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Violência na escola:** América Latina e Caribe – Brasília: UNESCO, 2003.

MARTINS, André Ricardo Nunes. **Grupos excluídos no discurso da mídia:** Uma análise de discurso crítica. *DELTA*. São Paulo, v. 21, n. Especial, p. 129-147, 2005. **Disponível em:** <http://www.scielo.br/pdf/delta/v21nspe/29255.pdf> Acesso em: 18 fev. 2011

MATHEUS, Letícia Cantarela. **Mediações jornalísticas do tempo** - narrativas, periodicidade e produção de sentido histórico. Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 18. 2009. Belo Horizonte (MG). ANAIS [eletrônicos]. Belo Horizonte: Compós; PUC-MG, 2009. Disponível em: <http://www.compos.org.br>; http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1131.pdf. Acesso em: 18 fev. 2011

MAUAD, Ana Maria. Fotografia e história – possibilidades de análise. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs). **A leitura de imagens na pesquisa social**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MEDEIROS, Caciane Souza de. **Sociedade da imagem:** a (re) produção de sentidos da mídia do espetáculo. 2010. 173 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria (RS), 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3448. Acesso em: 14 fev. 2011

MENDES, Patrícia Monteiro Cruz. **Dos contornos do corpo às formas do eu:** a construção de subjetividade femininas na revista "Sou+Eu!". 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=787. Acesso em: 14 fev. 2011

MENEZES, M. C. **Recursos de linguagem na animação: a enunciação cinematográfica construída a partir das transformações da figuratividade quadro a quadro.** Dissertação de Mestrado. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

MORAIS, Fernanda Beatriz Caricari de. **As mulheres na política brasileira:** um estudo sob a perspectiva sistêmico-funcional. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7581. **Acesso em:** 14 fev. 2011

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. **Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Fundação Ford, Fundação Osvaldo Cruz e Garamond, 2001.

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. **A escola pública e os discursos sobre sua pretensa crise**. Teias: Rio de Janeiro, ano 2, nº 4, jul/dez 2001. Disponível em: [http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path\[\]=78&path\[\]=79](http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path[]=78&path[]=79). Acesso 21 jan. 2012.

MORGADO, Valdoméria Neves de M. **O discurso educacional no artigo de opinião: o controle do já controlado**. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://bdtd.ufg.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1766. Acesso em: 14 fev. 2011

NASCIMENTO, Ivany; TRINDADE, Mariléia. **Os significados da violência na escola para professores de escolas públicas de Belém**. Revista Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte. ISSN 1982-5935 (versão eletrônica), **Vol. 2, No 2 (2008)**. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3036>. Acesso 21 jan. 2012.

NASCIMENTO, Marilza Nunes de Araújo; RODRIGUES, Marlon Leal. O Discurso das Cotas na Mídia. Web-Revista Página de Debate: Questões de Linguística e Linguagem, n. 13, fev. 2010. Disponível em: <http://www.cepad.net.br/linguisticaelinguagem/EDICOES/13/13.htm>. Acesso em: 18 fev. 2011

NAVARRO, Luis H. Navarro. Enfrentando la violencia en las escuelas: un informe de Chile. In: ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Violência na escola: América Latina e Caribe**. Brasília: UNESCO, 2003, p. 209-250.

NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Análise do discurso da imprensa sobre rebeliões de jovens infratores em regime de privação de liberdade**. *Ciência e Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 285-297, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v7n2/10248.pdf> Acesso em: 18 fev. 2011

NOGUEIRA, Teresinha de Jesus Araújo Magalhães. **Violência na escola: novos sentidos e significados**. CD-ROM II Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas Escolas (Observatório de violências nas escolas, UNAMA/UNESCO), UMAMA (Extensão), Belém, 2005.

OLIVEIRA, Ana Claudia Mei A. de. **A dupla expressão da identidade do jornal**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 14, p. 63-80, dez. 2007. Disponível em: <http://www.unicap.br/gtpsmid/artigos.html>. Acesso em: 18 fev. 2011

OLIVEIRA, Edson Correia de. **O discurso da notícia e a representação da identidade de gênero feminino nos crimes passionais**. 2010. 255 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=10617. Acesso em: 14 fev. 2011

OLIVEIRA, Luiza R. *et al.* **Análise de um impresso.** Ciência em Tela, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, 2010. **Disponível em:** http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0110_oliveira.pdf. Acesso em: 18 fev. 2011

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Francisco de. Privatização do público, destituição da fala e anulação da política: o totalitarismo neoliberal. In: OLIVEIRA, Francisco de & PAOLI, Maria Célia (org.). *Os sentidos da democracia — Políticas do dissenso e hegemonia global.* São Paulo: Editora Vozes, FAPESP e NEDIC, p. 83-129, 1999.

ORTEGA, Rosário. O projeto de Sevilha contra a violência nas escolas: um modelo de intervenção educacional de natureza ecológica. In: DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine (Org.). **Violência nas escolas: dez abordagens europeias.** Brasília: UNESCO, 2002, p.197-222.

PÁDUA, Elizabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa:** abordagem teórico-prática. Campinas, SP : Papirus, 2007

PEDROSA, Jasson Matias. **Violência, mídia e juventude:** análise sobre o discurso adotado pelo jornalismo impresso sobre a realidade violenta de jovens da periferia da cidade de Natal. 2008. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal (RN), 2008. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1977. Acesso em: 14 fev. 2011

PEREIRA, Ariane Carla; MACEDO, Márcio; HEINZ, Norbert. **A Amazônia, uma capa, um anúncio e três leituras.** In: Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul, 10. 2009, Blumenau (SC). *ANAIS* [eletrônicos]. São Paulo: Intercom, 2009. CD-ROM. **Disponível em:** <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/index.htm>. Acesso em: 18 fev. 2011.

PEREIRA, Maria de Fátima Rodrigues. **Dois sentidos para a educação na década de 1980: democracia e cidadania/ implicações históricas.** In: HISTEDBR, 2006, Campinas. Navegando na História da Educação Brasileira. Campinas, 2006. v. 1. p. 1-29. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Maria_de_Fatima_Rodrigues_Per_eira_artigo.pdf. Acesso em 12/01/2012.

PINTO, Carmem Lucia Lascano; FONSECA, Denise Grosso da. **A (In) Disciplina Escolar:** impactos sobre a formação docente. GT: Formação de Professores / n. 08 CNPq, UNISINOS. Disponível em: < <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/posteres/GT08-1887--Int.pdf>>. Acesso em: 15 de nov. 2009.

PERUZZOLO, Adair C.. **Estratégias sob a imagem.** In: Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 14. 2001. Campo Grande (MS). *ANAIS* [eletrônicos]. São Paulo: Intercom, 2001, v. 24. p. 10-24. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP8PERUZZOLO.PDF> Acesso em: 18 fev. 2011

PIRES, Cecília. **A violência no Brasil.** São Paulo: Moderna, 1985.

PONTES, Reinaldo Nobre. Violência nas escolas. In: _____. **Relações sociais e violência nas escolas**. Belém (PA): Unama, 2007.

RAMALHO, Viviane Cristina Vieira Sebba. **O discurso da imprensa brasileira sobre a invasão anglo-saxônica ao Iraque**. 2005. 194 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília. Brasília, 2005. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br; http://bdtd.bce.unb.br/teDESimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2297](http://bdtd.ibict.br;http://bdtd.bce.unb.br/teDESimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2297). Acesso em: 14 fev. 2011

RANGEL-S, Maria Lígia. **Epidemia e Mídia**: sentidos construídos em narrativas jornalísticas. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, v. 12, n. 2, p. 5-17, jul.-dez.2003. **Disponível em**: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v12n2/02.pdf> Acesso em: 18 fev. 2011

RIBEIRO, Tatiana W.; PERGHER, Nicolau K.; TOROSSIAN, Sandra D.. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 421-430, 1998. **Disponível em**: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721998000300003&script=sci_arttext. Acesso em: 18 fev. 2011

ROCHA, Cristianne Maria Famer. **A escola na mídia**: entre inovações e controles. Educação Temática Digital, Campinas, v.9, n. esp., p.126-148, out. 2008 – ISSN: 1676-2592 126. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6351/000484351.pdf?sequence=1>. Acesso 21 jan. 2012.

ROCQUE, Carlos. Grande Enciclopédia da Amazônia. v. 4.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **A Comunicação Social** - Noção, História, Linguagem. Lisboa: Editorial Vega, 1980.

RUOTTI, Caren. **Violência em meio escolar**: fatos e representações na produção da realidade. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.1, p. 339-355, jan./abr. 2010. Disponível em:

SÁ-SILVA. Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental**: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I - Número I - Julho de 2009. Disponível em: <https://: www.rbhcs.com > ISSN: 2175-3423.

SANTOS, Sidnay Fernandes dos. **Dizeres sobre corrupção na mídia impressa brasileira**: uma leitura discursiva. 2010. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. **Disponível em**: http://www.bdtd.ufscar.br/htdocs/teDESimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3168 Acesso em: 14 fev. 2011

SANTOS, Marko Alexandre Lisboa dos; NEVES, Aniceh Farah; NASCIMENTO, Roberto Alcarria do. **Simetrias na impressão offset**. Revista Graphica, Curitiba (PR), 2007. Disponível em: http://www.degraf.ufpr.br/artigos_graphica/SIMETRIAS.pdf. Acesso em: 16 de mai. 2012.

SCHILLING, Flávia. **Indisciplina, violência e o desafio dos Direitos Humanos nas escolas.** Programa ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <
http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/10_schilling.pdf>. Acesso em: 18 de jul. de 2008.

SERRA, Giani Moliari Amaral; SANTOS, Elizabeth Moreira dos. **Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito.** *Ciência e Saúde Coletiva*, São Paulo, v. 8, n.3, p. 691-701, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n3/17450.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2011

SERRA, Sônia. **Relendo o "gatekeeper":** notas sobre condicionantes do jornalismo. *Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura*. Salvador, v. 2, n. 1, p. 93-113, jan.-jun.2004. Disponível em:
<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/download/3431/2499>
 Acesso em: 18 fev. 2011.

SILVA, Cassandra Ribeiro de O. e. **Metodologia e Organização do Projeto de Pesquisa.** Ceará: CFET, 2004.

SILVA, Edna Lúcia da. e MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação.** Florianópolis: UFSC, 2001.

SILVA, Luciano Alfonso da. **Personalização como estratégia discursiva do jornalismo: o caso da Fundação Iberê Camargo.** 2010. 174 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS), 2010. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24668>. Acesso em: 14 fev. 2011

SILVA, Edson. **O papel da mídia no enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes.** Disponível em: http://www.caminhos.ufms.br/html/artigo_edson_silva.pdf. Acesso 21 jan. 2012.

SILVA, M. A. da. **Anos 80:** da transição com “abertura”, mas sem ruptura, do governo burocrático autoritário para o civil. Navegando pela História da Educação Brasileira. CAMPINAS: Graf.FE: HISTEDBR, 2006. Disponível em:
http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_067.html Acesso em 12/01/2012.

SILVA, Luciana Soares da. **A metáfora conceptual na construção do discurso jornalístico.** 2008. 149 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>;
http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7714. Acesso em: 14 fev. 2011

SILVA, Luciana Kraemer. **Entre o público e o privado:** interpretações sobre histórias de abuso sexual em narrativas jornalísticas. 2008. 225f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre (RS): PUC-RS, 2008. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1563
 Acesso em: 18 fev. 2011

SILVA, Luiz Martins. **Por que a imprensa erra?** 100 casos e algumas hipóteses. In: Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 10. 2001. Brasília. ANAIS [eletrônicos]. Compós, 2001. Disponível em: <http://www.compos.org.br>; http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1223.pdf Acesso em: 18 fev. 2011

SILVA, Maria da Conceição Fonseca. **Memória discursiva, mídia e efeitos de sentido da corrupção no Brasil.** In: Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (Abralín), 7. 2011, Curitiba. ANAIS [eletrônicos]. Curitiba (PR): ABRALIN, 2011, p. 2949-2956. CD-ROM. Disponível em: http://www.abralin.org/abralin11_cdrom/artigos/Maria_da_Conceicao_Fonseca_Silva_1.PDF Acesso em: 18 fev. 2011

SILVA, Maria do Carmo Soares Costa. **Inclusão e deficiência: em busca das representações sociais na mídia impressa em Natal/RN.** 2007. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal (RN), 2007. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://bdtd.bczm.ufrn.br/tezesimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1195. Acesso em: 14 fev. 2011

SILVA, Márcia Pinheiro da. **Regularidades discursivas enquadradas nas primeiras páginas dos jornais: “O Diário” e “Hoje Maringá”.** Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá (PR), 2008. Disponível em: Em <http://www.gepomi.com.br/producoes-academicas/resumo/8>. Acesso em: 18 fev. 2011

SILVA, Simone Bueno da. **A construção do corpo na mídia semanal.** 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5816. Acesso em: 14 fev. 2011

SILVEIRA, Juliana da; PASSETTI, Maria Célia Cortez. **Efeitos de (Im)parcialidade em Manchetes de Jornais Maringaenses, nas eleições municipais de 2004.** In: FERNANDES, Cleudemar Alves Fernandes... [et al.]. (Org.). **Análise do discurso: perspectivas.** Uberlândia (MG): EDUFU, 2007, p. 544-555.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa.** Letras Contemporâneas, 2002.

SOUZA, Andrea Carolina Veras Oliveira Pereira de. **Violência, mídia e velhice: o idoso nas páginas policiais de Pernambuco.** 2009. 88f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=10507. Acesso em: 14 fev. 2011

SOARES, A. M. de C. **Violência e jovens empobrecidos.** In: XI Congresso Brasileiro de Sociologia, 2003, Campinas/SP. Violência e Jovens empobrecidos, 2003. Disponível em: http://www.contatosociologico.crh.ufba.br/site_artigos_pdf/Viol%C3%AanciaCrimeeJovensEmpobrecidos.pdf. Acesso em 14 mar. 2012.

SOUZA, J. B. **O discurso midiático no fogo cruzado entre grupos transgressores organizados e equipes de segurança nacional: balas perdidas ou tiros certos?** 2008. 110 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande (MS), 2008. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>. Acesso em: 14 fev. 2011

SOUZA, Lillian Bento de. **A cobertura do caso Calabresi na mídia impressa e o conflito entre o infante exposto e o sujeito de direitos.** 2009. 208 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>; http://bdtd.ufg.br/tesdesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1230. Acesso em: 14 fev. 2011

SPOSITO, Marília P. **A Instituição Escolar e A Violência.** Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 104, p. 58-75, 1998. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/iea/textos/spositoescolaeviolenca.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2011.

_____. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil.** Educ Pesq, São Paulo, v. 27, n. 1, June 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso 18 fev. 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. **A Instituição Escolar e a Violência.** Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Cad. de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. São Paulo, n. 1, jul 1981. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/artigos>>. Acesso em: 15 de nov. de 2009.

SWAIN, Tania Navarro. **Feminismo e recortes do tempo presente.** São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 67-81, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a10v15n3.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2011

TAMANINI-ADAMES, F. A. J. T. **Análise polifônica de estereótipos na mídia: uma nova identidade para a mulher na maturidade?** 2010. 214 f., Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2010. Disponível em: <<http://www.bdtd.ibict.br>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2011.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO, Maria do Rosário Silveira. **Violência, insegurança e imaginário do medo.** Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 47, Dec. 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000400005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 Mar 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000400005>.

TOMITA, Nilce Emy; PADULA, Niura Aparecida de M. R. **Intoxicação por chumbo em crianças e o discurso da imprensa.** Ciência e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 10, n. Suplem., p. 561-569, set./dez.2005. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1413-81232005000500014&script=sci_arttext Acesso em: 18 fev. 2011

TRAQUINA, Nelson. **Quem vigia o “quarto poder”?** In: X Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 9. 2000. Porto

Alegre (RS). ANAIS [eletrônicos]. Compós, 2000. Disponível em: http://www.compos.org.br/http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1431.pdf. Acesso em: 18 fev. 2011

TRINDADE, Kelly Alessandra. **Mecanismos discursivos e a representação da feminilidade e espiritualidade em artigos da revista Claudia**. 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br;> http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5529. Acesso em: 14 fev. 2011

VIEIRA, Suellen; PEREIRA, Ariane Carla. **Inclusão Social através do jornal: o discurso da deficiência e as deficiências do discurso**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 23. 2010, Caxias do Sul (RS). ANAIS [eletrônicos]. São Paulo: Intercom, 2010. CD-ROM. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1084-1.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2011

WANDSCHEER, Lisiane. **Análise da cobertura jornalística do crime organizado nos jornais Folha de São Paulo e O Globo com base no jornalismo para a paz**. 2008. 160 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br;> http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1348. Acesso em: 14 fev. 2011

WERTHEIN, Jorge. **Apresentação**. In: ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Violência na escola: América Latina e Caribe** – Brasília: UNESCO, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

XAVIER, Mário J. Brasil. **A violência das gangues' nas escolas: uma análise em torno da subjetividade dos envolvidos em dois ambientes escolares de Belém**. Disponível em:

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. **Violência extra e intramuros**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 16 N^o 45, fevereiro/2001. Disponível em:

ZANON, Leonardo Cordeiro. **Mídia e discurso: um estudo do discurso da veja sobre o funk carioca**. 2009. 108f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo (SP), 2009. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br;> http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2043. Acesso em: 14 fev. 2011

APÊNDICE A - Inventário dos achados Jornalísticos

ANO: 2001

Data/Ano	Título da matéria	Tipo de Violência	Bairro/Escola	Descrição Linhas Gerais
16/jan/01	Professor tenta aliciar alunas Ele prometia notas boas em Física àquelas que aceitassem ir para o motel com ele	Violência Escolar Endógena (Assédio: professor/alunas)	Bairro do Marco Colégio Cordeiro de Farias (anexo do Colégio Lauro Sodré)	Proposta do professor de passar as alunas sob a condição de estas o acompanharem ao motel
07/fev/01	Responda que droga é essa	Abordagem de Conteúdo	Não aparece	Referente a uma pesquisa realizada em escolas da rede municipal de ensino, pelo Conselho Municipal de Entorpecentes; relaciona o uso de drogas entre estudantes como causa de atos infracionais e violentos, muito embora não trate de violência escolar explicitamente.
17/fev/01	Escola Bosque está sendo sucateada	Violência Institucional	Distrito de Outeiro	Trata das péssimas condições físicas e de ensino sob as quais a escola estaria sendo submetida
27/abr/01	Capa: Estudante de 14 anos leva tiro dentro da sala de aula Baleado na sala de aula	Violência Escolar Exógena	Escola Estadual Pedro Amazonas Pedroso	Exposição de um caso de baleamento: ex-aluno contra aluno dentro da escola. Não relaciona diretamente a questão da violência escolar.
28/abr/01	Um revólver para assustar a colega Colégios contra os detectores Seduc transfere aluno baleado	Violência Escolar Endógena	Escola Estadual Pedro Amazonas Pedroso	Trata do baleamento por arma de fogo na escola. Aborda a situação em si, muito embora aproveite para tratar de outras situações que também são atendidas pela Cipoe. Mas, nesta peça não trata explicitamente o caso como violência escolar.
03/mai/01	Colégio silencia e polícia torce para que estudante dê a pista	Violência Escolar Endógena	Colégio Estadual Pedro Amazonas Pedroso	A matéria trata da remissão ao fato e o não comparecimento do diretor da escola para prestar depoimento na delegacia
04/mai/01	Tiro na frente de escola causa pânico	Violência Escolar Exógena	Bairro do Jurunas Escola Estadual Camilo Salgado	Baleamento entre alunos na escola
07/mai/01	Alunos do "Pedro Amazonas" promovem	Abordagem de	Colégio Estadual Pedro	Campanha contra violência escolar para

	campanha pela paz	Conteúdo/Ação contra a violência	Amazonas Pedroso	melhorar a imagem da escola "estigmatizada" como tendo alunos violentos
22/mai/01	Violência nas escolas	Abordagem de Conteúdo (Editorial)	Não aparece	Trata de explicitações sobre o assunto.
02/jun/01	Alunos fazem protesto por convênio com Seduc	Violência Institucional	Escola Estadual de Ensino Fundamental Santo Afonso	Padre não quer renovar convênio com a Seduc o que obriga a mudança de prédio dos alunos que estudavam nesse espaço da paróquia, com o que os alunos não concordam.
02/jun/01	Pedro Pedroso barra atrasados	Violência Institucional	Colégio Estadual Pedro Amazonas Pedroso	Alunos que chegam atrasados não entram na escola, são mandados embora/ agressão por parte dos funcionários e ou alunos.
13/jun/01	Alunos cobram aula em Mosqueiro	Violência Institucional	Distrito de Mosqueiro Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Honorato Figueiras	Reivindicação dos alunos por melhores condições de ensino/falta de professores/cancelamento de aulas
22/jun/01	Menina desaparece na saída da escola e família se desespera	Violência Escolar Exógena	Bairro de Nazaré Colégio Santa Catarina de Sena	Criança some da porta da escola; aponta algumas circunstâncias do ocorrido numa breve nota.
24/jun/01	Escolas aprovam alunos analfabetos	Violência Institucional	Bairro do Tenoné Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Palmira Gabriel	Matéria sobre o Projeto de aceleração, que aprovaria os alunos mesmo sem condições para "fugir dos altos índices de repetência".
31/ago/01	Alunos querem pólo esportivo	Violência Institucional	Bairro do Marco Escola Estadual Augusto Meira	A Seduc teria tomado a administração do pólo esportivo dessa escola, cerceando a sua utilização apenas num dia da semana, com o que os alunos não concordam.
22/set/01	Alunos sem aula interditam BR Engarrafamento de três quilômetros e desmaio	Violência Institucional	Escola de Ensino Médio Antônio Fajardo	Escola interditada pelos bombeiros deixará os alunos sem aula/por isso a manifestação frente à Seduc na BR
11/out/01	Capa: Aluno atira no colega em frente ao colégio Alunos brigam e um sai baleado	Violência Escolar Endógena (física/Porte de arma de fogo)	Bairro do Telégrafo Escola Técnica Estadual	Briga em frente à escola e baleamento de um dos envolvidos Apresentação do ocorrido.
17/out/01	Uso de drogas por estudantes motiva campanha preventiva	Violência Escolar Exógena	Escolas públicas e particulares, tratadas de maneira geral.	O consumo de drogas entre estudantes, nos arredores das escolas e até mesmo nas suas dependências.
30/out/01	Capa: Pará é campeão em registros de violência contra aluno e professor	Abordagem de Conteúdo	Escolas públicas e particulares, tratadas de maneira geral.	Apresentação dos resultados de uma pesquisa da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE). Um

	Pará é Campeão da violência nas escolas		Cidade Velha Cremação Nazaré Fátima São Braz	diagnóstico das condições em que os alunos estudam.
	Professores e funcionários responderam aos questionários			
	Rede pública têm mais vítimas			
14/nov/01	Seduc diz que participação reduz índices de violência escolar	Abordagem de Conteúdo (ação contra violência)	Escola Estadual Vilhena Alves	Apresentação de projetos interventivos à situação de violência nas escolas, e a presença da família como fator favorável ao melhoramento desse quadro.
15/nov/01	O contexto da violência	Abordagem de Conteúdo (editorial)	Não aparece	Remissão à pesquisa do CNTE, e compreensão do que seria a violência escolar.

ANO: 2002

Data/Ano	Título da matéria	Tipo de Violência	Bairro/Escola	Descrição Linhas Gerais
26/jan/02	Criança de 7 anos é sequestrada da porta da escola A sequestradora, parente da família da menina, foi presa horas depois, quando pedia R\$ 40 mil de resgate	Violência Escolar Exógena (Sequestro)	Bairro de Nazaré Colégio Gentil Bittencourt	Explicações sobre o acontecido e a prisão da sequestradora.
27/jan/02	Colégio deve reforçar a segurança depois que aluna foi sequestrada	Violência Escolar Exógena (Sequestro)	Bairro de Nazaré Colégio Gentil Bittencourt	Amiga da família sequestra criança dessa escola.
20/mar/02	Bandido invade escola, assalta e faz reféns	Violência escolar exógena	Bairro da Cremação Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Mário Chermont	Invasão por externos, e roubo de escolares.
07/abr/02	CAPA: Gangues, armas e drogas se alastram nas escolas Violência impõe o medo ao cotidiano das escolas Alunos são fonte de desgosto para 46% dos funcionários Belém e Manaus são as duas capitais do Norte	Abordagem de conteúdo	Escola Estadual Souza Franco	Pormenoriza a pesquisa da UNESCO nas suas descobertas acerca da violência escolar em Belém

incluídas no relatório				
09/abr/02	Seduc faz ressalvas à pesquisa sobre insegurança	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Avaliação da Seduc e do Sintep sobre o relatório da UNESCO.
10/abr/02	Violência nas escolas tem baixo registro	Abordagem de conteúdo	Augusto Meira Deodoro de Mendonça João Farias de Lima Avenida Nazaré Bairro de São Brás Conjunto Satélite	Relações entre o relatório da UNESCO sobre a ocorrência de violência escolar e a avaliação da polícia a respeito.
14/abr/02	Alunos, professores e funcionários de escola na Cabanagem são reféns do medo	Violência Escolar Exógena	Bairro da Cabanagem Escola João Carlos Batista	A violência sofrida pela escola e seus integrantes mediante a situação de insegurança do bairro.
18/abr/02	Violência em escola de Canudos	Abordagem de Conteúdo	Bairro de Canudos Escola de 1º Grau Augusto Olímpio	Trata de denúncia e reflexões acerca da atual condição de uma escola no bairro de Canudos, que segundo o leitor é de uma realidade de violência.
20/abr/02	CAPA: Vigilante é executado por assaltantes na escola	Violência Escolar Exógena (fatal)	Escola Municipal Antônio de Carvalho Brasil	O vigilante noturno que fazia ronda no espaço da escola foi assaltado e morto.
	Assaltantes matam vigilante dentro de escola			
28/jun/02	Escola mete medo em aluno	Violência escolar endógena	Escola Estadual de Ensino fundamental Barão do Rio Branco	Trata da denúncia de uma mãe a respeito de maus tratos e humilhação imputados pela professora ao seu filho, na escola.
18/ago/02	Modelo de escola atual não atrai adolescente	Violência Institucional	Escolas em geral	Trata do modelo de tradicional de ensino que precisa ser revisto pelas escolas, para que atenda às necessidades e anseios de desenvolvimento e prazer dos alunos Para além de todas as dificuldades que o aluno, sobretudo de baixa renda, enfrenta para estar na escola, esta ainda se mostra desinteressante.
	Colégio abre as portas para a comunidade e traz alunos de volta à sala de aula			
	O que é tradicional tem que ser revisto			
07/nov/02	Pais procuram estudante que está sumida desde terça-feira	Violência Escolar Endógena (Briga com professora)	Bairro de Val-de-Cães Escola Almirante Gillobel	A adolescente discutiu com uma professora o que a deixou suspensa perdendo o período de provas, sem comunicar aos pais/ quando a mãe toma conhecimento do fato indo à escola/ aluna

foge da condução que tomaram na volta para casa.

ANO: 2003

Data/Ano	Título da matéria	Tipo de Violência	Bairro/Escola	Descrição Linhas Gerais
05/jan/03	Capa: Crianças especiais não têm vagas nas escolas Crianças especiais sofrem com discriminação Ato da matrícula pode virar maratona Prática do ensino inclusivo ainda é um desafio para as escolas particulares	Violência Institucional	Não aparece	Escolas particulares não aceitam crianças com necessidades especiais.
08/jan/03	Gangue aterroriza escola na Pedreira	Violência Escolar Exógena	Bairro da Pedreira Escola Estadual Dr. Justo Chermont	Escola é invadida por integrante de gangue que perseguia um jovem que adentrou a escola.
05/abr/03	Paulino de Brito não tem professores	Violência Institucional	Escola Estadual Paulino de Brito	Ausência de professores para certas disciplinas/ alunos protestam.
11/abr/03	Capa: Estudantes fecham rua para exigir professores Alunos do Instituto de Educação fecham rua por falta de professor	Violência Institucional	Instituto de Educação do Estado do Pará (IEP)	Alunos protestam contra a falta de professores e aulas em certas disciplinas.
14/abr/03	Capa: Falta de professores atrasa o calendário Falta de professores trava aulas na rede pública	Violência Institucional	Escola Estadual Paulino de Brito Instituto de Educação do Pará (IEP)	Falta de professores levam a atraso no calendário escolar/ alunos protestam
06/mai/03	Alunos protestam contra falta de docentes em escola	Violência Institucional	Distrito de Mosqueiro Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Honorato Figueiras	Caminhada para protestar contra a paralisação das aulas nessa escola por falta de professores.

29/mai/03	Estudantes fecham avenida e cobram escola para estudar	Violência Institucional	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Tiradentes II	Mais de mil alunos da escola e professores protestam para ficarem sem a escola que é alugada, e cujo aluguel está em atraso pela Seduc.
29/mai/03	Estudantes desaparecem na saída da escola no Tapanã	Violência Escolar Endógena (Desaparecimento da porta da escola)	Bairro do Tapanã Escola de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Carmo	Tendo um dos garotos sendo repreendido pela diretora da escola que exigiu a presença de um responsável, os dois não retornaram mais para casa.
02/jun/03	Professora acusa diretora de escola de vender identidade para estudante	Violência Institucional	Escola Estadual de Ensino Fundamental "Professor Santa Marques"	Diretora acusada de cobrar pela carteirinha de identificação dos alunos na escola.
10/jun/03	Protesto fecha o trânsito na José Malcher Estudantes da Deodoro de Mendonça reclamaram das condições a escola	Violência Institucional	Escola Estadual Deodoro de Mendonça	Protesto pelas péssimas condições de funcionamento da escola.
10/jun/03	Capa: Alunos do Deodoro fecham José Malcher Protesto fecha o trânsito na José Malcher	Violência Institucional	Escola Estadual Deodoro de Mendonça	Protesto contra interrupção de obras, dada as más condições da escola segundo os alunos.
20/jun/03	Capa: Professor é acusado de abusador de surdo-mudo Pais denunciam abuso sexual de filho surdo-mudo por professor	Violência Escolar endógena	Bairro de São Brás Escola Especializada	Suspeita de abuso sexual de uma criança com necessidade especial, no ambiente escolar por um professor.
07/ago/03	Violência reduz nível de aprendizado	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Palestra de pesquisador aborda tipos de violência escolar.
18/out/03	Capa: Terra Firme Escola leva planos de paz às ruas Escola Estadual faz caminhada em Belém para pedir o fim da violência	Abordagem de Conteúdo/ação contra a violência	Bairro da Terra Firme Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle	Projeto de enfrentamento à violência na escola premiado pela UNESCO.
05/nov/03	Escola fica sem luz e sem aula no Tapanã	Violência Institucional	Bairro do Tapanã Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Sérgio Cancela	O não pagamento das contas de água e luz da escola pela SEDUC culminou no corte e na impossibilidade de ter-se aula.
28/nov/03	Capa: Pará tem arma contra violência nas escolas Observatório deve propor soluções para	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Lançamento do Observatório de violência nas escolas em Belém.

combater violência nas escolas

01/dez/03	Pesquisa mostra a violência nas escolas	Abordagem de conteúdo	Não aparece	O perfil da violência escola em Belém a partir de uma pesquisa da UNESCO.
-----------	---	-----------------------	-------------	---

ANO: 2004

Data/Ano	Título da matéria	Tipo de Violência	Bairro/Escola	Descrição Linhas Gerais
11/fev/04	Violência fecha escola na terra firme Mudança de bairro deixa as mães das crianças revoltadas	Violência Escolar Exógena	Bairro da Terra Firme Escola Nuremberg Borja	A escola fecha em virtude da insegurança nos arredores.
21/fev/04	Pai de aluno e escola trocam acusações sobre certificado	Violência Institucional	Escola Estadual Maestro Waldemar Henrique	Pai não consegue matricular filho noutra escola porque a anterior não entrega o certificado de conclusão do ensino fundamental.
24/fev/04	Curso de mestrado aborda o tema da violência nas escolas	Abordagem de Conteúdo	Não aparece	Mestrado em serviço social promove minicurso.
13/mar/04	Alunos de duas escolas estão sem aula	Violência Institucional	Vilhena Alves/Paes de Carvalho	Alunos sem aula por que não tem professor lotado para as disciplinas nessas escolas.
14/abr/04	Aulas em escolas da CDP são retomadas	Violência Inter-relacional Exógena (confronto entre gangues)	Antônio Moreira Júnior/Rui Paranatinga Barata	Aulas paralisadas porque alunos da escola são integrantes de gangues rivais.
03/mai/04	Humilhações aumentam violência nas escolas Hospital desenvolve tratamento especializado em vários tipos de transtorno Apelido é tipo mais comum de abuso	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Trata do <i>bullying</i> enquanto tipo de violência escolar.
04/mai/04	<i>Lan Houses</i> não podem receber alunos fardados Proprietários garantem que alunos fardados não entram	Violência Escolar Exógena	Colégio Nossa Senhora de Nazaré	Alunos gazetam aula para ficar em <i>lan house</i> .

16/mai/04	Estudantes "matam" aula e consomem álcool nas praças Padres já não sabem a quem recorrer Bebidas viram o principal atrativo para grupos de jovens Educadores cobram ação das famílias Policia diz desconhecer as denúncias Traficantes assediam estudantes em plena praça pública Segup promete ofensiva contra venda de bebidas	Violência Escolar Exógena (consumo de drogas e cooptação do tráfico).	Orlando Bitar /Cearense	Alunos gazetam aulas para consumir drogas na praça expostos a cooptação de traficantes.
18/mai/04	Escola não oferece condições de ensino	Violência Institucional	Bairro da Terra Firme Escola Celso Malcher	Condições precárias da escola.
19/mai/04	Professores denunciam condições precárias	Violência Institucional	Bairro do Guamá Escola Estadual Barão do Igarapé-Miri.	Condições precárias da escola.
25/mai/04	Crianças ficam sem aula	Violência Institucional	Não aparece	Greve dos professores do município de Belém.
26/mai/04	Educadores tentam combater o racismo	Abordagem de Conteúdo/Ação contra a violência	Não aparece	Seduc realiza seminário para orientar educadores a lidarem com o racismo na escola.
26/mai/04	Alunos reclamam da água	Violência Institucional	Escola Estadual Jarbas Passarinho	Condições precárias da escola (más condições da água)
27/mai/04	Jovens armados rondavam colégio em Icoaraci	Violência Escolar Exógena	Distrito de Icoaraci Colégio Serra Freire	Dois adolescentes armados rondavam escola.
13/ago/04	Presos ladrões que roubaram escola municipal	Violência Escolar Exógena	Bairro da Cabanagem	Assalto à escola.

05/set/04	Confronto entre grupos de estudantes pode ser fruto de infiltração nas escolas	Violência Escolar Exógena	Paes de Carvalho/ Visconde de Souza Franco e IEP	Confronto violento em ter estudantes durante o desfile do dia da raça.
	Alunos temem a rivalidade escolar			
09/set/04	Polícia vai vigiar as escolas Escola "Brigadeiro Fontenelle" dá exemplo de superação no bairro da Terra Firme	Abordagem de Conteúdo/Ação contra a violência	Paes de Carvalho Visconde de Souza Franco IEP Bairro da Terra Firme Escola Brigadeiro Fontenelle	Seduc propõe policiamento e ações pedagógicas para o enfrentamento a violência nas escolas.
16/set/04	Gangues deixam escolas sem merenda Diretor da Seduc diz que escola dispõe de verba para construir grades Especialista diz que violência na escola é apenas reflexo da sociedade	Abordagem de Conteúdo	Bairro do Jurunas Escola de Ensino Fundamental e Médio Arthur Porto Escola Estadual Gonçalo Duarte Bairro da Cremação	Aborda o caso das gangues que levaram a merenda das escolas do bairro assim como aponta outros incidentes de violência escolar também como abordagem de conteúdo.
17/set/04	(título e parte da página rasgada)	Violência escolar exógena	Bairro do Jurunas Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Doutor Arthur Porto	Cont. Aborda o caso das gangues que levaram a merenda das escolas do bairro assim como aponta outros incidentes de violência escolar também como abordagem de conteúdo.
26/nov/04	Presos adolescentes que levavam arma para escola	Violência Escolar Exógena (porte de armas na escola)	Não aparece	Dois adolescentes pegos por policiais com arma numa escola.

ANO: 2005

Data/Ano	Título da matéria	Tipo de Violência	Bairro/Escola	Descrição Linhas Gerais
04/fev/05	Violência na escola espanta estudante	Abordagem de conteúdo	Bairro do Tenoné Escola Nossa Senhora do Guadalupe Conjunto Cordeiro de Farias Escola Aldebaro Klautau Bairro de Val-de-Cães Escola Municipal Ida	Ação de gangues é indicador para a escolha de uma escola para se matricular.

Oliveira				
05/mar/05	Vândalos saqueiam escola na cabanagem	Violência Escolar Exógena	Bairro da Cabanagem Escola Estadual de Ensino Fundamental Rainha dos Corações	Assalto à escola.
15/mar/05	Bombeiros fecham escola	Violência Institucional	Bairro da Sacramenta Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis de Jesus Barros Pereira	Más condições físicas da escola.
07/abr/05	Alunos padecem sem água	Violência Institucional	Instituto Álvares de Azevedo	Más condições estruturais interferindo no ensino e na saúde dos alunos: falta de água.
21/mai/05	Programa social quer o apoio das escolas para combater violência	Abordagem de Conteúdo/ Ação contra a violência	Não aparece	Apresenta os responsáveis pela iniciativa (o governo).
02/jun/05	Pais de alunos pedem vistoria em prédio onde funciona escola	Violência Institucional	Bairro do Tapanã Escola Estadual de Ensino Fundamental Américo Souza	Solicitação ao bombeiro de vistoria no prédio da escola por conta da deterioração da infraestrutura do prédio.
10/jun/05	Seduc promete vigilância em escola sem segurança	Violência Escolar Exógena	Augusto Meira	Apresentação de casos ocorridos no entorno da escola e providências assumidas pela Seduc
23/set/05	Briga entre alunos de escolas públicas	Violência Escolar Exógena	Lauro Sodré Visconde de Souza Franco	Briga de alunos, integrantes de gangues rivais
29/out/05	VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS Especialistas apresentam soluções para o problema	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Nota sobre o Congresso Ibero-Americano sobre violência nas escolas.
04/nov/05	Alunos da Santa Maria de Belém interditam rua durante protesto	Violência Institucional	Bairro Batista Campos Escola Estadual Santa Maria de Belém	Más condições físicas da escola
04/nov/05	Vandalismo é comum nas escolas públicas	Violência Escolar Endógena (vandalismo/aluno contra o patrimônio da escola)	Bairro da Pedreira Escola Estadual Justo Chermont	Más condições físicas da escola

ANO: 2006

Data/Ano	Título da matéria	Tipo de Violência	Bairro/Escola	Descrição Linhas Gerais
29/jan/06	Capa: Escola vira refém da violência e do medo Moradores vivem reféns da violência Falta de todo tipo de estrutura não desestimula diretora de escola municipal Insegurança é preocupação de todos Professores reconhecem alunos e ex-alunos em fotografia na delegacia	Violência Escolar Exógena	Bairro da Terra Firme Escola Parque Amazônia	A violência do bairro interferindo nas atividades da escola; apresenta episódios de invasão e ação de bandidos/tráfico na escola, e de violência entre os próprios alunos.
29/jan/06	Tráfico de drogas é feito abertamente	Violência Escolar Exógena (tráfico de drogas)	Bairro da Terra Firme Não menciona o nome da escola	O domínio do tráfico no bairro da Terra Firme inclusive sobre a escola.
04/fev/06	Escolas enfrentam problemas	Violência Institucional	Bairro de São Brás Escola Aníbal Duarte	Más condições físicas da escola e período de reforma concomitante ao das aulas.
15/mar/06	Protesto fecha a Almirante Barroso	Violência Institucional (Paralisação dos professores)	Souza Franco	Alunos protestam contra a secretária de Educação, por causa da paralisação que se dará.
21/mar/06	Chuva provoca alagamento em escola pública	Violência Institucional	Bairro da Terra Firme Escola Estadual Celso Malcher	Escola alaga no período de chuvas em Belém, inviabilizando as aulas.
02/mai/06	Capa: Pesquisa mostra que as escolas produzem sua própria violência Aluno agride professor	Abordagem de Conteúdo	Não aparece	Trata de um estudo realizado acerca da violência escolar.
22/mai/06	Capa: Gangues festejam como um gol o assassinato de rivais Escolas são o palco das gangues	Violência Escolar Exógena	Bairro do Tapanã Conjunto Jardim Primavera Escola Estadual Aldebaro Klautau	A situação de confronto entre gangues no bairro, e a utilização do espaço escolar como palco para essa rivalidade, já que são os alunos dessas instituições os

	Vingança leva jovem à gangue		Conjunto Parque União Escola Estadual Padre Francisco Berton	integrantes de gangues e ações que as escolas têm empreendido nesse enfrentamento.
	Escolas promovem ações para tentar diminuir violência			
24/mai/06	Escola Sitiada	Abordagem de Conteúdo (editorial)	Não aparece	Remissiva ao quadro de rivalidade entre gangues nas escolas do Tapanã.
25/mai/06	Escola invadida pede socorro em passeata	Violência Escolar Exógena	Bairro do Guamá Escola "Frei Daniel" Barão de Igarapé-Miri Ruth Rosita Celina Anglada	Assaltos e invasões sofridas pela escola.
	Comunidade faz ato público contra violência que ameaça a "Frei Daniel"			
26/mai/06	Outra escola é invadida por assaltantes	Violência Escolar Exógena	Bairro do Marco Colégio Estadual Domingos Acatauassu Nunes Bairro do Guamá Escola Estadual de Ensino Fundamental "Frei Daniel" Escola Professora Celine Angladas Escola Zacharias de Assumpção Escola Padre Leandro Pinheiro Escola Barão de Igarapé Miri	Ocorrências de invasão às escolas realizadas por seus próprios alunos; manifestações de pedido de intervenção junto a SEDUC; e o posicionamento da secretaria.
	Armado de facas, bando invade e furta escola			
	Estudantes do Guamá pedem fim da violência			
	Seduc articula ações para reforçar a segurança			
28/mai/06	Capa: Medo e arma na rotina colegial	Abordagem de Conteúdo	Não aparece	Diagnóstico da violência escola realizado por estudo.
	Armados e perigosos nas escolas			
	Violência começa com a falta de investimentos			
16/jul/06	Juventude e infração: entre educar e punir	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Discute como se percebe a juventude de forma negativa no Brasil e melhores formas de encarar os jovens infratores.
05/ago/06	Ladrão atira em mãe de estudante em frente à escola e causa pânico	Violência Escolar exógena	Bairro de Nazaré Colégio Gentil Bittencourt	Mãe de aluno assaltada no estacionamento da escola.

30/ago/06	Capa: Escola faz convênio, mas barra aluno pobre Escola quebra acordo com Seduc e barra aluno pobre	Violência institucional	Escola Cooperativa Nossa Escola	Denúncia contra escola que uma vez em convênio com a secretaria não aceita a entrada de alunos pobres (da Ulisses Guimarães).
02/set/06	Estudante da "Santa Marques" espera por professor de Matemática	Violência Institucional	Escola Estadual "Santa Marques"	Denúncia da escola sem aulas de matemática há mais de um mês.
26/set/06	Pais de alunos pedem segurança para Jarbas Passarinho	Violência Escolar Endógena	Bairro do Marco Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jarbas Passarinho	Trata de episódios de violência entre alunos e a intervenção da Cipoe.
02/out/06	Gangues de escola implantam terror Sociólogo diz que escola também deve fazer seu papel e atrair alunos PM confirma que envolvidos em confronto pertencem à rede estadual	Violência Escolar Exógena	Colégio Estadual Lauro Sodré Paes de Carvalho Instituto de Educação do Pará Souza Franco Pedro Amazonas Pedroso	Apresenta casos de confronto entre alunos integrantes de gangue; explicações sobre as ocorrências pelos estudiosos do observatório de violência nas escolas; e o posicionamento da polícia militar acerca da questão.
24/out/06	Professora é assaltada e espancada por um ex-aluno	Violência Escolar exógena	Colégio Pedro Celestino	Professora assaltada por ex-aluno na saída do trabalho.
11/nov/06	Aluno detido com arma na escola	Violência Escolar Endógena	Bairro da Pedreira Colégio Americano do Sul	Aluno com porte de arma na escola; e outras ocorrências protagonizadas por alunos: brigas, confusões, ameaça e intimidação a professores; sentimento de insegurança.
22/nov/06	Escolas de Violência	Abordagem de Conteúdo (editorial)	Não aparece	Reflexões sobre essa realidade da escola: a violência.
22/nov/06	Sala de aula é front contra as drogas	Abordagem de Conteúdo/Ação contra a violência	Não aparece	o papel dos professores junto a prevenção ao uso de drogas.
20/dez/06	Capa: Escola é território livre da violência em Belém Escolas de terror Consumo e tráfico de drogas são frequentes Alunos e professore querem mudar cenário	Abordagem de Conteúdo	Escola Clóvis Malcher Bairro da Terra Firme	Diagnóstico da violência escolar por estudo; e a realidade das escolas públicas de Belém.

ANO: 2007

Data/Ano	Título da matéria	Tipo de Violência	Bairro/Escola	Descrição Linhas Gerais
15/01/2007	Professores buscam a valorização	Violência Institucional	Professores da rede pública de ensino em geral	Sobre as difíceis condições de trabalho: formação continuada, relação com os alunos (muitas vezes difícil/falta de educação dos alunos e desrespeito/depredação do ambiente escolar), condições salariais, desvalorização social do magistério.
15/01/2007	Vinte mil professores têm lições antidrogas	Abordagem de Conteúdo/Ação contra a violência	Escolas públicas em geral	Ação do tráfico sobre os estudantes/capacitação de professores para a orientação dos alunos sobre os malefícios das drogas/ e a relação drogas e depredação da escola.
20/jan/07	Chuvas inundam escola Diretora da unidade garante que a Seduc vai solucionar os problemas	Violência Institucional	Bairro de São Brás Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Aníbal Duarte	Problemas na estrutura física da escola (infiltrações) retardam o início das aulas.
23/01/2007	Capa: Faltam professores e salas na volta às aulas Rede Estadual procura professores	Violência Institucional	Escolas Estaduais em geral	Cobrança sobre a SEDUC, por postergar intervenções necessárias a respeito de melhorias físicas em algumas escolas e lotação de professores o que adiará a volta às aulas na rede estadual.
13/fev/07	Escola é mais longe para ribeirão	Violência institucional	Bairro da Terra Firme Escola Estadual Mário Barbosa	O difícil deslocamento das crianças que moram nas ilhas próximas a Belém para terem acesso à escola.
16/fev/07	Escolas Invasadas por bandidos voltam a funcionar. A frequência caiu.	Violência Escolar Exógena	Bairro do Tapanã Escola Estadual Nossa Senhora do Carmo	Assalto á escola por um ex-aluno/humilharam um professor e outros alunos.

17/fev/07	A educação acuada	Abordagem de Conteúdo (editorial)	Remissiva_Bairro do Tapanã Escola Estadual Nossa Senhora do Carmo	Aborda o caso do assalto à escola no Tapanã, em relação à violência escolar e ações policiais.
17/fev/07	Insegurança afasta alunos dos estabelecimentos de ensino	Violência Escolar Exógena	Remissiva_ Bairro do Tapanã Escola Estadual Nossa Senhora do Carmo	Apresentação das informações sobre o caso do assalto na escola no Tapanã.
05/mar/07	Capa: Drogas apertam o cerco às escolas Cresce uso de drogas entre estudantes	Violência Escolar Exógena	Rede pública estadual e municipal de Belém	Resultado de pesquisa que revela alto índice de consumo de drogas entre estudantes.
06/mar/07	Escola assolada pela violência reabre	Violência Escolar Exógena	Bairro da Terra Firme Escola Parque Amazônia	Trata de vários episódios onde agentes externos submetem professores e alunos a situações violentas: assalto, ameaça, invasão.
09/mar/07	NPI cobra taxa ilegal	Violência Institucional	Bairro da Terra Firme Núcleo Pedagógico Integrado	Cobrança de taxa para inscrição em processo seletivo da instituição, no provimento das vagas de educação básica.
13/mar/07	Ulysses adia aulas e irrita pais e alunos	Violência Institucional	Escola de Ensino Fundamental e Médio Ulysses Guimarães	Postergação de reforma e adiamento do ano letivo concorrendo para o prejuízo da preparação dos alunos para o vestibular e atraso e ou inviabilidade do cumprimento dos 200 dias letivos.
14/mar/07	Escola da Pedreira disciplina entrada à noite por causa da violência	Violência Escolar Exógena	Bairro da Pedreira Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio "Rodrigues Pinagés"	Regras para o horário de entrada em decorrência dos assaltos e invasões já sofridas pela escola, pelos seus próprios alunos.
18/mar/07	Medo tira os professores da periferia Gestora defende que educadores troquem a perplexidade pela ação Heróis da resistência dizem que não desistem de enfrentar a violência	Abordagem de Conteúdo/Ação contra violência nas escolas	Bairro do Bengui Cidade de Emaús Terra Firme Parque Amazônia Mário Barbosa Gabriel Pimenta Brigadeiro Fontenelle Bairro do Guamá Frei Daniel Bairro da Cabanagem Cristo Redentor	Professores recusam lotação em "bairros violentos", a violência do bairro que afeta a escola; ações contra a violência.

			Bairro do Tapanã Francisco Berton Bairro (Canudos, Marco, Guamá, Barreiro, Mosqueiro) Escola Paes de Carvalho	
25/mar/07	Cem escolas em estado de emergência	Violência Institucional	Paes de Carvalho Souza Franco Orlando Bitar Lauro Sodré Deodoro de Mendonça Augusto Meira Frei Daniel Augusto Olímpio Fonte Viva Celso Malcher	Precariedade física das escolas e ausência de professores culmina em evasão escolar.
27/mar/07	Escola pede sinalização de trânsito	Violência Escolar Exógena	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Raymundo Montenegro Rodovia Augusto Montenegro	Pedido de sinalização de trânsito frente a escola em decorrência do perigo de acidentes e outras ocorrências já registradas.
31/mar/07	Assalto e terror em escola do Guamá	Violência Escolar Exógena	Escola Estadual Paulo Maranhão Bairro do Guamá	Assalto ocorrido na escola por pessoas uniformizadas e alguns suspeitos de serem alunos desse estabelecimento
18/abr/07	Escola vai ao fundo na Terra Firme	Violência Institucional	Escola Estadual Mário Barbosa Bairro da Terra Firme	Inundação da escola por falta de saneamento no bairro expõe alunos à contaminação e incidem na falta de aulas.
06/mai/07	Direção da escola recua, adia reforma e mantém as aulas normais	Violência institucional	Bairro da Sacramento Escola Comandante Klautau	Reforma paralisaria as aulas até agosto não fossem a reivindicação dos pais de alunos.
12/mai/07	Pai de aluna é ferido com tiro em frente ao colégio	Violência Escolar Exógena	Escola Infantil Bairro do Umarizal	Tentativa de assalto em frente à escola a um pai de aluno terminou no baleamento do mesmo, que reagiu.
15/mai/07	Direção de escola recua, adia reforma e mantém as aulas normais	Violência Institucional	Bairro da Sacramento Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Comandante Klautau	Postergação de reforma na escola inviabiliza aula.

23/mai/07	Escola suspende aulas e reclama da SEDUC	Violência Institucional	Bairro de Icoaraci Escola de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima II	Falta de infraestrutura física e de funcionários inviabilizando as aulas e ou funcionamento da escola.
04/jun/07	Professora diz que não tem apoio para desenvolver ações na escola	Violência Institucional	Não aparece	Apresenta o quanto a ação docente é limitada a depender da gestão da escola.
17/jun/07	Boa vontade move escolas comunitárias	Violência Escolar Exógena	Bairro da Pratinha II Escola Prof. Ida de Oliveira no bairro da Pratinha II	Assalto à escola.
21/jun/07	Professores desvalorizados e cotidiano violento: inimigos do ensino	Abordagem de Conteúdo	Não aparece	Relaciona a violência entre outros, como causa para o ensino-aprendizagem ruim no Estado.
26/jun/07	Drogas atraem crianças e adolescentes	Violência Escolar Exógena	Não aparece	Resultados de uma pesquisa com estudantes da rede municipal de Belém revelam alto índice de envolvimento de estudantes com drogas.
26/jun/07	Estudantes dizem que com apenas R\$ 1 dá para comprar maconha	Violência Escolar Exógena	Bairro do Marco Escola da rede pública	Estudantes afirmam sobre a facilidade de acesso às drogas.
27/jun/07	Preso por matar estudante	Violência Escolar Exógena	Distrito de Icoaraci Centro de Estudos de Icoaraci	Atropelamento de estudante.
03/jul/07	Escola Estadual vive situação de abandono	Violência Institucional	Bairro de Val-de-Cães Escola Estadual Presidente Castelo Branco	Falta de estrutura física e reclamações da incidência dessa, na saúde dos funcionários e alunos.
09/ago/07	Escola barra por uniforme incompleto	Violência institucional	Bairro Batista Campos Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio "Tiradentes"	Alunos impedidos de acessar a escola por estarem com uniforme incompleto.
24/ago/07	Bullying preocupa professor e alunos Participação da maioria dos pais na escola se restringe a reuniões Programas reforçam segurança e estimulam exemplos de superação Educadores precisam aprender a lidar com o	Abordagem de Conteúdo	Bairro da Terra Firme Escola Brigadeiro Fontenelle	Apontando o bullying como uma modalidade de violência que ocorre nas salas de aula e suas especificidades de ocorrência. Responsabilização dos pais mediante o problema e sugestões de medidas interventivas. Discute a formação docente para tratar questões de violência escolar em classe.

problema em sala de aula				
27/ago/07	Maior violação é negar escola e saúde aos jovens, afirma advogada	Violência Institucional	Não aparece	Trata principalmente da violência institucional (Estado contra adolescentes e crianças) ao negar o direito à educação.
29/ago/07	Alunos denunciam promessa de até cinco pontos em troca do desfile	Violência institucional	Não aparece	Denúncia contra professores da rede pública que prometem pontos em troca da participação no desfile do dia da raça.
23/set/07	Capa: Escola acuada pela droga Pesquisa desvenda violência nas escolas Ausência de equipes técnicas completas contribui para a insegurança Governo do Estado tem relatório em mãos para agir contra o problema	Abordagem de Conteúdo	Não aparece	Apresentação de um diagnóstico sobre a violência escolar nas escolas da rede pública, apontando causas e convocando ações governamentais de enfrentamento.
25/set/07	Violência psicológica afeta estudantes	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Ainda a respeito do estudo elaborado pelo observatório de violência nas escolas.
09/out/07	Estudante mata o porteiro da escola	Violência Escolar Endógena	Escola Estadual Hilda Vieira Bairro da Marambaia	Divergência entre aluno e vigia da escola acaba no baleamento e morte do vigia.
10/out/07	Comunidade escolar interdita rodovia	Violência Institucional	Bairro do Tapanã Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Guadalupe	Más condições físicas da escola levam a manifestação de alunos e professores.
23/out/07	Capa: Vândalos atacam escolas Reforma de carteiras custa mais de R\$ 1 mi ao governo Escola faz "obra" de vandalismo	Violência Escolar Endógena	Bairro da Sacramenta Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Santa Luzia	Expõe a violência contra o patrimônio escolar, feita pelos próprios estudantes como uma forma de violência escolar.
24/out/07	Vandalismo é comum nas escolas públicas "Camilo Salgado" adota medidas que mudam comportamento dos alunos	Violência Escolar Endógena	Não aparece	Situações de violência contra o patrimônio nas escolas.

28/out/07	Escola semeia preconceito contra gays Professores também sofrem discriminação	Violência institucional	Não aparece	Aponta resultados de uma pesquisa de um historiador, que aponta a escola como local de discriminação de homossexuais e de exclusão social.
28/nov/07	Especialista avaliam exclusão de alunos	Abordagem de Conteúdo	Não aparece	Estudo realizado pelo observatório aponta a discriminação de pessoas com necessidades especiais da escola como uma forma de violência escolar.
05/dez/07	Escolas tentam encontrar solução para violência	Abordagem de Conteúdo/Ação contra a violência	Não aparece	Ouvidoria da Seduc, a partir de queixas das escolas sobre violência escolar, pensa alternativas para o problema.
23/dez/07	A escola que expulsa	Violência Institucional	Não aparece	Trata das condições de vulnerabilidades sociais as quais os jovens são submetidos, sobretudo na escola, como causa da delinquência.

ANO: 2008

Data/Ano	Título da matéria	Tipo de Violência	Bairro/Escola	Descrição Linhas Gerais
12/abr/08	Educação vira refém da violência Comunidade escolar exige providência da Seduc para continuar aulas Professores querem segurança para voltar às salas de aula na Terra Firme	Violência Escolar Endógena Violência Escolar Exógena	Bairro da Marambaia Escola Estadual Hilda Vieira Bairro da Terra Firme Escola Municipal Estelina Valmont Parque Amazônia	Apresenta às condições internas e externas, de violência com as quais a escola tem de conviver.
27/abr/08	Aluno e professor são reféns em escola	Violência Escolar Exógena	Escolas da rede estadual em Belém Escola Estadual "Antônio Moreira Júnior" Bairro da Marambaia Hilda Vieira Terra Firme Escola Municipal Stelina Valmont Escola Municipal Parque	A insegurança nas escolas como pauta de reivindicação da greve dos professores.

			Amazônia	
			Escola Estadual Visconde de Souza Franco	
09/mai/08	Ladrões roubam escola pela 10ª vez	Violência Escolar Exógena	Rede estadual em Belém	Décimo assalto à escola em apenas seis meses.
18/jun/08	Jovem morta na escola	Violência Escolar Endógena (violência fatal)	Não aparece	Estudante mata outra a facadas na escola.
18/jun/08	Assassina diz que não era respeitada Pais da menina morta não falaram com imprensa. Tia está perplexa. Gestora afirma que crime foi “caso isolado” Escola fora da lista das mais violentas, diz major	Violência Escolar Endógena (violência fatal)	Escola Estadual Antônio Moreira	Exposição do ocorrido e motivos cont.
19/jun/08	Capa: Estudante diz que matou "por ódio" Edilene matou “movida pelo ódio” Violência simbólica e moral também amedronta escolas, aponta estudo Para deputada, crime em escola causa espanto	Abordagem de conteúdo	Bairro de Val-de-Cães Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Renato Pinheiro Conduru	Repercussão cont. Trata de outros tipos de violência além da física, que também fazem parte do cotidiano escolar.
19/jun/08	Revolta no adeus a Soraya Mãe pediu à escola para trocar filha de turno	Violência Escolar Endógena (violência fatal)	Não aparece	Repercussão cont.
20/jun/08	Estudantes estão assustados com furtos constantes dentro de escola	Violência Escolar Endógena (furtos)	Bairro da Marambaia	Trata do caso de furtos entre estudantes.
21/jun/08	A escola sob reflexos	Abordagem de conteúdo (editorial)	Não aparece	Discute a violência escolar como reflexo de outras instâncias sociais.
25/jun/08	Assaltante deixa escola em pânico Seis estudantes detidos após briga	Violência Escolar Exógena (Assalto)	Não aparece	Invasão e assalto à escola; Rixa entre alunos de escolas diferentes.
14/ago/08	Escola de Icoaraci faz protesto	Violência Institucional	Terra Firme	Reivindicação de melhores estruturas físicas da escola.

19/ago/08	Capa: Um estudante esfaqueia outro em frente a colégio Aluno esfaqueado na escola Violência escolar já registra dois assassinatos	Violência Escolar Endógena	Bairro de Val-de-Cães escola Renato Pinheiro, Bairro da Marambaia Escola Hilda Vieira Colégio Paes de Carvalho	Apresentação do acontecido/Retrospectiva de casos passados e falas de especialistas.
20/ago/08	Jovem esfaqueado está fora de perigo	Violência Escolar Endógena (violência fatal)	Não aparece	Repercussão cont.
25/ago/08	Mais um estudante baleado em Belém	Violência Escolar Exógena (assalto)	Escola Municipal Parque Amazônia	Assalto com luta corporal na saída da escola.
26/ago/08	Morte na saída da escola	Violência Escolar Exógena (violência fatal)	Não aparece	Assalto seguido de morte em frente à escola.
26/ago/08	Praça vira campo de batalha de alunos	Violência Escolar Exógena	Escola Estadual Visconde de Souza Franco	Rixa entre alunos de escolas diferentes.
27/ago/08	Alunos estão sem aula há dois meses	Violência Institucional	Não aparece	Más condições físicas e falta de professores.
27/ago/08	Alunos do Cordeiro de Farias protestam	Violência Institucional	Escola estadual Cordeiro de Farias	Protesto contra as más condições físicas da escola.
28/ago/08	Assassinos são ex-alunos da escola Em reunião, estudantes e professores cobram mais policiamento	Violência Escolar Exógena (violência fatal)	Bairro de São Brás Escola Estadual Augusto Meira	Assalto seguido de morte em frente à escola.
02/set/08	Capa: Escolas são reféns da insegurança na periferia Escolas vivem com medo da violência Jovem armado invade a “Castelo Branco” e causa pânico em alunos	Abordagem de conteúdo	Bairro da Terra Firme Mário Barbosa e Brigadeiro Fontenele Bairro do Jurunas Escola Estadual Caldeira Castelo Branco	As escolas com maior índice de casos de violência.
02/set/08	Tentativa de fuga leva pânico a escola	Violência Escolar Exógena	Bairro do Marco Escola Estadual Paulino de Brito	Adolescentes infratores fogem do espaço "crescer viver" ao lado da escola e alcançam o muro da instituição.
04/set/08	Aluno assalta o outro dentro da escola	Violência Escolar Endógena (assalto)	Bairro de Val-de-Cães Colégio “Moreira Júnior”	Um aluno assalta ao outro no pátio da escola.

04/set/08	Alvo de assaltantes pela décima vez, escola do conjunto Pedro Teixeira	Violência Escolar Exógena	Escola Estadual “Dilma Sousa Catete”	Assalto à escola
05/set/08	PM aumenta contingente nas escolas	Abordagem de Conteúdo/ Ação contra violência	Bairro de Val-de-Cães Escola Dilma Catete Escola Antônio Moreira Bairro da Terra Firme Escola Brigadeiro Fontenele	Ação policial contra a violência escolar.
06/set/08	Ministério Público denuncia jovem que matou colega em sala de aula	Violência Escolar Endógena (violência fatal)	Bairro de Val-de-Cães Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Renato Pinheiro Conduru	Repercussão cont. Denúncia contra Edilene.
08/set/08	Estudantes e selvagens	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Sobre os incidentes de violência recentes e as brigas no próprio desfile.
09/set/08	Medo da violência continua nas escolas	Abordagem de Conteúdo/ Ação contra violência	Bairro do Jurunas Escola Caldeira Castelo Branco Bairro de Val-de-Cães Dilma Sousa Catete	A insuficiência do reforço policial no combate à violência escolar.
10/set/08	Violência na escola “reflete a família”	Abordagem de conteúdo	Escola Estadual Dilma Sousa Catete	Causa da violência escolar.
12/set/08	Bandidos armados invadem escola	Violência Escolar Exógena	Instituto de Educação Integrado Albert Einstein (Augusto Montenegro)	Assalto à escola.
17/set/08	Escola estadual sofre com o abandono Roubo de materiais atrasa retomada das aulas na “Marluce Ferreira”	Violência Institucional/Violência Escolar Exógena	Distrito de Icoaraci Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Feliz Lusitânia” Escola Estadual de Ensino Fundamental “Marluce Pacheco Ferreira”	Denúncia das más condições físicas e estruturais da escola/Assalto á escola.
19/set/08	Estudante assassina vai a julgamento	Violência Escolar Endógena (violência fatal)	Bairro de Val-de-Cães Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Renato Pinheiro Conduru	Repercussão cont. Denúncia contra Edilene.
05/out/08	“Palmatória” ainda está na sala de aula	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Modelos educativos violentos.

11/out/08	Mais um colégio assaltado	Violência Escolar Exógena	Distrito de Icoaraci Escola particular	Assalto à escola.
21/out/08	Aluno espancado em sala de aula	Violência Escolar endógena	Bairro do Guamá Escola Municipal Amália Paugartten	Espancamento em sala de aula.
27/out/08	Droga seduz aluno e preocupa escola Primeiro contato com drogas ocorre geralmente no ambiente escolar	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Compreensão do fenômeno.
28/nov/08	Agressão lidera violência nas escolas	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Pesquisa sobre fenômeno.
29/nov/08	Capa: Aluno fere outro a tiro Estudante baleado na escola	Violência Escolar endógena	Bairro do Jurunas Escola Estadual Professor Camilo Salgado	Baleamento na escola com remissões ao evento promovido pela Seduc sobre violência escolar.
05/dez/08	No júri a estudante que matou colega Tese de legítima defesa não convence. Réu sai do TJE para a prisão.	Violência Escolar Endógena (violência fatal)	Bairro de Val-de-Cães Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Renato Pinheiro Conduru	Repercussão cont. Denúncia contra Edilene.
06/dez/08	Crime e castigo de 21 anos Estudante diz que atirou no colega em sala de aula somente para assustá-lo	Violência Escolar Endógena (violência fatal)	Bairro de Val-de-Cães Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Renato Pinheiro Conduru Bairro do Jurunas Escola Estadual Professor Camilo Salgado	Repercussão cont. Denúncia contra Edilene/baleamento na escola com remissões ao evento promovido pela Seduc sobre violência escolar.
11/dez/08	PM fecha cerco à violência nas escolas	Abordagem de Conteúdo/ ação contra violência	Não aparece	Reunião de discussão ao combate a violência.

ANO: 2009

Data/Ano	Título da matéria	Tipo de Violência	Bairro/Escola	Descrição Linhas Gerais
04/mar/09	Faltam carteiras para alunos em Outeiro	Violência Institucional	Distrito de Outeiro escola estadual Franklin de Meneses	Más condições físicas da escola.

06/mar/09	Exigência de proprietária de escola prejudica estudantes Palmira Gabriel não apresenta infra-estrutura	Violência Institucional	Bairro do Tapanã Centro Educacional Cultural São Jerônimo Distrito de Icoaraci Escola Palmira Gabriel	Más condições físicas da escola.
12/mar/09	Professor adoece com excesso de aulas	Violência Institucional	Não aparece	Más condições profissionais.
13/mar/09	Aluna esfaqueada na porta da escola	Violência Escolar endógena	Bairro do Tapanã Escola Estadual de Ensino Médio Dr. José Márcio Ayres	Esfaqueamento entre alunas dentro da escola.
14/mar/09	Professores assumem o papel dos pais Diretor de escola afirma que é difícil mudar o comportamento de aluno	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Discute de quem seria a responsabilidade pelo mau comportamento dos alunos: pais ou escola.
15/mar/09	Ensino público já foi motivo de orgulho	Abordagem de conteúdo	Paes de Carvalho e Augusto Meira	Má reputação das escolas públicas em virtude da violência.
15/mar/09	Professor, o melhor amigo do estudante Mestre enfrenta até a criminalidade	Abordagem de conteúdo	Bairro do Guamá	Má reputação das escolas públicas em virtude da violência/ apesar das dificuldades da escola, como precariedade e violência professores se propondo a continuar.
22/mar/09	Mochilas do kit já começam a rasgar Estudantes cobram entrega dos uniformes prometidos pelo Estado	Violência Institucional	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jarbas Passarinho Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor João Renato Franco	Más condições dos materiais escolares fornecidos pela secretaria e falta de uniforme.
25/mar/09	Faltam carteiras na “Eunice Weaver” Pais reclamam da demora na conclusão das obras da “General Gurjão”	Violência Institucional	Bairro da Pratinha Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Eunice Weaver”	Más condições do ensino.
26/mar/09	Escolas sem autoridade	Abordagem de conteúdo (editorial)	Não aparece	Ausência de autoridade na escola como produtora de violência.
04/abr/09	Pais de alunos exigem mais segurança	Abordagem de Conteúdo	Bairro da Terra Firme Escola “Nuremberg Borja de Brito Filho” Terra Firme	Reivindicação de mais segurança nas escolas do bairro.

08/abr/09	Alunos não têm condições de estudar	Violência institucional	Bairro da Cabanagem Escola Estadual de Ensino Fundamental Carlos Drummond de Andrade	Más condições físicas e estruturais da escola.
23/abr/09	Escola está há dois meses sem aulas	Violência institucional	Escola Estadual de 1º Grau Benjamin Constant	Más condições físicas da escola e reformas que impossibilitam o início das aulas.
12/mai/09	Alunos ignoram proibição de celular Estudantes fecham rua para protestar contra problemas na educação	Violência institucional	Não aparece	Proibição do uso do celular nas escolas/alunos reivindicação melhores condições na educação.
20/mai/09	Escolas não têm condições para aulas	Violência institucional	Distrito de Icoaraci	Más condições físicas da escola impedem aulas.
29/mai/09	Bandidos violentos invadem escola	Violência Escolar Exógena	Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Ciro das Chagas Pimenta	Assalto á escola.
19/jun/09	Violência fecha escola	Violência Escolar Exógena	Bairro Sideral Escola Estadual Cônego Batista Campos	Assalto á escola.
20/ago/09	Aluno de 15 mata colega de 13 Brigas banais e rixas se transformam em tragédias em escolas de Belém	Violência Escolar endógena	Bairro da Cremação Escola Municipal de Ensino Fundamental e Infantil Rotary	Esfaqueamento entre alunos dentro da escola.
21/ago/09	Último adeus ao garoto assassinado Direção da Rotary suspende as aulas até a próxima segunda-feira Vítima e infrator eram estudiosos e afáveis	Violência Escolar endógena	Bairro da Cremação Escola Municipal de Ensino Fundamental e Infantil Rotary, no bairro da Cremação	Motivação do crime cont.
26/ago/09	Amigos lembram vítima e pedem paz	Violência Escolar endógena	Bairro de São Brás Escola Augusto Meira	Remissão ao caso do Augusto Meira (ano passado).
15/set/09	A educação negada	Abordagem de conteúdo (editorial)	Não aparece	Relações entre educação e violência.
20/set/09	Violência bate à porta de escolas de Belém Assaltantes tentam atrair alunos em festas regadas a drogas e sexo	Abordagem de conteúdo	Bairros (CDP - Val-de-Cães, Terra Firme, Sacramenta e Icoaraci) Bairro de Val-de Cães	A realidade violenta das escolas.

Tráfico infiltrado nas salas de aula é um dos principais problemas			Escola Estadual Antônio Gomes Moreira	
21/set/09	De portas abertas contra a violência Programa ajuda a difundir a “cultura da paz” entre os estudantes	Abordagem de conteúdo	Bairro da Marambaia Escola Hilda Vieira Bairro de Val-de- Cães Escola Renato Pinheiro Conduru Bairro do Comércio Colégio Paes de Carvalho um colégio no bairro de Nazaré Bairro de São Brás Escola Estadual Augusto Meira Bairro da Cremação Escola Municipal de Ensino Fundamental e Infantil Rotary	Ação contra violência.
26/set/09	Estudantes querem faixa de pedestres	Violência Escolar Exógena	Bairro do Bengui Ensino Médio Raymundo Martins Vianna	Reivindicação de faixa de pedestre em frente a escola.
02/out/09	Arrastão em escola do Tapanã	Violência Escolar Exógena	Bairro do Tapanã Escola de Ensino Fundamental e Médio Nossa Senhora do Carmo	Assalto á escola.
23/out/09	Alunos filmam sexo com menina dentro do colégio	Violência Escolar endógena	Bairro de Nazaré Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental “Ulysses Guimarães”	Filmagem de sexo entre alunos na escola é divulgado.
24/out/09	Seduc promete aumentar fiscalização Alunas são constrangidas por colegas na rua	Violência Escolar endógena	Bairro de Nazaré Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental “Ulysses Guimarães”	Alunos envolvidos nas filmagens são alvo de constrangimento por outros colegas.
29/out/09	Bando assalta escola e ameaça alunos	Violência Escolar Exógena	Bairro Sideral Escola Estadual de Ensino	Assalto á escola.

Fundamental Professor
Nagib Coelho Martins

03/dez/09	Professor é condenado por racismo	Violência Escolar endógena	Não aparece	Professor que agiu com racismo contra aluno em 2002 é condenado.
19/dez/09	Capa: Violência tira alunos da escola Insegurança afasta quase 8% da escola Mais de 61% já ingeriram álcool	Abordagem de conteúdo	Não aparece	Pesquisas sobre violência escolar.

ANO: 2010

Data/Ano	Título da matéria	Tipo de Violência	Bairro/Escola	Descrição Linhas Gerais
17/jan/10	Falta de vaga em creche afeta 90% das crianças	Violência Institucional	No Pará como um todo	Falta de vagas em creche inviabiliza 90% das crianças paraenses de terem acesso
31/jan/10	Criança é vítima de <i>cyber bullying</i>	Abordagem de Conteúdo (<i>Ciber bullying</i>)	Não aparece	Tratando do assunto em si, não de um caso específico.
10/mar/10	Ano letivo começa com 129 escolas ainda em reforma	Violência Institucional	Não aparece	Más condições físicas da escola.
26/mar/10	Menina atingida na faixa de pedestre	Violência Escolar Exógena	Não aparece	Atropelamento na faixa de pedestre de adolescente que retornava da escola.
30/mar/10	Pesquisa aponta briga entre alunos como principal violência na escola	Abordagem de Conteúdo	Bairro Icoaraci Escola Professor Ciro das Chagas Pimenta Bairro de São Brás Doutor Aníbal Duarte Bairro do Guamá Padre Leandro Pinheiro Paulo Maranhão Frei Daniel	Resultados de uma pesquisa em Belém que aponta as brigas como principal forma de violência nas escolas.
31/mar/10	Escola Santo Afonso sem aula	Violência Institucional	Escola Estadual de Ensino Fundamental Santo Afonso	Pais reclamam da falta de aula e das condições precárias da escola.

04/abr/10	Agora, 'pulseirinhas' levam pânico a jovens Para jovens, pulseiras são só acessórios "Brincadeira" já provocou até estupro	Violência Escolar Exógena	Belém	Pulseiras com significados sexuais, vendidas nas frentes das escolas já causaram até estupro.
08/abr/10	Escola proíbe uso de pulseiras "do sexo" Aluno da 'John Knox' não pode usar adereço	Violência Escolar Exógena	Rede estadual	cont.
10/abr/10	PM fecha boate cheia de adolescentes Muitos pais acreditavam que os filhos estivessem nas escolas	Violência Escolar Exógena	Bairro de São Brás Pedro Amazonas Pedroso, Costa e Silva, Impacto, Vilhena Alves e Deodoro de Mendonça	Festa interrompida pela CIPOE, com adolescentes que deveriam estar na escola.
18/abr/10	Capa: Violência assombra 54 escolas em Belém Violência atormenta 54 escolas, diz PM Policiamento escolar dispõe de 90 policiais, mas o ideal seriam 300 Maioria de ocorrências atendidas pelo Cipo e ocorre no turno da tarde	Abordagem de Conteúdo	Bairros (Cabanagem, Guamá, CDP (Val-de-Cães), Bengui, Terra Firme)	Abordando o assunto e trazendo dados de ocorrências anteriores assim como da ação da CIPOE.
19/abr/10	Policiamento fixo em escolas violentas Com medo, professores pedem transferência Pesquisa identifica e quantifica formas de violência que mais atormentam	Abordagem de conteúdo	Bairros de Val-de-Cães, Terra Firme, Telégrafo, Icoaraci, Jurunas e Marambaia.	Tratando do assunto em si, não de um caso específico.
20/abr/10	Alunos da RMB são vítimas de bullying	Abordagem de conteúdo (<i>bullying</i>)	Não aparece	Dados de um estudo sobre <i>bullying</i> na escola.
30/abr/10	Professores roubados dentro de escola	Violência Escolar Exógena (assalto)	Distrito de Icoaraci Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria Antonieta Serra Freire	Dois homens invadem a escola e assaltam professores, na sala dos professores.
07/mai/10	Capa: Sala de aula vira reduto do medo Violência tem portas abertas na escola	Abordagem de conteúdo	Bairro de São Brás Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Augusto Meira	Tratando do assunto em si, não de um caso específico.

Alunos brigões não escolhem hora e saem no tapa dentro de sala de aula Assaltos e furtos também são comuns nas escolas da Grande Belém Seduc busca soluções para insegurança		Bairro da Cidade Velha Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio David Mufarrej		
11/mai/10	Estudantes do NPI clamam por segurança	Violência Escolar Exógena	Bairro da Terra Firme Núcleo Pedagógico Integrado (NPI) Escola estadual Mário Barbosa	Passeata pedindo segurança.
25/mai/10	Brincadeira, nada!	Abordagem de Conteúdo (bullying)	Não aparece	Trata do Bullying como fenômeno em si, isolado e ou apartado da discussão sobre violência escolar tratando do assunto em si, não de um caso específico.
27/mai/10	Pais exigem melhorias em escola	Violência Institucional	Bairro de Val-de-Cães escola estadual Presidente Castelo Branco	Protesto contra as más condições físicas da escola.
13/jun/10	Escola para quem?	Violência Institucional	Não aparece	Discutindo as condições em que se dá a educação.
14/jun/10	Falta de escola breca educação nas ilhas	Violência Institucional	Não aparece	Condições de educação nas ilhas.
	Encontros expõem agruras de quem vive às margens da cidade grande			
15/jun/10	Pais protestam contra falta de sinalização	Violência Escolar Exógena	Mario Barroso e Virgílio Libonati Perimetral	Protesto de pais contra falta de sinalização de trânsito na frente das escolas.
17/jun/10	Alunos assistem aulas no “chiqueirão”	Violência Institucional	Escola Poranga Jucá	Precariedade da escola.
25/jun/10	Medo domina a travessia até a escola	Violência Escolar Exógena	Mário Barbosa e Virgílio Libonati	Dificuldades de travessia de alunos devido às más condições de tráfego e sinalização frente à escola.
	Em trecho da BR, alunos se arriscam entre caçambas e carros de passeio			
	Após atropelamento na porta de colégio, prefeitura sinaliza avenida			

30/jun/10	Aluno reprova ensino no fim das aulas	Violência Institucional	Escola Municipal Ernestina Rodrigues Escola Doutor Freitas	Avaliação dos alunos a respeito da educação na rede pública.
03/ago/10	Primeiro dia de aula tem poucos alunos Professores afirmam que instituições precisam de alguns ajustes	Violência Institucional	Não aparece	pouca presença de alunos nas escolas após férias e condições das escolas
04/ago/10	Escolas abandonadas serão recuperadas	Violência Institucional	Júlia Seffer Presidente Castelo Branco Santana Marques	Escolas da rede estadual que não puderam retornar às aulas plenamente na segunda-feira, por causa de problemas estruturais.
07/ago/10	Estudantes ainda sem aulas na rede pública	Violência Institucional	Bairro da Marambaia Colégio Integrado Escola Hilda Vieira Escola Santana Marques	Alunos sem aula por conta da precariedade das escolas.
13/ago/10	Aluna esfaqueada na escola Vítima denuncia omissão de socorro e promete abandonar a escola	Violência Escolar endógena (Agressão Física)	Bairro do Jurunas Colégio Opção bairro do Jurunas	Aluna esfaqueada por outra na escola. Faz remissão ao caso de Soraya Barbosa (junho de 2008). Possível causa: disputa por namorado.
13/ago/10	Capa: Estudante leva sete facadas de colega dentro de escola Alunos aprendem violência nas ruas Desentendimento entre alunas termina em agressão no Guamá	Abordagem de Conteúdo	Bairro do Jurunas Colégio Opção Bairro do Guamá Escola Estadual Barão de Igarapé Miri	Discussão sobre violência escolar e continuação da apresentação do caso.
14/ago/10	Aluna que agrediu colega é internada	Violência Escolar endógena (Agressão Física)	Bairro do Jurunas Colégio Opção	Repercussão do caso
15/ago/10	A indisciplina nas escolas	Abordagem de conteúdo (Editorial)	Não aparece	Discussão sobre indisciplina/violência
21/ago/10	Estudante é agredido por motorista ao fazer protesto	Violência Escolar Exógena	Bairro da Sacramento Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Graziela Moura Ribeiro	Alunos fecharam a avenida Senador Lemos em protesto contra o que chamaram de péssima infraestrutura do colégio.
27/set/10	Professor condenado por pedofilia	Violência Escolar endógena	Bairro Parque Verde Centro Educacional Melhor	Professor abusa sexualmente de uma menina de seis anos na cozinha da escola.

Amigo				
27/set/10	Escola inicia campanha contra violência	Abordagem de Conteúdo/Ação contra violência nas escolas	Bairro da Terra Firme Mário Barbosa	Experiência de combate à violência encabeçada pelo Juizado da Infância e Adolescência.
28/set/10	Escola pública de Belém ganha núcleo de mediação	Abordagem de Conteúdo/Ação contra violência nas escolas	Bairro da Terra Firme Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Mário Barbosa	Inauguração do núcleo de Mediação de Conflitos Escolares (NMCE). A escola é a primeira instituição de ensino do Estado a abrigar tal iniciativa.
30/set/10	Aluna que golpeou colega fica retida	cont. 13 ago Violência Escolar Endógena	Bairro do Jurunas Colégio Opção	Desfecho do caso
01/out/10	Estudante espanca colega de colégio	Violência Escolar endógena (espancamento)	Bairro do Satélite Escola Estadual Dona Helena Guilhon	Adolescente agride colega de escola nas imediações do colégio sem motivação aparente.
03/out/10	Alunos convivem com a precariedade	Violência Institucional	Não aparece	Trata da precariedade do ensino e das escolas da rede pública
04/out/10	Escola da Marambaia sofre com goteiras e calor	Violência Institucional	Bairro da Marambaia Escola Estadual Temístocles Araújo	Más condições físicas da escola
28/out/10	Aluno esfaqueado na escola	Violência Escolar endógena (esfaqueamento)	Bairro da Marambaia Escola Estadual Temístocles Araújo	Adolescente esfaqueado por outro dentro da escola. Motivo: desentendimentos anteriores
29/out/10	Usuários de drogas ocupam escola Mãe de estudante esfaqueado diz que vai pedir a transferência do filho Programas envolvem comunidade para ter êxito no combate à violência	cont. 28 Out Abordagem de Conteúdo	Bairro da Marambaia Escola Estadual Temístocles Araújo	Cont. abordando o caso de esfaqueamento/ Aponta outros delitos que acontecem na escola/ e ações anti-violência no ambiente escolar
04/nov/10	Delegado ouve jovem esfaqueado Advogado diz que é preciso saber se houve omissão de gestor escolar	cont. 28 Out Violência Escolar Exógena	Bairro da Marambaia Escola Estadual Temístocles Araújo	Cont. abordando o caso de esfaqueamento/
12/nov/10	Escola denuncia onda de assaltos	Violência Escolar Exógena	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dilma Catete	Alunos protestam contra assaltos que ocorrem dentro da escola (por externos)

13/nov/10	Escola assaltada 15 vezes	cont. 12 nov Violência Escolar Exógena	Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dilma Catete	cont.
17/nov/10	Alunos protestam contra violência	Violência Escolar Exógena	Bairro Sideral Escola Estadual Nagib Matni	Protesto contra a violência. Há uma semana o colégio foi invadido por assaltantes armados.

APÊNDICE B – Apresentação resumida dos dados da pesquisa

ELEMENTO REITERÁVEL	SIGNIFICADO	SENTIDOS	APRECIÇÃO
VIOLÊNCIA	<p>Qualidade do que é violento; ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força; exercício injusto ou discricionário, ger. ilegal, de força ou de poder; força súbita que se faz sentir com intensidade; fúria, veemência; dano causado por uma distorção ou alteração não autorizada; o gênio irascível de quem se encoleriza facilmente, e o demonstra com palavras e/ou ações; constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação.</p>	<p>Manifestações do entorno e de situações internas (briga entre estudantes e outras de natureza explícita). Ambas como situações próprias do indivíduo, centradas ou no bandido ou no aluno.</p> <p><i>... internamente, a escola se vê envolvida com os mais diferentes problemas que levam a violência. São alunos sob a forma de turmas... que se agredem... alunos que chegam a ferir ou a matar professores(O LIBERAL, 17 de fevereiro de 2007)</i></p> <p>Homens armados invadiram a escola...assaltaram e humilharam o professor... (O LIBERAL, 17 de fevereiro de 2007)</p> <p>A violência se confunde com insegurança, criminalidade e indisciplina.</p> <p><i>INSEGURANÇA Reflexo da sociedade, as escolas oferecem um ambiente cada vez mais hostil aos alunos. (O LIBERAL, 23 de setembro de 2007)</i></p> <p><i>A onda de criminalidade na rede escolar pública e particular de Belém... não é de admirar que... 12% dos alunos e 15% dos funcionários de escolas de Belém não gostem da vizinhança dos colégios...</i></p> <p><i>Hoje, sobretudo em escolas particulares... os transgressores das regras disciplinares... (O LIBERAL, 24 de maio 2006)</i></p> <p>Considerada como um problema pré-existente (a violência social e ou urbana) que “agora” atinge a escola recentemente.</p> <p><i>O desafio que se mostra mais atual é o de compatibilizar uma realidade como a de hoje... (O LIBERAL, 24 de maio 2006)</i></p>	<p>Problema grave. Tratado sob um tom de preocupação e denúncia. Um crime. Tomada como problema e algo perigoso, que coloca em cheque a própria “escola”.</p>

BAIRRO	Porção de território povoado nas cercanias de uma cidade; povoado, arraial, distrito; cada uma das partes em que se divide uma cidade ou vila, para facilitar a orientação das pessoas e possibilitar administração pública mais eficaz; área urbana ger. ocupada por pessoas de uma mesma classe social	<p>O bairro é o local de formação da violência que atinge a escola, o lugar de onde a violência vem para dentro da escola. E, são sempre os periféricos.</p> <p><i>[...] Os registros de violência aumentavam de acordo com a localização das escolas. O maior número foi registrado nas escolas de bairros periféricos, como Cremação e Fátima. (O LIBERAL, 30 de outubro de 2001)</i></p> <p>O bairro se personifica na figura do agressor externo: o bandido, o assaltante, o criminoso; que no mais das vezes é o “jovem” e ou os próprios alunos. Há a insistência no entorno, como causa da formação de pessoas violentas em virtude de sua carência material, ou seja, da pobreza.</p> <p><i>As escolas, sobretudo as localizadas em bairros mais violentos, vêm sendo há muito sitiadas por quadrilhas que se mostram mais perigosas porque integradas por gente que mora no mesmo bairro. (O LIBERAL, 24 de maio 2006)</i></p>	Quando se trata de violência na escola, os bairros são sempre apontados, pela relação construída pelo jornal entre periferia-pobreza-escola violenta. Assim, estes são expostos por seus problemas, que são próprios do bairro, por serem da periferia; sob e tônica da insegurança, e de um problema antigo e persistente – a violência. Depreciados como bolsões de pobreza e problemas para a escola.
ESCOLA	Estabelecimento público ou privado onde se ministra ensino coletivo; conjunto de professores, alunos e funcionários de uma escola; prédio em que a escola está estabelecida	<p>A escola do contexto da violência é notadamente a escola pública, embora a escola particular seja mencionada, esta não aparece com a mesma ênfase.</p> <p><i>... agressões ou espancamentos foram relatados por ... funcionários e alunos... A maior parte nas escolas públicas. (O LIBERAL, 07 de abril de 2002)</i></p> <p>A escola é o local de acontecimento da violência, esta por si não é violenta ela torna-se violenta em virtude das ações de alunos e do seu entorno violento. Não tinha esse problema da violência, isto se deu recentemente. Não está cumprindo seu papel porque este é inviabilizado pela violência.</p> <p><i>... Escola é lugar para estudar... o cenário da escola deveria continuar o mesmo... em lugar disso, a violência que antes apenas rondava... tem adentrado seus portoes com muito mais força... (O LIBERAL, 23 de setembro de 2007)</i></p>	Questionada e desacreditada no seu papel educativo. Exposta por sua impotência para lidar com o problema sozinha e ou por si mesma. A escola é tomada por uma passividade, e incompetência Depreciada na sua capacidade educativa de se manter como local confiável, seguro.

		<p><i>Nesse tipo de ambiente em que predomina o medo e a insegurança, não há como garantir o bom ensino, a aprendizagem eficaz... (O LIBERAL, 17 de fevereiro de 2007)</i></p> <p>A escola é incapaz de lidar com a violência que a atinge, com somente medidas pedagógicas, por isso quando aparece como proponente de ações de enfrentamento, estas são rechaçadas. Na qual deva haver intervenção para que o problema se equalize.</p> <p><i>Polícia vai vigiar escola pública (O LIBERAL, 09 de setembro de 2004)</i></p> <p>Responsabilizada por permitir que a violência a atingisse. A escola não é a causa da violência, mas é responsável por ela está em seu ambiente, porque inoperante.</p> <p><i>- O que se observa de vários anos para cá, de forma, ressalte-se, progressiva? Observa-se que a escola está cada vez mais relaxada diante do seu dever de impor disciplina a seus alunos. (O LIBERAL, 15 ago, 2010)</i></p>	
ALUNO	<p>Aquele que foi criado e educado por alguém; aquele que teve ou tem alguém por mestre ou preceptor; educando; indivíduo que recebe instrução ou educação em estabelecimento de ensino ou não; discípulo, estudante, escolar; pessoa de parco saber em determinada matéria, ciência ou arte e que precisa de orientação e ensino; aprendiz.</p>	<p>Expresso pela dualidade aluno-vítima e por isso merecedor da escola; e o aluno-agressor que na escola pública assemelha-se ao bandido e deve ser excluído e o aluno-agressor da escola particular que é apenas o indisciplinado.</p> <p><i>... e demais estudantes, muitos dos quais procuram, por todos os meios, manter-se afastados da delinquência e dos delinquentes. (O LIBERAL, 24 de maio 2006)</i></p> <p><i>... São alunos sob a forma de turmas... que se agridem... alunos que chegam a ferir ou a matar professores(O LIBERAL, 17 de fevereiro de 2007)</i></p> <p><i>Por que, em vez de suspender o aluno que entrou na escola paulista com uma arma, a direção não o expulsou sumariamente? (O LIBERAL, 26 março 2009)</i></p> <p>Os alunos-violentos seriam os autores da ação violenta, sem produzi-la. Assim, tornam-se vítimas daqueles que o tornaram violento. O aluno envolvido com violência é o da</p>	<p>Os Alunos-vítimas são expostos por sua desproteção e interesse em buscar educação de qualidade. Apreciado pela preocupação em trabalhá-lo educativamente. Esboça a necessidade de cuidado com a formação do jovem; este deve ser objeto de atenção.</p> <p>Os alunos-violentos são vistos por sua transgressão, como um problema, uma ameaça à continuidade da escola como espaço educacional.</p>

		<p>classe pobre. <i>... educação começa em casa. "O aluno leva para a escola o que adquire em família"... "O Estado investe milhões em recuperação das escolas e qual é a resposta que obtém? As pichações", comentou. (O LIBERAL, 09 de abril de 2002)</i></p> <p><i>... os jovens na maior parte das vezes, reproduzem comportamentos dos adultos... (O LIBERAL, 09 de setembro de 2004)</i></p> <p>Merecedor de atenção e formação, de investimentos para não tornar-se violento. É o jovem. - ... evitar que os jovens se enveredem por caminhos ilícitos. (O LIBERAL, 07 mai, 2010)</p> <p><i>... A ordem é ainda apostar na reversão do quadro através de ações pedagógicas, baseadas no dialogo, ensino e integração dos estudantes. (O LIBERAL, 09 de setembro de 2004)</i></p> <p>Há também a perspectiva de testemunha, denunciadores. <i>...os estudantes... denunciaram que estão há três meses sem merenda escolar porque os alimentos são roubados por bandidos ... (O LIBERAL, 09 de setembro de 2004)</i></p>	
<p>PROFESSOR</p>	<p>Aquele cuja profissão é dar aulas em escola sobre algum assunto , que transmite algum ensinamento a outra pessoa e que tem diploma de algum curso que forma professores.</p>	<p>Aparece como vítima e destituídos de seu poder, de sua autoridade. <i>A geração que hoje avança pelos 60 anos de idade ainda tem vivo na memória o respeito reverencial, quase paternal que se tinha pelos professores na época em que eram crianças ou adolescentes. Muitos eram recebidos em sala pela classe em pé, um gesto que demarcava perfeitamente o grau de hierarquia. (O LIBERAL, 24 de maio 2006)</i></p> <p><i>... "Eles têm medo. Professor aqui não pode falar nada que se dá mal", disse uma estudante... (O LIBERAL, 09 de setembro de 2004)</i></p> <p>Testemunha dos fatos noticiados. <i>... professores indicaram a presença de ... armas... (O LIBERAL,</i></p>	<p>Apreciados por seu status inquestionável de “mestres”, a partir do seu papel de ensinar que o exime de qualquer culpa e ou responsabilidade do contexto violento da escola. Delineados a partir do medo, são apontados de maneira respeitosa, desresponsabilizado pela atual conjuntura da escola, onde suas atitudes, mesmo as menos corretas, são sempre justificáveis. Exaltado na sua função, de superioridade intelectual e sob uma tônica de inversão de valores, que</p>

		<p>07 de abril de 2002)</p> <p>Quando são apontados como autores há justificativa e condescendência por parte do jornal</p> <p><i>... os maiores problemas da escola são: desinteresse e indisciplina dos alunos (87%); ... seguido de <u>professores incompetentes e faltosos</u> (45%). Apesar disso, 70% deles reconheceram que os professores "orientam e conversam com os estudantes"... (O LIBERAL, 07 de abril de 2002)</i></p>	<p>anteriormente tinham o professor como figura social respeitável, o que se transfigura no desrespeito de tê-lo transformado numa figura qualquer na escola, por isto não a salvo da ação violenta.</p>
PESQUISADORES	<p>Que ou aquele que faz pesquisa(s)</p>	<p>Estudiosos formais e autorizados sobre o assunto e propositores de compreensão e soluções a violência.</p> <p><i>Reconhece-se que as explicações, as teorias, as pesquisas apresentam argumentos que não podem ser desprezados... (O LIBERAL, 21 de junho de 2008)</i></p> <p><i>... é o mais completo estudo sobre o que acontece dentro dos muros de colégios... o estudo levou em conta uma amostra de 24 escolas... (O LIBERAL, 20 de dezembro 2006)</i></p> <p>Aparecem como entidades confiáveis e incontestáveis de maneira que seu discurso vem no abalçamento do construto discursivo do jornal</p> <p><i>Ao longo de quase um ano, os pesquisadores ouviram pais, alunos, professores e servidores... o conjunto das respostas revelou uma escola pouco acolhedora, violenta, suja, quase insalubre... Além da baixa qualidade de ensino... (O LIBERAL, 20 de dezembro 2006)</i></p>	<p>Abordados pela confiabilidade própria dos mecanismos científicos e idoneidade da entidade realizadora já radicalizada socialmente.</p> <p>Apreciados por sua autoridade científica.</p> <p>Apresentados com seriedade e pelo status social que possuem.</p> <p>Aparecem como entidades confiáveis e incontestáveis de maneira que seu discurso vem no abalçamento do construto discursivo do jornal</p>
SEDUC	<p>Local ou repartição pública ou particular onde, ger., se centralizam os serviços de expediente e onde se guardam ou arquivam documentos de importância; conjunto de órgãos de um governo que cuida de um determinado setor da administração estadual</p>	<p>A Seduc é responsabilizada por potencializar medidas interventivas a violência nas escolas e a prestar esclarecimentos sobre essa questão.</p> <p><i>De acordo com a secretária, a Seduc tem desenvolvido vários projetos de combate a violência e de prevenção ao uso de drogas nas escolas da rede pública estadual. (O LIBERAL, 09 de abril de 2002)</i></p> <p><i>Uma das medidas já tomadas (pela Seduc) para minimizar os riscos foi <u>reduzir a duração das aulas noturnas de 50 para 45 minutos.</u> ... Outras providências... uma ação integrada das</i></p>	<p>Apresenta-se pelo descrédito e como opositor a proposição do jornal de "expor os fatos". Demarcados pela omissão mediante o problema; e pelo descrédito das informações de ações e sua eficiência no enfrentamento a violência. A Seduc é questionada na eficiência do seu papel de gerir a educação no Estado.</p>

		<p><i>secretarias de Estado de Educação e de Segurança Pública, Polícia Militar e Ministério Público do Estado... a partir de um mapeamento das áreas de maior periculosidade. (O LIBERAL, 07 mai, 2010)</i></p> <p><i>[...] O mais curioso é que a secretária de Educação do Pará, ... procurada duas vezes semana passada por nós., afirmou por meio de sua assessoria que não poderia comentar o assunto porque estava prestes a viajar. Mas, generosa que é, enviou informações por e-mail sobre números de investimento em segurança – algo como R\$ 1,9 milhão para o policiamento das escolas estaduais paraenses, que seriam protegidas por 117 soldados. Não é o que dizem os números. (O Liberal, 30 de outubro de 2001)</i></p>	
POLÍCIA	<p>Conjunto de leis e disposições que asseguram a ordem, a moralidade e a segurança em uma sociedade; corporação que engloba os órgãos destinados a fazer cumprir esse conjunto de leis e disposições; o conjunto de membros dessa corporação; ordem, segurança pública.</p>	<p>A CIPOE é responsabilizada pelo trato direto com as ocorrências violentas na escola pública, tomando as medidas necessárias para a solução ao problema da violência dentro e fora da escola.... Todas as ocorrências são registradas e investigadas pela polícia... nós estamos buscando soluções em parceria com a Companhia de Policiamento Escolar (Cipoe) (O LIBERAL, 09 de setembro de 2004)</p> <p>A Cipoe se atribui a responsabilidade por acompanhar a evolução do problema na escola. Aparece como protetora da escola, e única com competência para tratar do assunto; inclusive na proposição pedagógica.</p> <p>Violência gera violência. Por esse motivo, nós criamos <u>um grupamento de palestrantes da Cipoe</u>. ... <u>Professores, alunos, pais e responsáveis participam</u> da atividade. O efeito desse projeto é muito positivo”. (fala do comandante da cipoe) (O LIBERAL, 02 de setembro de 2008)</p> <p>... uma situação que poderá vir a ser rotineira, se não houver atuação policial... (O LIBERAL, 17 de fevereiro de 2007)</p> <p>A polícia normal é ineficiente no trato das questões referentes à violência nas escolas, pela abrangência do fenômeno e especificidades da violência no ambiente escolar.</p>	<p>O texto está repleto de enunciações que colocam os policiais (Cipoe) pela sua atuação no combate à violência escolar, justificando-a e defendendo-a. Apreciada positivamente em suas ações e sob a legitimidade dessa ação e mesmo suas fragilidades são justificáveis. Confiabilidade na execução do seu trabalho e exaltada na sua necessidade, e sua superioridade em relação ao papel da escola, pois que não só lhe garante o que esta deveria tratar por conta própria, como a ensina como agir.</p>

		<i>Aparelhar, atualizar as estruturas policiais e investir nos bons profissionais seriam o mínimo para começar a se pensar em condições de enfrentar um problema, e ainda assim pelos seus efeitos... (O LIBERAL, 21 de junho de 2008)</i>	
FAMÍLIA	Grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (esp. o pai, a mãe e os filhos); grupo de pessoas que têm uma ancestralidade comum ou que provêm de um mesmo tronco; pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou, excepcionalmente, pela adoção.	<p>A família pobre e desestruturada seria a formadora do jovem violento. Aparece tanto como responsável pela formação do jovem violento, e por isso como causa da violência na escolar;</p> <p><i>- Assim, na sociedade há cobranças de uma participação da família, de uma estrutura familiar praticamente inexistente no mundo contemporâneo dos valores invertidos pelas ideologias de consumo e de mercado. (O LIBERAL, 21 de junho de 2008)</i></p> <p><i>A pesquisa identificou também que raros são os casos em que os pais... se mobilizam para enfrentar a questão da violência dentro das escolas... (O LIBERAL, 20 de dezembro 2006)</i></p> <p>Testemunha das condições de violência vivenciada pela escola. como denunciante da escola insegura que não proporciona aos seus filhos condições de aprendizado</p> <p><i>... Em depoimentos comoventes, pais de alunos relatam agressões, assaltos e até estupros nos colégios estaduais. (O LIBERAL, 23 de setembro de 2007)</i></p> <p><i>... pais, alunos e professores estão juntos quando o assunto é reivindicar melhoria da qualidade de ensino. (O LIBERAL, 20 de dezembro 2006)</i></p>	Apresentada sob a perspectiva da ausência e negligência. Aparecem sob a tônica da desestruturação; por isso geradora de jovens problemáticos. Sensíveis ao problema da violência nas escolas
O LIBERAL	Publicação diária, com notícias sobre o cenário político nacional e internacional, informações sobre todos os ramos do conhecimento, entrevistas, comentários etc.; gazeta, periódico; qualquer periódico escrito em que é feito um relato cotidiano dos acontecimentos.	<p>O jornal se coloca como o meio sem o qual a sociedade não teria acesso às informações e situações ocorridas na escola.</p> <p><i>A secretária-executiva de Educação [...] foi procurada por OLIBERAL [...] (O Liberal, 30 de outubro de 2001)</i></p> <p>Como o responsável por transformar a violência escolar em um problema social reconhecido, capaz de atingir a comoção das pessoas e do poder público inferindo no seu enfrentamento e solução.</p> <p><i>A comoção pública, devido à divulgação detalhada dos crimes pela mídia, exige explicações e justificativas das autoridades... (O LIBERAL, 21 de junho de 2008)</i></p>	Por meio da autoreferenciação o jornal se expõe como uma presença social relevante, porque sempre interessado na busca de tratar os problemas sociais.

